







MANIFESTO 1901

---

Dr. Manoel Victorino

VICE-PRESIDENTE DA REPUBLICA

À NAÇÃO



---

BAHIA

Typ. e Encadernação Empreza Editora

1898

1898  
320  
486  
2897

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume achou-se registrado

sob número 203

do ano de 1957

COBI



BIBLIOTECA  
DO  
SENADO FEDERAL



*Dr. Manoel Victorino Pereira*<sub>2</sub>



## AO LEITOR

---

O paiz inteiro sabe como o partido que apoia a actual administração servio-se do attentado commetido em 5 de Novembro do anno passado para envolver no crime os personagens mais salientes da opposição.

Seria uma manobra politica como muitas outras, se não se tratasse de tão grande desgraça publica e se este pensamento perverso não tivesse sido executado com desvairada teima e leviandade indecente até pelas pessoas que mais estavam no caso de conhecer os planos politicos do governo.

A mais perseguida das victimas, como sempre acontece em casos analogos, foi a mais illustre, o Vice-Presidente da Republica; ou porque houvesse o proposito de ferir mais profundamente todo o partido a que elle pertencia e que creava cada dia taes forças no seio da nação que era evidente não poder mais a administração publica passar sem o seu auxilio e conselho; ou porque, atacando especialmente a sua honra e reputação, houvesse a esperanza de incompatibilisal-o tão completamente para o primeiro logar na governação do paiz, que elle não podesse occupar esse cargo, caso fosse chamado para exercel-o; o que lhes era para receiar a cada instante, visto a debilidade da saude do chefe do estado, e popularidade de que gozava o Vice-Presidente pela firmeza, vigor e bons effeitos do seu periodo de governo durante o impedimento do Presidente.

Então os jornaes filiados ao partido dominante na capital e nos estados, encheram-se de boatos anonymos sob a forma de *telegrammas* e *constas* ou de artigos miudos, annunciando que os presos tinham feito confidencias compromettedoras, que papeis importantes se tinham descoberto que revelavam a cumplicidade do Vice-Presidente.



Um inquerito policial, entregue a pessoa que se revelou apta para aquiescer e executar o triste plano, começou a fazer-se.

Não demoveo aos directores ou agentes da trama partidaria a consideração, que occorria a todos os bons cidadãos, de que o plano que se punha em pratica e que tinha abertamente por fim rebaixar o Vice-Presidente da Republica, desprestigiaria e des-honraria a esta perante o mundo inteiro, nem que tudo isso encobria mal os interesses do governo na eleição presidencial muito proxima e que realmente se realisou logo após o estado de sitio.

Mas nem reflexões se podiam fazer, porque qualquer observação moderada recuava diante dos apodos com que as columnas de certos jornaes flagellavam a quem se atrevia a fazel-as, ou, peor do que isso, desapparecia deante de uma especie de lei dos suspeitos que fazia considerar conniventes no crime todos os parentes e amigos dos accusados, sequestrar as suas cartas e telegrammas, negar-lhes todo o direito e quasi até o ar para respirarem.

A desconfiança e o terror entraram em toda a parte, graças ás medidas cuidadosamente empregadas, de modo que muitos amigos já repudiavam antigas relações com os accusados, pelo medo que estas perseguições sempre infundem nos caracteres interesseiros ou pouco firmes.

As pessoas de boa fé sentiram-se abaladas pelas declarações contradictórias que se dizia feitas por um dos mandantes convencidos do assassinato, apesar da soffreguidão que se lhe descobria de desejar comprometter na sua desgraça a pessoas altamente collocadas para alliviar o proprio vilipendio ou para satisfazer a interessados em taes accusações sob promessa de diminuição da pena.

As cartas porem tinham sido queimadas ou perdidas, os documentos desapparecidos com os mais ridiculos pretextos!

Deo-se depois, e trouxe a todos os espiritos a convicção de que a accusação tinha a consciencia de sua insubsistencia, a morte mysteriosa do soldado Marcellino Bispo de Mello, assassino do Marechal Ministro da Guerra.

Transpareceu então que não tinha sido possivel



obter d'este declarações no sentido desejado e que uma execução summaria, sem julgamento, no calabouço, impuzera-se como o meio unico de fazer calar a voz capaz de indicar os verdadeiros culpados e os innocentes.

Escapavão, entretanto, á sagacidade dos agentes encarregados da sombria missão a circumstancia de não ser evidentemente possivel a um homem alge-mado fazer os preparativos do seu enforcamento, conforme se verifica do exame cadaverico.

O governo tinha ido muito longe na sua exacerbação e colera dos primeiros dias, na asseveração insensata das suas suspeitas, e seguia agora logica e fatalmente, de cabeça baixa, o caminho do despotismo, que o levou á violencia, á injustiça e quiçá ao crime.

Só depois do desaparecimento de Marcellino Bispo foi que se publicou o inquerito policial do delegado Vicente Neiva, que termina por considerar culpados os vultos mais eminentes, os homens de mais energia e prestigio do partido republicano federal, de mistura com accusados vulgares.

Nunca tambem se vio uma violação maior da formulas do direito, nem mais escandaloso esquecimento dos cuidados com que as leis de todos o povos civilizados cercam qualquer cidadão para garantir a sua honra contra a calumnia e a delação.

Nunca se offendeo com tão acintosa insolencia as normas de deferencia, attenção e respeito com que nos paizes cultos se trata aquelles que encarnam ou podem vir a encarnar a dignidade e magestade da nação.

O facto de ter sahido de casa n'aquelle dia para a recepção do General Barbosa foi um capitulo de accusação, do mesmo modo que o não ter prestado os serviços da sua agulha cirurgica para coser o tecido adiposo do ventre do Coronel Mendes de Moraes que estava cercado de medicos e cirurgiões.

O facto de não ter ido tentar chamar á vida o cadaver do general assassinado a cerca de meia hora, bem como o não ter corrido ao Cattete a derramar algumas lagrimas no regaço do Presidente da Republica ou nas alcatifas do seu palacio, foram tambem razões para essa accusação monstruosa.



#### IV

Entretanto, nem uma prova, nem um documento, nem uma linha escripta, nem uma palavra testemunhada, nem qualquer cousa, por pequena que fosse, que bastasse a constituir prova ou indicio valioso em juizo, poude ser exhibida contra o eminente accusado.

Só não se dizia no libello que o accusado era criminoso porque o governo queria que elle o fosse, porque já a muito annunciara, que elle devia ser criminoso; mas se não o dizia expressamente o libello *amaro* da justiça no estado de sitio, dizia-o entre linhas na insania de suas conclusões, e confirmavam-no á luz meridiana as *habeis* diligencias do inolvidavel inquerito desde as confabulações familiares do Sr. Eduviges com Deocleciano Martyr até o *suicidio* de Marcellino Bispo, ficando-lhe o cadaver com as mãos ainda atadas!

Só quando terminou o sitio poude o Vice-Presidente da Republica defender-se e lançar á nação o manifesto que se segue, onde irrompe com a repulsa da injuria a innocencia da sua alma, a superioridade das suas vistas politicas e patrioticas, a indignação lo caracter de um homem de bem a quem se quiz orpemente infamar.

Os tribunaes proferiram já a sua sentença final, disseram a sua palavra luminosa e soberana sobre a torpe accusação tão grosseiramente assacada contra o Dr. Manoel Victorino; e pronunciaram-se firmes, com a sobranceria de quem honra a sua nobre missão, repellindo das conchas de sua balança o peso vil do ouro com que os governos sem pejo compram os caracteres venaes, tanto quanto o do sabre mercenario com que os despotas inquietos aterram e subjugam os covardes. Mas á reparação da negra injuria não basta annunciar ao povo brasileiro que o poder judiciario vingou dos bôtes da calumnia o sub-chefe do Estado; desde que o paiz inteiro ouviu os boatos espalhados, pois que a Bahia principalmente leu as insinuações perversas e anonymas, os trechos truncados, as proprias expressões alteradas da carta enviada pelo Vice-Presidente ao Sr. Hasselmann, no periodo da propaganda atroz da calumnia em jornaes obedientes ao governo, leia tambem com attenção e guarde com apreço a defesa do illustre perseguido, ainda mal conhecida, pouco divulgada, pela difficuldade com que

transitaram e pelo mysterioso destino que em sua maioria tiveram no *Correio Geral do Brazil* os numeros d'*O Pais* em que primeiro foi publicada; leiam todos os bahianos que amam a justiça e respeitam o merito, e archivem com admiração e orgulho o protesto eloquente, vibrante, digno e altivo de um dos mais nobres fillos d'este generoso torrão contra a infame denuncia que tentou enlodoar o seu nome, envergonhando e abatendo a patria!

E que essa esplendida peça, forte e sonora como o bronze, polida e luzente como o ouro, depois de fazer ruir como fragil castello de cartas a perseguição miseravel de mesquinhos adversarios e de um poder sem escrupulos, bata como um látego de castigo a face dos que se aproveitam da administração publica para fazer triumphar os interesses dos partidos; e lembre-lhes em todos os tempos, atteste á nação desaffrontada que meios como esses que ora foram tão perversamente explorados para desprestigi- ar e perder o Vice-Presidente da Republica, surtem o effeito opposto: como o lodo enxovalham os que d'elle se servem, e como o fumo se esvaem ante o sopro do direito, da verdade e da justiça, deixando mais assignalada pelo contrasté a pureza da consciencia que não se vende a esses carvoeiros da politica e a clarividencia do espirito que repellio a solidariedade com o governo das trevas, da hypocrisia e da corrupção.

MUITOS ADMIRADORES DO VICE-PRESIDENTE.





# A' MINHA PATRIA

## Aos meus Concidadãos

### I

E' a ti, ó Patria adorada, em meio desta noite de agonias e de miserias, que atravessas, suando sangue no horto da traição, que eu dirijo as primeiras supplicas de clemencia e de amor: — clemencia, pelo muito que sou forçado á magoar-te, expondo á indifferença, ou ao escarneo do mundo as tuas feridas reabertas pela furia e perversidade das paixões as mais cruéis e as mais villãs;—amor, pelo muito que te devo, e que, a despeito das mais dolorosa torturas, dos mais duros soffrimentos, faz-me venerar o teu vulto magnanimo de Mãi, como se estivesse erguida diante de mim, em contemplação amavel, aquella mesma que o destino fatal ainda ha dias me roubou, quando mais do que nunca eram-me necessarios o conforto e a confiança dos seus conselhos, e o balmamento dessa divina religião, com que ella sempre amparou o berço, o lar e a honra dos seus filhos.

A ti igualmente, ó ideal sereno e nobre da Republica, a ti igualmente me dirijo; bella concepção, que ainda não tiveste existencia; sonho de uma juventude irrequieta e generosa; derradeiros anhelos, visões de uns predestinados, que levaram para o tumulto o segredo das suas virtudes e da sua fé; diante do teu culto, idéa nova, que eu esperava dourasse a cabeça dos meus filhos, como o sol radioso de fecunda primavera, curvo-me triste e abatido. Estava escripto que seria muito longo e cruel o periodo das tuas provações; e que aquellos, a quem havias confiado

os teus mais caros destinos, teriam de anunciar o teu advento aos povos, condemnando-os a fome e á vergonha!

Diante, porem, das tuas ameaças e violencias, ó diffamação arvorada em prégão de probidade official; calumnia convertida em sabedoria de governo; infamia dos conluios e das delações ignobéis transformada em arma de guerra para combater adversarios francos e leaes que jámais lutaram nas trevas; diante desse assédio de lama contra um homem que se quer eliminar pelo desprestigio, pela deshonra; diante dessa campanha, que é a mais severa das condemnações dos que a promoveram, porque pretende escalar uma posição, conquistar a vice-presidencia da Republica, não pela violencia brutal e abominavel do punhal, o que seria, entretanto, um acto de coragem, mas pela covardia, muito mais perversa e criminosa, da corrupção, do suborno fingido de autoridade, com o fim de trucidar a honra, desdourar os serviços e o passado, infamar o nome de quem outra fortuna jámais esperou legar á sua descendencia; diante desse misero e triste terror, de que o mais possuido é aquelle mesmo que o provoca, nem cedo, nem me abato. Erecto, alto bem alto, levanto a minha frente, repelindo com o desprezo das consciencias limpas essa nodoa, que me quizeram atirar aquelles que, por atavismo, herança ou tradições, trouxeram para o regimen novo a suspeita ou o sentimento de que o bocamarte é a solução mais prompta das rixas politicas, assim como o latego era outr'ora o processo mais facil de fazer calar eternamente o escravo revoltado.

A educação modesta e religiosa que recebi de meus pais; os sentimentos de cordura e de bondade que elles tanto me incutiram, fizeram-me odiar a violencia, que nada edifica, que tudo aruina. Se isso não bastasse, na historia e na experiencia de todos os povos, eu teria bebido a lição que os meus detractores de hoje, ainda uma vez, tão inepta e desgraçadamente esqueceram.

Os assomos de indignação que tiver a minha linguagem, as verdades duras e cruéis que proferir, não exprimem o rancor ou o odio: são a repulsa altiva



e elevada dos mais atrozes e affrontosos ataques, que tem soffrido um homem publico neste paiz.

Bem sei que as perseguições politicas são as mais ferozes e desvairadas. Para ellas tambem reservou a historia os castigos mais severos, duradouros e fataes. Na vida de todos os povos é constante a exemplificação desta verdade.

Em 1842, na rebelião de Sorocaba e Barbacena pôde o governo envolver alguns dos homens politicos mais fortes e mais habéis da opposição. Os Ottonis foram presos e entraram nesta cidade amarrados. De Vergueiro e Feijó, não o passado de gloriosos serviços, a grande obra da regencia, porém a velhice, preservou-os de igual supplicio.

Dois annos depois, era este o juizo que desse governo fazia, quasi sem protestos, o mais notavel orador da camara, o eminente Antonio Carlos:

«O ministerio de 23 de Março foi uma amalgama horrivel de quanto houve de perfidia em Tiberio, de atrocidade em Nero, de mania furiosa em Caligula, de estupidez em Claudio.»

Eu aguardo tranquillo o que dirão do actual governo os Andradas de amanhã.

---

Quando o *Diario Official* editou com a maxima enscenação e apparato a peça diffamatoria, que se intitula *Inquerito sobre o attentado de 5 de Novembro*, julguei necessario fazer a declaração de que me considerava superior as referencias, que nesse papel se liam, e que, opportunamente, quando pudesse falar livremente á Nação, dar-lhe-hia as seguranças de que a minha dignidade pessoal, assim como o prestigio e honorabilidade do cargo, que me havia sido confiado pelos suffragios, que elegeram igualmente o presidente da Republica, mantinham-se intactos e inatacaveis.

O meu silencio, até então, era ditado pelo mais elementar criterio, apezar da plena evidencia do que se preparava nas regiões officiaes e na imprensa que recebia as suas inspirações. Nem o governo admittia que os jornaes independentes aceitassem artigos, que defendessem, ainda nos termos os mais moderados, a opposição e o vice-presidente da Republica



dos ataques os mais virulentos e desleaes; nem a elevada posição, que exerço, permittia-me, quando a policia acaso consentisse, que eu apanhasse do anonymato pago dos a pedidos dos jornaes accusações tão inverosimeis quanto injuriosas, para dar-lhes o apreço de uma resposta.

Da promessa que fiz em minha declaração, vim hoje desempenhar-me, sem, entretanto, poder affirmar que a minha liberdade de pensar, discutir e escrever não esteja ainda ameaçada.

O segundo magistrado do paiz, aquelle para quem a substituição e a successão presidenciaes, assim como a presidencia do Senado, devem estar tão garantidas no texto constitucional, como está para o presidente da Republica a sua effectividade, é o cidadão mais exposto e desabrigado do paiz:—se, por impedimento do presidente, acha-se exercendo as funcções de chefe da Nação, aliás com a integridade do poder que este exercicio presume, despedem-n'o com maior facilidade e menores attensões do que ao continuo de uma repartição, ou a um criado de servir, a quem se dá o tempo de arrumar as malas:—as praticas adoptadas são as de mandar-se um officio por qualquer cabo de ordens, sem mais formalidades, communicando que o effectivo reassumiu as funcções do cargo:—se, por qualquer circumstancia, o mesmo funcionario não pensa como o presidente, não approva a sua politica, não applaude os seus actos, fazem-n'o responsavel pelas aggressões que aquelle soffrer e corre o risco de ir para o carcere, não só nessa hypothese, que é de excepcional gravidade, mas em casos muito mais simples, quando o despeito, ou interesses contrariados de individuos a quem elle desagradou no governo, preparem-lhe um inquerito policial em segredo de Justiça, com os recursos da respectiva verba, e mandem depois qualquer promotor subscrever a denuncia e requerer a prisão preventiva!

Eis a verdadeira situação do vice-presidente da Republica e presidente do Senado!

Não me queixo, porém, de taes contingencias, porque, effectivamente, peor do que eu está a Nação inteira.

E se não, ella que diga quem é que lhe garante o



uso de suas liberdades, a pratica dos seus direitos e garantias?

Sessenta annos levou a monarchia a conquistal-as; oito tem a Republica empregado em desenvolvel-as na sua legislação; entretanto, em um momento dado as dictaduras pessoases, que governam o paiz, annullam completamente o cidadão, as suas faculdades, os seus direitos; absorvem todos os poderes, ainda os mais elevados e independentes, e a liberdade, a vida, a propriedade, a honra, a fortuna, o lar, ficam sujeitos ao arbitrio e aos desvarios do odio, da vingança e da perversidade do poder unico e dos seus agentes!

No primeiro quatriennio constitucional, os juristas que hoje dominam o paiz procuravam attribuir este estado semibárbaro, ou antes, bárbaro da nossa cultura politica aos governos militares. O sitio era e não podia deixar de ser, diziam elles, nas mãos dos *sargentões*, como os qualificavam, senão a verdadeira e classica lei marcial. Logo, porém, que o paiz entrasse na sua *phase juridica*, todas essas anomalias, para as quaes não lhes faltavam qualificativos condemnatorios, haviam de desaparecer.

Os factos vieram provar o contrario:

O primeiro sitio do governo civil foi a confiscação de todas as liberdades publicas e particulares, o ataque ou a ameaça a todos os direitos e garantias, e a interrupção real das funcções dos demais poderes, verdadeiro *interregno constitucional*, na mais ampla accepção da phrase.

Desde o motivo da decretação até o ultimo dos incidentes da duração do sitio, tudo esteve fóra da doutrina e dos preceitos constitucionaes.

O presidente da Republica, na mensagem ao Congresso Nacional, em que pedia a medida excepcional, confundia o sentimento de pezar e indignação que o attentado havia produzido, e que elle qualificou de *commoção*, com a *commoção intestina*, a que allude o texto constitucional, e que evidentemente se refere a agitação profunda e grave, abalando a ordem publica. A essa causa juntaram oradores das duas Camaras a affirmação de que o governo tinha nas mãos os fios de uma vasta e poderosa conspiração, ameaçando a estabilidade do poder constituído.



Dias depois, o proprio governo e seus amigos encarregavam-se de revelar as causas reaes da medida. Jornaes de Pariz, que ahi naturalmente recebiam informações officiaes, tão minuciosas eram ellas, diziam, e essas noticias eram aqui traduzidas e transcriptas pelos que mais privam com os ministros, que — «não havia motivo para a má impressão que nas primeiras praças do mundo produzira o sitio decretado na capital brazileira. Essa medida fôra bem inspirada no interesse de conter, ou afastar a opposição do Congresso, que estava obstruindo com discussões violentas a passagem das leis financeiras que o estado do paiz reclamava e o tratado de arbitramento com a França.»

Obtida esa medida e encerrado o Congresso, ainda o governo não havia encontrado a conspiração que annunciara; foi-lhe mister prorogar o sitio para concluir o inquerito, e este, após um esforço inaudito, que absorveu todas as energias governamentaes durante mais de dois mezes, colheu, á custa das mais infames delações e calumnias, os vinte indiciados, exactamente o numero que o codigo exige para qualificar o crime alludido.

O que mais curioso, porém, se observa é que, ao cabo de tudo isto, é o mesmo governo que se empenha em sustentar, por meio dos seus prepostos na imprensa, que não houve crime de conspiração (!), que se trata simplesmente de um crime commum, afim de afastar os accusados dos seus juizes naturaes.

A' vista desta rapida enumeração de factos notorios e incontestaveis, veja a Nação quaes foram os motivos reaes do sitio:

— Dispersar a opposição do Congresso e annullar a sua função constitucional de fiscalizar e corrigir as medidas e actos do governo;

— Envolver em um inquerito policial, feito em segredo de justiça pelos mais odientos e accusados agentes do poder publico, sem formalidades nem garantias, absolutamente tolhidos todos os recursos e direitos de analyse e defesa, os homens publicos que mais incommodavam o governo nos seus planos de dictadura, e nos seus erros funestissimos de politica e de administração.



Eis as causas reaes do sitio.

Na historia de todos os sitios decretados ha algum que tenha tido moveis tão abusivos, intuitos tão injustificaveis, ataques tão formaes ao espirito e á letra da Constituição? Nenhum, absolutamente.

Tão condemnaveis como os motivos da decretação foram os actos praticados durante o sitio.

O marechal Deodoro, dissolvendo o Congresso, a 3 de novembro, teve a audacia de um golpe franco, a peito descoberto, em uma luta, na qual ou elle ou o Congresso teria que succumbir. O Dr. Prudente de Moraes conhece bem as peripecias dessa campanha, em que a sua teimosia provocou a crise funesta, ponto de partida de todas as agitações e desgraças da Republica.

O Congresso, violentamente dissolvido naquella época, era ainda assim o poder constitucional; reagia e vingava-se, pondo o ditactor fóra da lei, desde que elle não tinha quem lh'a dêsse: o Congresso, violentamente annullado pelo Dr. Prudente de Moraes, deixou de ser um poder constitucional, converteu-se em secretaria dos ministros, postos fóra todos os empregados, que não se conformavam com as opiniões dos chefes.

Não existe poder sem liberdade de pensar e de agir. Não ha assembléa politica sem a capacidade de livremente discutir e deliberar. Nenhum acto de autoridade, ou de poder publico é valido se elle for praticado sob a coacção da violencia, ou da força armada. As immuniades conferidas ao senador, ou ao deputado, fazem parte integrante da funcção, que elles exercem. Supprimil-as é supprimir a funcção.

O Governo, que começou a prender deputados e senadores antes mesmo de decretado o sitio, aboliu por esse acto dictatorial a funcção legislativa. Todas as leis votadas nesse periodo podem ser atacadas, ou desobedecidas como inconstitucionaes: desde 10 de Novembro que cessaram de funcionar, como manda a Constituição, ambas as camaras deliberantes.

Foi por isso que recusei-me a presidir o Senado. Aquella corporação, sempre tão respeitavel e respeitada, pela elevada serenidade e grave ponderação das suas deliberações, viu votarem-se em momentos os mais graves assumptos sem exame e sem discussão.



Os orçamentos tiveram, quasi todos, o mesmo relator e mesmo parecer, concebido em uma duzia de linhas e nos mesmos termos, que são o mais significativo protesto dos amigos do governo á posição insustentavel, a que elle os condemnou.

O tratado com a França sobre o contestado de Amapá foi votado com o mesmo desalinho e irreflexão.

E assim ficou sendo lei do paiz essa obra orçamentaria, julgada inconstitucional e monstruosa até pelos proprios intimos da situação; e assim ficou preparada a solução de um litigio secular, que pôde envolver cessão de territorio nacional: questão gravissima, a que a monarchia applicou sem resultado o atilamento, a competencia e o esforço dos seus melhores diplomatas e estadistas.

Tudo isso se fez sob a pressão do sitio, presos uns, foragidos outros, e ameaçados muitas dos senadores e deputados, que eram constantemente acompanhados e perseguidos por agentes da policia secreta, que iam até ao proprio recinto das camaras.

Entretanto, as assembléas legislativas mostram-se tão ciosas das suas liberdades, que vedam em seus regimentos qualquer manifestação de applauso, ou desagrado, como circumstancia capaz de constranger o senador, ou o deputado, e de impedir a livre manifestação do seu pensamento.

Quando em 1894, na ultima decretação do sitio, concedida ao marechal Floriano, discutiu-se a posse e uso das immunidades, foi uma questão vencida no Congresso Nacional — que essas prerogativas da funcção eram inalienaveis, não pertenciam ao eleito e sim ao seu cargo, e muito menos podiam ser sequestradas pelo governo. *Sustentaram e apoiaram estas sãs doutrinas o actual presidente da Republica, o seu ministro do interior e justiça, e quasi todos os senadores e deputados, que ultimamente advogaram e praticaram doutrina opposta.*

Teria sido muito mais nobre, muito mais generoso, muito mais patriotico mesmo, dissolver o Congresso, como fez o marechal Deodoro, do que abatel-o, humilhal-o, avital-o, escolhendo pela prisão e pela ameaça os deputados e senadores que deviam votar e até dentre estes collocando muitos sob a vigilancia



policial, encarregada de seguir os seus passos e de apanhar as phrases e os seus gestos. Sem liberdade e sem dignidade, nem os homens, nem as corporações politicas podem subsistir: fallece-lhe o prestigio e a autoridade, que são a essencia da sua vida.

O cunho caracteristico do estado de sitio de 10 de Novembro, successivamente prorogado, foi principalmente o de infamar todos aquelles que fossem comprehendidos entre suas violencias, e, mais do que isso, é o que resalta da evidencia dos factos, o de infamar a propria Nação.

Aboliu-se, com segredo official, o sigillo da correspondencia: até as cartas mais intimas de familia foram sequestradas. As que me davam noticia da molestia de minha pranteada mãe tiveram o mesmo destino, e só na vespera da sua morte pude eu presentir o golpe que me aguardava.

Da responsabilidade dessa violencia ninguem queria assumir a minima parcella: o ministro do interior e o director dos correios, interrogados, declararam nenhuma iniciativa ou coparticipação terem tido nesse *honroso* trabalho; entretanto, iam para a secretaria da policia maços e maços de cartas e jornaes; de cartas, que continham valores commerciaes, ordens de credito, confidencias domesticas, informações sobre a saude e meios de subsistencia dos entes mais caros; e tudo isto lá ficava entregue aos agentes da policia secreta, mandando-se depois quando muito, prevenir ao destinatario, como fizeram com a virtuosa viuva do marechal Floriano, que enviasse pessoa de confiança para recebê-los.

Profanou-se a inviolabilidade do lar. Actos da mais crua selvageria deram-se nesse sentido. Parecia que os agentes policiaes tinham recebido instrucções superiores para agirem com a maior e a mais feroz brutalidade. Alguns, cujos sentimentos percebia-se que eram muito mais delicados e nobres do que os do ministro ou do chefe a quem obedeciam, tentavam attenuar ou abrandar as violencias ordenadas; não tardavam, porém, a receber o castigo dessa brandura.

Havia o prazer satanico de despertar alta noite o chefe da familia, e arrancar-o do lar entre as lagrimas e a consternação da esposa e dos filhos. O governo adoptara um recurso efficaz para que ninguem, a não



serem a victima e poucos amigos, tivesse noticia da violencia perpetrada. Os jornaes tinham prohibição de fazer qualquer referencia ás prisões effectuadas. No empenho de espalhar secretas, elle levava-os ao interior das casas como criados ou portadores de recados.

«Suprema infamia, na phrase de um de seus corypheus, lhe estava reservada: aconselhar a fuga, e suggerir ou espalhar a idéa do suicidio, annunciando aos perseguidos as mais dolorosas affrontas.»

Na vespera da decretação do estado de sitio, pessoa que tinha intimos no palacio do Cattete, foi por elles avisada de que estava resolvida a minha prisão, a dos generaes Costallat e Argollo, e que eu faria bem pondo-me a salvo desse desacato. Respondi que em hypothese nenhuma sahiria de minha casa, e ahi fiquei.

Queriam que eu me expuzesse ao que se deu com os Srs. Alcindo e Barbosa Lima.

De outra vez, avisaram-me que, encerrado o Congresso, seria eu recolhido a uma fortaleza; e mais tarde, não só a mim como a minha senhora, de que estava preparado o meu beliche a bordo e que eu se-gueria com os desterrados.

O mais pungente e cruel desses insultos, porém, foi o de se dirigirem á minha casa, no dia da publicação do inquerito, e perguntarem a alguns de meus amigos, em presença de minha senhora, se era verdade que eu me havia suicidado?

Supprimiu-se a liberdade de imprensa. Ainda na confiscação desse direito, o mais precioso dos povos civilizados, a mais revoltante vilania foi a feição característica do sitio civil, que se precedeu do ataque e destruição das typographias, sob á direcção de um delegado de policia, e não poupou aos jornalistas os mais serios e graves desacatos.

Levantou-se um pelourinho á reputação dos politicos foragidos, presos, ou ameaçados: a mais soez e baixa das campanhas de descredito, de injuria, de infamia, tudo quanto se podia conceber que na velha sentina dos romanos pudesse ter caído dos vomitos avinhados dos pregoeiros de Paschino, atirou-se sobre estes homens, que não tinham, entretanto, o



direito de ver publicado sequer o protesto o mais comedido e brando de qualquer de seus amigos.

Quando o inquerito policial chegou á Bahia, um bello e generoso talento da minha terra natal escreveu brilhantes artigos analysando essa memoravel peça, e pondo-lhe em relevo, com o maximo criterio e moderação, as contradicções, as insidias e evidente má fé nos depoimentos, interrogatorios e deducções. Alguns amigos meus apressaram-se a mandar transcrever aqui esses artigos. No mesmo dia em que appareceu a primeira transcripção, recebeu *O Pais* ordem do chefe de policia para não continuar a reeditá-los. Igual prohibição estendeu-se a dezenas de publicações que neste e em outros jornaes, foram tentadas no mesmos sentido.

O governo não queria a discussão não admittia a critica, não supportava o mais ligeiro exame da opinião; não cedia, porem, um só dia da covarde coragem de injuriar, elle e seus serviçaes, mandando transcrever nos órgãos de maior circulação, á custa da verba secreta, os artigos catados na estrumeira da imprensa.

Interrompeu-se a liberdade de locomoção: isto é, o governo mandou declarar que essa liberdade só seria retirada áquelles a quem a autoridade entendesse privar de ella. Ainda uma vilania: era mister o escandalo e a notoriedade da humilhação, ou a picardia de ir solicitar a palavra policial.

O senador Lauro Sodré nenhuma comunicação havia recebido que prohibisse a sua saída desta capital; preparou as malas e foi tomar o trem de Minas com destino a Juiz de Fóra: ahi um agente secreto vedou-lhe a partida, e o constrangeu a ir á estação central, onde, depois do vexame e do escandalo, disseram ao illustre patriota que podia retirar-se.

Instituiu-se um serviço de detenções em massa indistinctamente, a horas mortas da noite, nos vasos de guerra, fortalezas e nas prisões desta capital. Ainda ahi, o mesmo veneno do vilipendio; as mesmas perseguições por parte de quem nunca foi poder em sua vida e que uma vez logrou ser; aquellas mesmas e conhecidas qualidades, que transformavam outr'ora nos mais crueis feitores aquelles que tinham sido escravos.



As prisões eram sempre incommunicaveis, até para muitos que de lá saíram, sem terem sido jamais interrogados. As famílias não conseguiam ter noticias dos seus parentes, muitos dos quaes, ou quasi todos, até hoje estão por saber o motivo da sua prisão. De um, dizia-se, era um discurso proferido no cemiterio S. João Baptista, em uma das commemorações ao marechal Floriano, e em que o presidente da Republica fôra asperamente atacado; de outro eram as razões lançadas nos autos de um processo a que haviam sido submettidos os meninos da Escola de Sargentos: em summa, razões as mais pueris e ridiculas, suggestões de despeito e de rancor, eram os únicos moveis presumidos de tão graves ataques á liberdade pessoal.

De um dos mais illustres chefes republicanos chegaram os proprios jornaes governistas a attribuir a prisão a uma curiosa anedocta, que dá a medida dos histriões dessa triste comedia.

Notavel rio-grandense negocia em animaes de montaria e tracção, e manda vendel-os em grandes lotes. Um telegramma seu, fazendo vir *tropas*, que eram de *burros*, foi interpretado pelo governo como aviso de mobilização de um grande exercito, e o senador Pinheiro Machado esteve por isso, sem outro motivo, que elle o saiba aõ menos, preso e incommunicavel no couraçado *Riachuelo* durante mais de quarenta dias!

Quanto ao modo de tratar os presos, só a natural bondade dos nossos patricios corrigia o rigor das ordens dadas. O commandante de um dos vasos de guerra, bravo e brioso marinheiro, foi advertido e nobremente repelliu essa advertencia, por ter permittido que um preso, dos mais distinctos, e que se achava enfermo, subisse, nas horas mais quentes do dia, do beliche, onde o mantinham incommunicavel, para o convés, onde elle melhor podia respirar, sujeito, entretanto, ao mesmo regimen.

O que é mais surprehendente, porém, o que excede a tudo quanto se pôde comprehender de arbitrario e violento, é a deportação, com carta de prégo e destino desconhecido, de alguns presos, ao ultimar a primeira prorogação do sitio, achando-se entre os



deportados diversos dos incluídos no inquerito policial e entregues á acção da justiça.

De sorte que quando a presença desses homens poderia esclarecer as perversidades desse hediondo trama, urdido pela policia nas trevas dos conciliabulos, julgou o governo mais prudente e cauteloso tel-os á distancia, de onde não pudessem ser ouvidos, nem defender-se.

Beijem, porém, os deportados as mãos dos seus bemfeitores: mais longe poderia ter ido a ordem do silencio, e eterna podia ter sido a incommunicabilidade, se assim approuvesse ao acaso, ou á fatalidade.

O boato não se fez somente para os perseguidos; havia e ha de flagellar muito mais severamente os perseguidores. Não ha recesso, ou grupo popular, onde á bocca pequena não se ouça reproduzira narração de velhas torturas, que a civilização aboliu, e que reviveram nos mysterios de um carcere, como os primeiros actos da desgraçada tragedia de um suicidio. O supplicio da sêde após o uso das carnes e peixes salgados, a privação forçada do somno, o regimen dos vegetaes em doses apoucadas, o simulacro de uma execução, para á qual tudo se ensaiou, eis, como se affirma com insistencia, os meios empregados para que o assassino incluisse entre os seus cúmplices os homens politicos, que incommodavam ao governo.

O cunho caracteristico deste sitio foi infamar, disse e repito, não só aos adversarios do governo, como a propria Nação.

Se tudo quanto se fez fosse reclamado como medida de salvação publica, seria um sacrificio doloroso, ao qual a grandeza do perigo teria dado elevação e nobreza.

A preservação pessoal de um homem, os seus odios, a sua vingança foram o unico motivo, diante do qual sacrificaram-se durante quatro mezes todas as liberdades publicas, paralysoou-se a vida nacional, e concentrou-se na elaboração de um inquerito da policia toda a sciencia e todos os esforços do governo.

A administração, as finanças, o credito nacional, as relações com o estrangeiro, tudo isso desceu a um plano muito secundario: nenhum acto estudado e serio emanou dos altos poderes da Republica durante



esse período para solver os grandes problemas: todo o ministerio collaborava nesse monumento de sagacidade e sapiencia politicas—o inquerito policial.

Findos quasi quatro mezes do sitio, baixou o cambio, baixou a cotação dos nossos titulos internos e externos, baixou o valor dos nossos productos, baixou o nosso credito, baixou o nosso conceito moral e politico; e só elevou-se a nossa divida, tanto no paiz como no estrangeiro; só cresceu a miseria do povo; só subiu na onda irrepressivel dos desvarios do governo e da indignação que elles merecidamente provocam.

A' mercê de quem se poz essa grande somma de liberdades sacrificadas, esse valor incalculavel de prejuizos causados pela decretação e permanencia do sitio durante quatro mezes ?

A' mercê da policia, que passou a ser o primeiro e mais forte poder do Estado. Se ha, porém, quem deva responder, logo após o assassino, pelo attentado de 5 de novembro, é a policia. Já o disseram pessoas conspicuas e insuspeitas ao governo.

A policia viu, a 6 de março do anno findo, incendiarem-se typographias, invadirem-se casas particulares, destruindo-se moveis e subtrahindo-se valores, matar-se em plena via publica, com assistencia de agentes seus, um homem que se presumia confiado á sua protecção, e ficou muda e quêda, aguardando grandes e rendosos accessos aos tribunaes, não como réos, já se vê, mas como juizes, para os que haviam sentenciado nessas scenas selvagens. Foi mister que a pessoa do presidente da Republica tivesse soffrido brutal attentado para que ella se lembrasse de que havia permittido o exemplo, o incentivo. Ainda assim, o intuito de perseguir um jornalista illustre da opposição foi o movel principal, que se frustou, da resurreição desse processo.

A policia, como asseveraram senadores e deputados, tinha sido avisada com muita antecedencia de que se premeditava contra a vida do presidente da Republica; entretanto, no Arsenal de Guerra não havia um agente seu, graduado ou não, e quem amparou o Dr. Prudente de Moraes foram pessoas do povo, entre as quaes um jornalista illustre, opposicionista naquella época.

Incapaz de prevenir, propria pela inepecia e pela de-



sidia para acoroçoar o crime, que fez a policia durante os quatro mezes de sitio para reprimir ?

Prendeu centenas de individuos para mandal-os soltar; e publicou um inquerito, que é uma affronta ao bom senso do paiz, e uma infamia atirada ao seu decoro e á sua honra de povo civilisado.

Já não quero cogitar dos meios, pelos quaes foi urdida essa ignobil peça; requeiro á Nação que a considere em suas deducções.

Os nossos adversarios, os homens politicos, que dominam a situação, por mais puros que se presumam, não podem esquecer a sua origem, que é a nossa, que é a mesma da opposição; assim como eguaes são os nossos habitos, a nossa educação, as nossas paixões e os nossos processos. Desde o tempo do imperio que se dizia não haver nada mais semelhante neste paiz a um politico do que um seu adversario.

Se ha quem possa allegar certa vantagem moral são os que resistiram á politica actual, e que preferiram os desfavores da opposição ás graças do governo. Não se pôde dizer que fossem a ambição e o interesse que os levaram a essa attitude. Logo, tudo quanto nos possam attribuir como meios de opposição, tem a opinião nacional e têm todos o direito de lhes imputar amanhã, quando se inverterem os papeis e se derem factos analogos.

Conclusão logica: ou o que esse inquerito denuncia é verdade, e os partidos politicos na Republica desceram indistinctamente á maior abjecção, levando de rastos a honra e o brio nacionaes; ou tudo isso é o mais revoltante embuste, a mais torpe falsidade, postos ao serviço do odio e da perseguição, e então o governo, que usa de taes recursos, envergonha, desdoura evidentemente o povo, que elle dirige e representa.

Em qualquer das hypotheses o Dr. Prudente de Moraes quiz condemnar-se e aos homens politicos deste paiz áquelle supplicio, que o Dante infligiu aos que se deixaram dominar pelo rancor e pela vingança: atolados na vasa do Styge, elles vivem a dilacerar-se, e quanto mais se esforçam para morder-se, mais se submergem.

E para contemplar esse triste e repulsivo especta-



culo sequestram-se as liberdades do povo, e augmenta-se-lhe a miseria!

Nos sertões do meu Estado natal, permitta o Sr. presidente da Republica que chegue aos seus ouvidos esta narrativa, deue uma lugubre tragedia, que ainda hoje é corrente na memoria daquelle povo:

Forte, sadio e docil escravo servia a senhor sem fé e sem entranhas. Tudo quanto o trabalho, a vigilia, a paciencia podiam dar elle cedia sem murmurios, sem queixas. Um dia quizeram roubar-lhe o que elle tinha de mais precioso, a honra do seu miserolar no affecto da esposa, nos carinhos da filha; o escravo revoltou-se, e a ordem do açoite ouviu-se no terreiro. Quando, porém, os seus companheiros de infortunio iam agarral-o, impotente para reagir, elle puxou uma faca de cinta, rasgou largamente o proprio ventre, e arrastando os intestinos, por onde as fezes escoavam-se ainda quentes, atirou toda essa massa hedionda ás faces do seu verdugo.

Ha para os povos uma coisa tão sagrada como é a honra do lar para os individuos: é o nome e a fama do seu caracter e dos seus brios. Se tentam arrancar-lhes esse ultimo bem, elles, caso não possam reagir, suicidam-se, atirando ás faces dos seus algozes todo o fel, toda a escoria das suas paixões e da sua miseria!

E era por isso, nos máos tempos da republica romana, que Cicero escrevia a Antonio... «Catão anda a legislar como se estivessemos na republica de Platóo, entretanto, o que ahi está são as fezes de Romulo.»

---

E' a primeira vez que sou constangido á occupar a attenção dos meus concidadãos com os meus actos e serviços, com a minha vida publica, emfim.

Homem de trabalho e de lutas, feito pelo meu proprio esforço, sob a unica protecção e amparo de Deus e dos que me deram a existencia, jámais preoccupei-me com as ephemerides desse tirocinio de experiencias e surpresas, que ora nos dá o fastigio do poder ou da gloria, o applauso e a lisonja, ora atira-nos á desgraça, ao quasi isolamento: sabia e fecunda provação, onde se aprende a conhecer o que



são os homens e as suas obras, e o que realmente valem o nosso character e as nossas energias moraes,

Nunca alimentei essa fórmula do egoismo, que tanto vai damnificando o valor e a força dos homens publicos no meu paiz: a autolatria em que vivem mergulhados, o subjectivismo contemplativo em que se absorvem, nada mais vendo fóra do circulo das suas virtudes, da grandeza dos seus talentos e do merito, alias subido, dos seus serviços.

Nunca tive ambições senão as de servir á minha Patria, onde o criterio dos meus concidadãos pudesse crer que a minha actividade seria util. Desde os bancos da Faculdade tive e sustentei as idéas mais liberaes e adiantadas. Em todas as formas da manifestação academica, com a pena e com a palavra pregei as mais largas e amplas reformas para as instituições politicas do meu paiz.

Uma circumstancia, porém, fez-me politico militante: a minha viagem á Europa deu-me a conhecer até que ponto nos calumniavam, e como influa nesse conceito, que nos abatia, o facto de sermos um povo que ainda tinha escravo. De volta, vinham os meus sentimentos abolicionistas exigentes, intrataveis, e nesse terreno não cedia uma linha.

Foi em abril de 1885 que escrevi no *Diario da Bahia* o meu primeiro artigo de combate. Na Camara dos Deputados procedia-se a verificação de poderes na eleição que se fizera sob o ministerio Dantas, benemerito libertador dos sexagenarios. A confiança dos meus co-religionarios liberaes da Bahia deu-me logo o logar de redactor-chefe do orgão do partido e de secretario do directorio.

A 20 de Agosto, estavamos em opposição. Nella conservei-me prestando serviços ao meu partido, recusando os logares de eleição popular, que me foram offerecidos, e só aceitando o de delegado ao Congresso liberal, aqui effectuando em abril de 1889.

Ahi sustentei e assignei o voto em separado que consignava a federação, a temporareidade do Senado e outras idéas, como programma do partido. Devo assignalar que em tão notavel reunião, ainda desconhecido, tive a ousadia de ser o primeiro a falar, interrogando os chefes liberaes, se elles podiam afirmar que o terceiro reinado, que se aporximava,



não seria para o sentimento liberal do paiz o que havia sido a maioridade para a regencia, isto é, o inicio de um reacção, a compressão e a asphixia progressiva e total daquella legião de espiritos fortes, cuja obra foi em pouco tempo anniquilada.

Preciso este facto para accentuar bem que o receio mais grave que então me dominava, o temor que ainda hoje me assusta, é o das reacções feitas em nome dos interesses conservadores do paiz, e que acabam sempre servindo aos manejos da corrupção, do despotismo, da tirannia, que barbarizam, ou degradam os povos.

A resistencia que encontrou o voto em separado, na maioria da assembléa, contrastando com o prestigio e valor dos seus signatarios e adherentes, entre os quaes estavam os Srs. Ruy Barbosa e Sarai-va, revelou-me que tão profundamente dividido se achava o partido liberal, cuja ascensão ao poder era francamente annunciada, quanto o partido conservador, que delle descia retalhado pelas mais profundas divergencias e inconciliavelmente fraccionado pela abolição. Eram ambos, pois, impotentes para amparar a monarchia; e sentia-se que mais precaria do que a saude do imperante era a estabilidade do throno; sendo ainda o respeito á pessoa de D. Pedro o unico sentimento que o defendia.

De regresso á Bahia, quando a corporação academica e diversas associações populares recebiam-me com entusiasticas ovações, preferi um discurso em que revelava aos meus co-religionarios e patricios as minhas apprehensões.

Se o movimento de 15 de novembro desse anno se tivesse malogrado, a *logica dos inquietos* teria encontrado nesse discurso provas de sobejo para condemnar-me como conspirador contra as instituições, cuja quédá eu tivera a lucidez de prever, sem ter de leve a mais ligeira informação de planos que só muito mais tarde foram concebidos.

Com a ascensão do ministerio Ouro Preto fui nomeado vice-presidente da provincia. Tratando-se de escolher os candidatos á eleição de deputados pela Bahia, fui, na qualidade de secretario do directorio, o unico dos seus membros que apresentou o nome de Dr. Ruy Barbosa por um dos circulos da capital.



O conselheiro Almeida Couto, presidente da provincia e presidente do directorio, declarou-me que se essa escolha não fosse desagradavel ao ministerio, elle sem a minima hesitação a aceitaria. Consultado o sr. visconde de Ouro Preto, respondeu: *à vista da attitude assumida na imprensa pelo Sr. Ruy Barbosa, a sua candidatura deve ser considerada de opposição.* No dia seguinte, pedia eu a minha demissão de vice-presidente da provincia.

A Republica veiu encontrar-me sem ligações partidarias. Ao conceito generoso dos Srs. Quintino Bocayuva e Aristides Lobo devo a indicação do meu nome para governador da Bahia, tendo sido o decreto da minha nomeação lavrado no dia da revolução, ao mesmo tempo que se lavravam as nomeações dos membros do governo provisorio. Por muito tempo attribui semelhante acto á iniciativa do Dr. Ruy Barbosa; quando, porém, tive de deixar o governo, um artigo do *Diario de Noticias*, jornal que recebia as inspirações de S. Ex., declarou que, apesar da affeição e estima que nos uniam, nenhuma parte tivera o eminente brasileiro em minha nomeação.

Deve declarar que por cinco vezes successivas declinei da honra e das responsabilidades de que o governo provisorio quiz investir-me, fui forçado a aceitar, por effeito de reiteradas manifestações, entre as quaes a da classe e associação commerciaes do meu Estado.

O que fiz no meu governo digam os homens estranhos aos interesses secundarios dos corrilhos partidarios e ás tricas da politica estreita, pessoal ou de campanario. Encontrei o Estado conflagrado em muitos pontos e em pouco tempo conseguia restituir-lhe a ordem e a paz. Iniciei o deposito nos bancos de saldos do Thesouro, e dei-lhe na pessoa de um funcionario illustre a direcção mais habil que tem tido as suas finanças e que em pouco mais de um anno convertia, sob o governo patriotico do meu successor, sem a minima difficuldade, de 6 para 5, o typo de juros de sua divida interna fundada, além de amortizar sensivelmente a sua divida externa.

Foi rapida, porém, a minha passagem no governo:



procuraram intrigar-me com o marechal Deodoro, de quem aliás recebi depois as provas do maior affecto e estima, quando fôra do poder elle confiou-me tantas das suas magoas, e narrou-me, por entre os relampagos de seu olhar de aguia, as perfidias o deslealdades de muitos daquelles que se diziam os seus melhores amigos, as suas maiores dedicações. Fizeram-lhe crer que eu desconsiderava seu irmão, o marechal Hermes, e em um dia em que o chefe do governo provisório, acreditando nessa intriga, censurava-me em telegramma, por esse presumido procedimento, pedi licença immediatamente para passar o governo ao marechal Hermes. Eis o que se deu.

Era um cargo de confiança que eu exercia, não podia permanecer nelle um só momento, desde que essa confiança me fôra negada. Foi este simplesmente o motivo da minha retirada; o mais consistiu em phantasia dos que aproveitaram o momento para adherir a uma situação nova na politica local.

Deixando o governo, suppuzeram-me morto os que contra elle se haviam indisposto. A 15 de setembro, porém, tendo declarado publicamente que me abstinha da politica, fui, por apresentação popular, eleito na capital, e suffragado com uma cifra superior a vinte e quatro mil votos, em todo o Estado, na eleição para a Constituinte Federal.

Para a Constituinte do meu Estado, em uma lista em que figuravam os seus homens politicos de mais prestigio, fui o mais votado para o cargo de senador.

Os meus serviços nessa assembléa registrem os que conhecem a historia da organização republicana da Bahia.

Quando veiu o golpe de Estado, protestei contra elle como protestei contra as deposições que se lhe seguiram.

Concorri poderosamente para que a Constituição do meu Estado fosse uma das rarissimas que escaparam á reacção revolucionaria de 23 de novembro. Elaborei as bases e o programma e fui um dos fundadores do partido republicano federal da Bahia, em 1892.

Fui eleito, com os suffragios do mesmo partido, senador pelo meu Estado, na vaga que deixou a renun-



cia de um dos brasileiros, que mais honraram o segundo reinado, o Sr. José Antonio Saraiva.

No dia em que prestei o meu compromisso regimental no Senado, resumi perante a elevada corporação e com endereço ao paiz, o meu programma nestas duas phrases;—moderação e conciliação em politica; tino e economia, em finanças.

Toda a minha actividade nas commissões e na tribuna do Senado Federal girou e exerceu-se em torno desse duplo lemma. Os meus mais pavorosos receios eram então os que ainda são hoje, as lutas intestinas e o desmembramento, os desacertos e desmandos de administração e a bancarota.

No anno seguinte, os politicos de maior responsabilidade na direcção da Republica julgaram opportuno a fundação de um grande partido que tivesse por programma a sustentação e defesa da Constituição de 24 de fevereiro, contra o parlamentarismo que surgia e se apparelhava, e ainda com o intuito de disputar a primeira eleição presidencial, sujeita ao suffragio popular. Fui o relator da commissão encarregada de elaborar o programma e as bases de organização desse partido. Os outros membros da commissão foram os Srs. Glycerio, Prudente, Ubaldino, Quintino e Aristides Lobo. Nesse trabalho collaborou, em começo, o marechal Floriano, a quem se deve a representação igual de todos os Estados no seio da Convenção.

A revolta de 6 de setembro veio surprehender-me nesse trabalho de organização partidaria: colloquei-me immediatamente ao lado do poder legal; e das duas moções que, em uma grande reunião de senadores e deputados, realizada no edificio do Senado, foram votadas, fui eu o autor de uma e da outra um dos primeiros signatarios.

Esse movimento de rebeldia que em poucas horas dispunha de cerca de trinta navios, mais ou menos apparelhados para combate, era a quarta tentativa de insurreição contra o governo do marechal Floriano.

A revolta de Santa Cruz, o movimento de 10 de abril, a expedição Wandenkolk, apesar de dirigidos por elementos diversos, tinham tido o mesmo objectivo: depôr o vice-presidente em exercicio. A opposição no Congresso esgotara todos os meios de acção e combate, desde a obstrucção até a denuncia. A imprensa



dirigida por apaixonados e ardentes lutadores, man-tivera sem cessar fogo vivo e cerrado contra os actos do governo.

E' interessante ver-se hoje como parecem esqueci-dos daquella campanha os que tomaram nella á parte mais activa; como prégam brandura e moderação os que então alimentavam a opposição mais violenta, que já se tem feito a um governo republicano!

Cotejem-se os annaes das duas casas, leiam-se os jornaes da época, durante o governo do marechal, e durante a opposição ao Dr. Prudente: os que conhe-cem o temperamento dos directores da guerra sem tregoas contra a administração do illustre soldado, nem precisam dessa leitura, tão certo se lhes affigura que não era de concessões ou de tolerancia que se preparavam as tremendas crises que o marechal atra- vessou.

A 13 de setembro, ao cairem as primeiras victimas innocentes e indefesas da desgraçada luta empenha-da pela esquadra revoltada, escrevia eu, tristemente impressionado, aos dois chefes politicos de mais pres-tigio do meu Estado: «E' uma enorme desgraça que vai pesar sobre a Nação. Colloquei-me, como era do meu dever, ao lado do poder constituido. Estou, en-tretanto, convencido de que, qualquer que seja o ven-cedor, a dictadura será a consequencia fatal, para as-segurar os effeitos e vantagens da victoria, e facilitar a distribuição dos despojos. Dictadura por dictadura, será mais perigosa a da revolta, que não pôde se fur-tar á exigencia dos seus compromissos, e trará a sub-versão em todos os Estados para satisfazer ás oppo-sições locais, que lhe deram sympathias ou auxilio. Quem nada lucra com isto são as liberdades publicas, é a educação republicana de um povo, cuja indole é e cujas instituições devem ser eminentemente demo-craticas e pacificas.»

Sob o canhoneio da revolta, reuniu-se a Convenção que escolheu o Dr. Prudente de Moraes e a mim para candidatos, na eleição de março proximo, aos cargos de presidente e vice-presidente da Republica.

Nessa occasião, escrevi aos meus correligionarios uma carta, escusando-me dessa alta prova de con-fiança: os tristes acontecimentos da revolta tinham afastado do pleito dois bahianos illustres, cujos ser-



viços eu reputava superiores aos meus: um estava foragido, era o Dr. Ruy Barbosa; o outro fizera-se chefe do movimento insurreccional: perante ambos, á luz de um passado recentissimo, a minha escolha seria uma usurpação, e eu não a desejava por tal preço.

A Convenção respondeu a essa carta reiterando unanimemente a minha indicação.

Regressei á minha terra natal, e tive que assistir com grande pezar meu á scisão do partido local.

Apresentado candidato a senador, escrevi um manifesto, do qual permittam-me os meus concidadãos que extracte alguns trechos que confirmam o que acima disse:

«Procurando servir, dizia eu, com a maior inteireza e lealdade, os interesses da Republica, na União e no Estado, não me desviei um só momento dos meus intuitos de moderação, plano político esboçado por occasião da minha entrada no Senado, e que teria pou-pado grandes desgraças ao paiz, se por ventura o hon-vessem adoptado a opposição e os amigos do go-verno.

Era ainda a mesma linguagem e os mesmós sentimentos, com que eu havia iniciado a minha vida política.

Tendo-se feito crer, por telegrammas enviados da Bahia aos ministros do marechal, que a minha attitud e de outros amigos era dubia, em seu apoio, visto como continuavamos a manter cordiaes relações com o Dr. Ruy Barbosa, escrevi o seguinté no meu manifesto:

«Condemnar a revolta é um dever que sem hesita-ções procurei cumprir: fazer, porém, a ultima hora, dessa condemnação uma cõrtezia intrigante ao poder, uma exploração thuribularia aos vencedores, com os-tenção do abandono covarde de um foragido ou perseguido, inda que este haja sido um irmão ou amigo da vespera, é aviltamento a que não me su-jeito, por que assim cuspiria um insulto aos brios do meu Estado, e trahiria a nobre e generosa altivez da Republica.»

Nem era mister que taes asseverações eu fizesse, desde que eram conhecidos os meus artigos editoraes do *Correio de Noticias*, orgão do partido a que es-tavamos filiados.



Aproximava-se o pleito presidencial e os Estados pareciam retrahidos e reservados. O general Glycerio, afim de escapar ás exigencias do sitio, fizera distribuir por toda parte, fóra dos effeitos daquella medida, o boletim eleitoral com as assignaturas da Convenção. Nessa occasião é que se deu um incidente a que já me referi uma vez pela imprensa.

Interroguei por carta ao illustre chefe paulista, se não seria conveniente que os candidatos publicassem o seu programma, desde que a Convenção não o formulara, e a imprensa republicana o reclamava, até mesmo para conhecer do que seriam as futuros eleitos, em face desse movimento armado de insurreição cuja duração e effeitos ainda não se podiam seguramente prever.

A essa interrogação minha, transmittida pelo general Glycerio ao Dr. Prudente, respondeu este, como já ficou provado em debates da Camara, que os candidatos estavam dispensados de fazer programma, logo que aceitavam o do partido que os apresentava. Não podia haver melhor documento de submissão a um partido do que esse que em recente discussão foi confirmado.

Entretanto, assim não pensava eu: os programmas dos partidos são ainda hoje para as aggremações que pretendem ter existencia estavel e duradoura theses vagas e geraes que o tempo e as conveniencias do paiz vão concretizando na evolução natural dos factos e interesses sociaes e politicos. Aos homens que governam, senhores como são de segredos que os partidos não conhecem, aptos como se presume que sejam para sentir os impulsos e suggestões da boa opinião e as imposições reaes das verdadeiras necessidades publicas, é que compete escolher dentre as idéas de um partido as que urgem ser executadas, as que reclamam precedencia na ordem de successão. E' deste modo que elles constituem o seu programma e pedem ao suffragio das urnas a sagração desse compromisso contrahido com a Nação.

O Dr. Prudente de Moraes não quiz assim, julgou-se até dispensado de pensar e entregou-se sem reservas ao programma, á direcção e á disciplina do seu partido, para revoltar-se mais tarde contra elle.

Continuava a ser hesitante e receiosa a attitude dos



Estados, quando o Rio Grande do Norte, que tem sido, pela sua nitida e briosa orientação republicana, o emulo do seu homonymo do sul, na defesa das instituições, lançou a primeira circular recommendando as candidaturas da Convenção.

A custo foram os outros acompanhando e houve Estado que só no dia 28 de Fevereiro, na vespera da eleição, publicou a sua apresentação.

Feita e apurada a eleição, que, pôde dizer-se nenhuma opposição séria encontrou, sendo quasi que uma aclamação, o que desmente os boatos de que o governo de então tentasse contrarial-a, nenhum incidente grave occorreu na vida politica do paiz, a não ser a liquidação dos efeitos da revolta, e a accentuação franca da politica do marechal, dando-lhe um character eminentemente nacional, e reagindo contra todos os elementos que haviam tramado contra a Republica.

Era muito tarde para o grande patriota realizar os seus planos politicos, e faltava-lhe o pessoal habil para a consecução dos seus fins. Foi-lhe muito mais facil dominar a revolta do que crear homens politicos que o auxiliassem a republicanizar a Republica e a nacionalizar a Nação. Poucos dias lhe restavam de governo, e poucos mezes de vida, infelizmente, e essa obra sem a energia e a firmeza do seu pulso era a guerra civil e a anarchia.

No bojo da prorogação do sitio e do adiamento do Congresso eu presenti que se tentaria realizar essa empreza gigantesca e perigosa. Os symptomas os mais graves de ataque á autonomia dos Estados se manifestavam em Pernambuco, no Rio Grande do Norte, no Maranhão, na Bahia, em S. Paulo e até no Rio de Janeiro. Era uma conflagração geral que se annunciava.

Os morticínios do Paraná e Santa Catharina, provocados por individuos que, abusando da autoridade e do nome do marechal, faziam o que ainda hoje querem fazer, envolver o prestigio e a responsabilidade de homens de governo em actos de sua propria iniciativa, cruel e sanguinaria, fizeram-me temer o que seria a subversão geral dos Estados, fechado o Congresso e prorogado o sitio. Oppuz-me a ambas as medidas.



Devo dizer que as minhas relações pessoasas com o marechal eram as mais cortezes e respeitosas. Assignalarei um facto, que a imprensa paulista falseou: jámais deixei de ser recebido pelo nobre soldado, sempre que o procurei. Pouco tempo depois de ter sido recusada ao Dr. Prudente de Moraes a recepção de uma visita, que elle fazia no character de presidente do Senado, fui eu recebido, com o Sr. Burke, consul americano no Recife, a quem fui apresentar, por solicitação do distincto forasteiro, e a quem servi de intermediario em longa e amistosa palestra. E' o que ainda hoje pôde ser lido no noticiario dos jornaes da época.

Bem comprehendí a gravidade da campanha que ia empenhar contra as duas medidas, a respeito das quaes os amigos mais intimos do marechal asseveravam que, se acaso fossem recusadas, elle se demittiria.

Apezar dos serviços extraordinarios que S. Ex. havia prestado, entendi que o meu dever de brasileiro e de republicano obrigava-me a recusar-lhe esse voto, que aliás se collocava no terreno da confiança. O que devo hoje, porém, repetir em voz bem alta, que vá até á sepultura do grande morto, que acorde os echos dessa immensa veneração, com que o recordam aquelles que comprehenderam e amaram a sua grande obra, é que, apezar dessa divergencia que no momento nos separou, nunca foi mais respeitada a minha palavra, a minha vida e a minha honra! Sabem todos que a rejeição do adiamento foi uma victoria principalmente minha; pois bem: essa victoria, que attingiu até quasi a retirada do marechal, não me custou o minimo desacato, a mais leve affronta. Que contraste esmagador entre aquelles dias e os de hoje!

A rejeição do adiamento, a cessação do sitio abria as prisões, punha em liberdade todos os que tinham directa ou indirectamente auxiliado a revolta, tramado contra as instituições, ameaçado o poder e a vida do marechal. A principio pelo *habeas-corporis*, pouco depois por ordem terminante do governo eram livres todos os detidos. Entretanto, em poder do eminente soldado havia centenas, milhares de documentos, que não envolviam por simples suspeita ou calum-



niosa imputação, mas por provas evidentes, nos crimes politicos que se deram, muitos dos que pedem hoje a mais severa punição para os perseguidos do odio e da vingança, e que só têm contra si a delação e a calúnia.

O governo de então não abriu inqueritos, não instituiu devassas nem procurou converter o segredo de justiça em meio de extorquir dos interrogados a imputação perversa e ignobil que enxovalhasse os seus adversarios.

Ninguem jámais viu atirado á luz da publicidade, como um recurso de diffamação, como a explosão mesquinha de um sentimento de vingança, tudo quanto a policia colheu da revolta de Santa Cruz, do movimento de 10 de Abril, da aventura Wandenkolk! Homem honesto, patriota, sincero, o marechal praticava o acto de energia ou de violencia quando reputava necessario para servir aos grandes interesses do paiz que lhe estavam confiados; nunca, porém, poz o seu immenso poder ao serviço das suas proprias paixões, do seu despeito, do seu ciume, nunca procurou transportar para a alta administração do paiz os sentimentos tacanhos dessa politica de aldeia, que, quando não conségue esmagar o adversario, pinta-lhe a porta de immundicies! Que contraste esmagador entre aquelles dias e os de hoje!

Durante a revolta não havia quem, pelo menos uma vez, não houvesse visto aquelle homem acobardado, de olhar cauteloso, escasso bigode, modestamente trajado, que, a qualquer hora da noite, transportava-se só, a pé ou em bond, aos pontos mais arriscados da cidade, e ahi percorria uma trincheira, animava um soldado, conhecia da urgencia de algum artigo bellico, inquiria da situação e dos ataques do inimigo.

Nunca esse homem sentiu apprehensões pela sua vida, apesar dos milhares de inimigos que tinha em terra e no mar. Se uma bala o varasse, elle morria no seu posto, defendendo o poder que lhe havia sido confiado e as instituições que a sua grande alma de brasileiro aprendera a venerar!

Hoje, o terror paira no espirito do chefe do Estado como uma preocupação constante, que absorve as



suas faculdades e leva, dia a dia, a esgotar todas as suas energias.

Tudo desaparece diante da preservação pessoal desse homem, que nunca está tranquillo. Os que exploram esta situação e della se aproveitam agravam-n'a diariamente, enviando-lhe cartas anonymas, repletas das mais extravagantes ameaças—e d'ahi;— a honra e a vida dos adversarios, o conceito e os creditos do paiz, a segurança e a ordem publica, na cidade, a pessoa e os bens do cidadão, tudo isso pôde ficar entregue ao assalto à mão armada, ao roubo, ao saque, comtanto que todos os corpos da guarnição, a brigada policial, os vasos de guerra, estejam de promptidão, guardando o palacio, onde vive sequestrado do olhar do povo e do juizo da opinião aquelle que quer governal-os.

Quem é que conspira ainda? Ao cabo de tres mezes de sitio as autoridades policiaes, que, como dizia o astuto Fouché, seriam indignas do officio, se não tivessem sempre no bolso uma conspiraçãozinha, para servir a si e a seus amos, descobriram, com todos os artificios e manejos da calumnia, apenas vinte homens envolvidos em um caso que num dia ella qualificou de conspiração, para no dia seguinte o ministro que a dirige entender capitular de crime commum, ora, estes homens ou estão presos ou deportados; quem é, pois, que conspira? Não é difficil responder: a fraqueza, os erros e os crimes do governo. Quem conspirava depois da revolta? Ninguem.

O marachal tinha consciencia disso, e mais ainda da percepção lucida da sua força, do seu valor moral perante a Nação e da autoridade incontrastavel que lhe havia dado a sua attitude diante da revolta. Nem a mais ligeira violencia elle permittiu contra os seus adversarios politicos; os debates das duas casas legislativas foram os mais ardentes, brilhantes e apaixonados; o sitio com as immunidades e o adiamento foram, ampla e livremente, discutidos e votados: escreveram-se nesta época as paginas mais luminosas do Congresso Republicano Brasileiro! Ou essa phase gloriosa, ou a noite sinistra de hoje, em que se manda que as galerias batam palmas e atirem flores, porque se lhes vai dar o sitio-arrocho, sem garantia alguma,



e novos impostos sobre o sal, sobre a agua e sobre o salario!

Para que a Nação aquilate do vigor civico e moral da resistencia que offerecem os seus filhos, é mister que eu lhe diga que o meu procedimento de então relutou até com as suggestões de amigos dos mais intimos e affectuosos que possuia.

Pela manhã do dia em que votou-se o adiamento recebi o seguinte telegramma da Bahia:

«Senador Victorino.—Rio.—Vianna molestia muito séria. Alheio ultimos acontecimentos. Melhor.

Adiamento agora alto alcance meio acalmar exaltação todos divergentess Congresso. Pedimos favorecer ou abster-se.—*Severino.*»

Quanto ao solitario de Piracicaba, ainda uma vez S. Ex. revelava o seu character profundamente egoista, já era de prever isso mesmo.

Quando a 3 de Novembro deu-se o golpe de Estado, de cuja provocação foi S. Ex. o chefe, na resistencia fria e má de fazer votar a lei da responsabilidade presidencial, e no proposito venenoso e implacavel de ferir o marechal Deodoro, com os actos da mais aggressiva parcialidade, a ponto de despojar do direito de voto, em questão grave, um seu irmão e forçal-o á renuncia, no dia em que se preparava o infeliz attentado, partia silencioso para sua fazenda o vice-presidente do Senado, e até o proprio manifesto que protestava contra a violencia á Constituição recusava-se a assignar. Dias depois de iniciada a revolta, de que S. Ex. teve sciencia desde que effectuaram-se os primeiros embarques de officiaes, era o mesmo o itinerario do Dr. Prudente de Moraes.

Quando o adiamento se agitava e depois que elle foi votado, escrevi e recebi de S. Ex. duas cartas.

Na primeira o Dr. Prudente de Moraes revelava as suas apprehensões—«não era da approvação ou da rejeição do adiamento que elle se preocupava: o que lhe causava receios é que dessa luta resultasse o proposito de não votarem os amigos do marechal as prorogações e de não estar funcionando o Congresso a 15 de novembro para dar-lhe posse.»

De sorte que quando interesses vitaes da federação estavam em perigo, quando dois homens de excepcional valor e patriotismo, Barbosa Lima e Pedro Velho,



resistiam com firmeza e energia a tentativas repetidas de deposição, o que estava incomodando o futuro presidente da Republica era a possibilidade de que lhe faltasse no dia aprazado o ceremonial para a sua investidura, e a guarda de honra e de segurança do pessoal das duas casas legislativas, sem a qual parecia que S. Ex. não teria tido o civismo de vir assumir o alto posto que a Nação lhe confiara!

Quando, como consequencia natural da minha posição no Congresso, os amigos do marechal apontaram-me como um adversario e descarregaram sobre o meu nome as contrariedades da derrota parlamentar, ainda uma vez escrevi a S. Ex. dizendo-lhe que «se o meu procedimento pudesse ser um obstaculo a que o Dr. Prudente de Moraes assumisse serena e calmamente a presidencia da Republica; se as indisposições que a minha resistencia creara constituíssem embaraços ao seu futuro governo, estava eu prompto a renunciar a vice-presidencia, antes mesmo de empossado, conservando a minha cadeira no Senado.»

A esta carta respondeu-me S. Ex. applaudindo a minha conducta, e declarando «que se fosse mitser a minha saída, sariamos ambos.»

Outro facto que o paiz não conhece e que é mister revelar-lhe, deu-se nesse periodo de calma apparente, porém de profundas agitações. Se o adiamento fosse approved e o sitio tivesse prorogação, o *Jornal do Commercio* passaria fatalmente a outra empreza e a sua direcção seria confiada a republicanos dos que mais intimamente privavam com o governo. Esteve em meu poder a lista das firmas commerciaes que subscreviam as acções da nova sociedade anonyma, a qual, por execução do Banco da Republica, de um debito superior a tres mil contos, assumiria as responsabilidades da antiga empreza.

O director e principal redactor da folha não poderia, fóra, como se achava, desta cidade, e nas condições creadas pelo sitio, conseguir o emprestimo de que depois lançou mão. Escrevi ao Dr. Prudente de Moraes e pessoalmente dirigi-me ao Dr. Rodrigues Alves, afim de que obtivessem do presidente do banco, o Dr. Rangel Pestana, alguma



demora nas exigencias do pagamento: o Dr. Prudente assim o fez, como relata em sua carta.

Tudo, porém, seria inutil, se encerrado o Congresso, as medidas que se achavam em elaboração pudessem ser executadas. Diante, porém, dos acontecimentos a que estamos hoje todos assistindo, faço eu a mim mesmo, profunda e dolorosa interrogação: —quem é que tinha razão nessa luta travada entre os amigos do marechal Floriano e nós que, em nome dos interesses conservadores do paiz, obstavamos a que assegurassem o exito da victoria áquelles que realmente haviam triumphado? Quando eu vejo apagar-se a chama sacrosanta, a fé e o enthusiasmo republicano no coração da mocidade, dispersar-se pelo castigo immoderado, pela suspeita aviltante, pela calunnia torpe, a valente legião de heróes que se bateu pelo idéal, com uma espingarda ao hombro e uma convicção dentro d'alma; quando vejo as grandes trincheiras derrocadas, as forças aguerridas atiradas aos pantanos do Amazonas, de Matto Grosso, ou sepultadas, sem um epitaphio sequer nas grotas do fanatismo e nos areaes da eterna sêde de civilisação e de justiça, volto-me para Deus, para os homens e interrogo o espaço, o tempo, se não houve uma enorme traição nesse braço forte que eu prestei á escalada das posições e á volta triumphante de todos os elementos reaccionarios, que desfilam hoje, senhores do poder, cheios de odio e de vingança, esmagando com a brutalidade cruel das suas violencias e dos seus insultos, os vencedores de hontem, que haviam pago com o seu sangue e a sua obediência á lei o preço da victoria!

Quem tinha razão? O marechal e os seus amigos ou a minha velha philosophia liberal de que a clemencia e a tolerancia são as virtudes mais fecundas dos soberanos, sejam reis, sejam povos?

Ha no instincto e presentimento popular alguma coisa de divino, já o dizia o antigo proloquio. O eleito pela Nação para dirigir-a entrou nesta cidade em dia de finados.

Assim que o viu, a imaginação popular sentiu como que a aproximação de esguiu e lutuoso cypreste. Tres annos de governo só lhe deram até hoje uma ovação, em um cemiterio. O seu palacio tem a apparencia de



um vasto sarcophago de marmore, em que o egoismo o enterrou vivo, soffrendo as torturas que a idade média conheceu no supplicio dos emparedados.

A paz dos tumulos, mal sabe o presidente da Republica, é quasi sempre muito feliz. Que funda tristeza, que dolorosa magoa não sentiriam neste momento os que prégaram e bateram-se pela Republica, se pudessem vel-a hoje abatida e aviltada! Desde Silva Jardim, cujo leito de morte teve por cirio funerario o facto inextinguivel das revoluções do globo, força indomavel que submerge cidades e faz tremer a terra, até Gustavo Sampaio, o joven, cujo coração de bravo disputava ao fogo do canhão as energias da sua temeridade e da sua audacia, estão mortos os grandes vivos: ninguem ainda até hoje viu nos cadaveres subir o rubor ás faces.

Sei que estas evocações incommodam a S. Ex. : um dos seus amigos já as qualificou de responsos de confraria. E' preciso, porem, que S. Ex. vá se habituando a ellas: quando um dia, como ao coveiro de Shakespeare, perguntar-lhe alguém quanto tempo é preciso ao homem para que elle apodreça sob a terra, é sabio, é util, que os soberanos conheçam, como Hamlet, a resposta do grande verme das supulturnas:— «alguns ha, senhor, que já apodreceram antes de morrer . . . »

---

Emquanto o Dr. Prudente de Moraes não começou, notoria e publicamente, a maltratar-me, ninguem serviu com maior dedicação e lealdade ao seu governo do que eu.

Até á sua volta de Therezopolis recebeu S. Ex. de mim as provas as mais irrefragaveis de respeitosa estima, de solícita e delicada attenção. O que acabo de affirmar não consta sómente de factos conhecidos; está escripto em documentos, que irei opportunamente reproduzindo.

Poucos dias antes de S. Ex. assumir o governo, fui convidado para uma conferencia realizada em Petrópolis, á qual compareceu numero muito limitado de influencias politicas. O assumpto principal dessa reunião era a leitura da mensagem inaugural do novo presidente.

Após a leitura desse documento, que não é o que



foi publicado, ligeira discussão travou-se sobre o assumpto. A mensagem primitiva levava as demonstrações do seu florianismo ainda mais longe do que foram no texto publicado; e empregava contra os revoltosos epithetos muito mais asperos e crueis. Alludindo a isso, eu declarei que me parecia inconveniente, em nosso regimen, fazer um presidente, na mensagem inaugural, a critica, elogio, ou censura do seu antecessor. A maior das virtudes do systema sendo a renovação, o que afasta, em geral, a idéa de uma rigorosa continuidade politica, não estava o novo presidente obrigado a aceitar uma estreita solidariedade de factos, que a fatalidade obrigara á administração anterior a subscrever; porem, que, se envolviam glorias, ellas não eram transmissiveis por successão, e se acarretavam odios, não tinha o successor vantagem nenhuma em tomal-os para si e para o seu governo. Um partido politico poderia não abrir mão desse legado de heroismos, de tradições, de actos de energia que eram, por assim dizer, uma bandeira; uma administração, porém, que tinha de reparar os estragos de longa e dolorosa guerra civil, não lucrava absolutamente nada em fazer ruidoso alarde do seu enthusiasmo pelos serviços do governo anterior, hypothecando a sua propria orientação em uma submissão prévia, que estava longe de ser sincera.

As referencias as mais honrosas deviam ser feitas ao illustre soldado, que tão dignamente salvara o poder publico e as proprias instituições; isso, porém, não importava nessa especie de genuflexão, attitude, com que o seu successor suppunha que devia receber d'elle, não a pasta de presidente da Republica, mas a espada gloriosa com que o vencedor subjugara o valor e o impeto dos rebeldes.

Além disso, a politica do marechal não estava sómente nos seus actos de energia e de vigor, dominando a revolta; a feição mais brilhante, á qual S. Ex. nem de longe alludiu, dos seus intuitos de estadista foi interessar todo o paiz na sorte da Republica; foi despertar o sentimento nacional adormecido, vibrando em todas as idades, em todas as classes, os impulsos patrioticos do brazileirismo, de um modo



que só teve igual nos melhores tempos da regencia e no começo da guerra do Paraguay.

O Sr. Quintino Bocayuva, a quem foi confiado o texto primitivo da mensagem, modificou-o sensivelmente nessa parte e ainda assim eram tão pouco sinceras as affirmações desse documento, que, em curto tempo, o novo presidente, não só se afastava inteiramente da politica do seu antecessor, como iniciava a demolição de sua obra e a perseguição evidente dos seus auxiliares.

Da responsabilidade destes actos nunca me coube a minima parcella: o meu programma era apagar os velhos odios, e não crear novos, e muitos mais perigosos.

Empenhando-me para que cessassem as perseguições contra os vencidos, e levantando a bandeira da pacificação e da amnistia em uma carta escripta em Março de 1895 ao presidente da Republica, e lida em conferencia de ministros, a que compareci, estava eu longe de querer que se convertessem os vencedores em perseguidos, exercendo-se sobre elles as violencias e vinganças, que mais tarde se praticaram.

A pacificação do Rio Grande era para mim uma questão nacional; os seus effeitos locais sempre tiveram, no meu entender um interesse secundario. Devo aos politicos daquelle Estado esta confissão ingenua e franca. O que me assustava era a exploração que no exterior se fazia contra os creditos do paiz e contra a estabilidade da Republica, com que essa luta, que constituia um foco peremne, de onde se podiam irradiar novas agitações e um tunel de Danaides para os escassos recursos do Thesouro.

Vou mais longe na inteireza e lealdade que o mais forte dos sustentaculos da Republica tem o direito de impor-me, quanto a apreciação da sua vida e dos seus homens politicos:—não sympathisava com a Constituição do Rio grande do Sul, e parecia-me que, restituído o Estado á sua vida normal, um accôrdo entre as maiores influencias, ou a propaganda de uma opinião livre e desapaixonada poderia efficazmente modificar o estatuto arguido.

Fosse este, ou não, um dos effeitos da paz, o partido dominante teria, como teve, occasião de provar



que o seu prestigio firmava-se muito mais na confiança real dos rio-grandenses, do que no concurso da força federal, e do que na situação armada da sua campanha, talada por uma guerra de recursos, que parecia interminavel.

Nenhuma interferencia tive na idéa de mandar um emissario aos revolucionarios do Rio Grande e na escolha do meu illustre patricio o general Galvão, para a delicada e melindrosa empreza. Eram, porém, as nossas relações as mais intimas e cordiaes, e eu procurei-o com o Dr. Francisco Tavares, promovendo entre elles longa e demorada conferencia. Do que pôde colher o honrado militar, e do plano que concebeu em relação aos negocios do Rio Grande, o que posso asseverar é que teve inteira sciencia o presidente da Republica. O general Galvão, ao sahir daqui, nada havia occultado do Dr. Prudente de Moraes, e delle havia recebido as instrucções que agiu na espinhosa missão.

Conceituado em sua classe, dotado de instrucção e de patriotismo, tendo merecido do marechal Floriano as maiores provas de apreço, até a de nomeal-o ministro do Supremo Tribunal Federal, o distincto militar não se aventuraria a uma situação menos digna para si e para sua classe. As prevenções que elle nutriu contra a politica e a pessoa do Dr. Julio de Castilhos foram as que ainda hoje nutre o governo federal, e que então incutia mais ou menos no espirito dos seus enviados.

A situação em que o Dr. Prudente de Moraes deixou-o depois de assignado o protocollo da paz foi o mais cruel dos abandonos a que se podia condemnar o encarregado de tão difficil e momentosa missão.

Se era verdade que elle havia excedido os poderes, que lhe foram confiados, e o governo não se sentia disposto a subscrever com a sua responsabilidade este abuso, achava-se evidentemente finda a missão e não cabia ao Presidente da Republica acceitar o protocollo e annunciar ao Congresso e á Nação que a paz estava feita. Se, ao contrario, o enviado cumprira o que lhe havia ordenado, não era digno que estivesse o governo recebendo as felicitações de todo o paiz pela terminação da lucta, e os seus



amigos nas duas casas legislativas levassem a agredir o general, que conseguira esse desejado termo.

O que se viu logo após a conclusão da paz foi que o Dr. Prudente de Moraes, obedecendo ao seu temperamento egoista, não deu um paço para amparar o seu delegado, e este viu-se quasi que no vacuo, sem confirmação real do que fizera, e tendo apenas por expressão de apoio os echos longinquos das demonstraões feitas ao governo por todas as classes do paiz.

A attitude do presidente da Republica foi tal, que levou ao espirito dos revolucionarios a hesitação, e muitos delles acreditaram que não havia chegado o momento de deporem as armas.

No entanto, as condições da paz haviam sido incomparavelmente muito mais prestigiosas para os poderes constituídos do que as celebradas em 1845 pelo austero militar, que foi mais tarde o duque de Caxias. «Era com o maior jubilo, dizia a fala do throno desse anno, que se viam realizadas as esperanças já annunciadas desse fausto acontecimento, que reunia em uma mesma familia todos os brasileiros.»

Compreende-se que a representação do Rio Grande e o presidente desse Estado se sentissem chocados pela attitude de desconfiança, que em todas as negociações havia para com elles manifestado o emissario do governo federal; o que não se percebe é o motivo pelo qual o mesmo governo, que desde o começo conheceu e animou essa attitude de reciprocas reservas e desgostos, não visse que com isso creava sérias difficuldades para a conclusão da paz.

Jornalista eminente, o Dr. Ferreira de Araujo, que acampanhou com a mais viva solicitude todas as peripecias da campanha patriotica da pacificação, e a quem hoje penosa enfermidade afasta da direcção da sua folha, conhece minuciosamente os momentos de angustia, em que sentimos quasi que malogrados os nossos esforços.

A posição do General Galvão era cada vez mais difficil: o presidente da Republica não se movia, limitando-se simplesmente a receber as manifestaões de jubilo.

Foi então que me pareceu conveniente, em nome dos mais caros interesses da minha patria, intervir.



Entre os projectos contidos na minha pasta para serem incluídos na ordem do dia das sessões do Senado, estava um que concedia amnistia aos implicados em uma sedição de Alagóas. Uma emenda, fazendo extensivo esse acto de completo esquecimento a todos os movimentos de rebelião havidos até aquella data no paiz, seria a confirmação da paz realisada no Rio Grande. Redigi esta emenda sobre a minha mesa de presidente, e convidei o velho Christiano Ottoni, o patriarcha venerando daquella casa, a admiravel cerebração de octogenario, que ainda alli enchia de pasmo a todos, para ser o seu primeiro signatario.

Recordo-me da commoção profunda e effusiva com que elle, dominado do maior reconhecimento, escreveu a sua assignatura. Era a sua ultima gyrodola, dizia sorrindo, atacada em momento festivo a paz e á liberdade em sua Patria. D'ahi a momentos, a emenda continha virte e nove assignaturas: estava assegurada a sua victoria no Senado.

Não posso omitir um facto, que, na historia da amnistia, teve a mais alta saliencia nessa Camara.

A emenda Ottoni era a terceira tentativa, as duas primeiras, dos senadores Costa Azevedo e Campos Salles, em projectos que concediam a amnistia restricta, haviam-se malogrado,

Vencedora, como estava, no Senado, essa terceira tentativa, que consignava a amnistia ampla, restava ao governo o trabalho de fazer votal-a na Camara dos Deputados.

Não podia ser uma surpresa para o Dr. Prudente de Moraes o procedimento da Camara, que eu presidia, em relação a amnistia ampla; não só ella havia anteriormente rejeitado as amnistias restrictas, como o que sabia do pensamento do presidente da Republica, por intermedio dos seus amigos mais intimos, era que S. Ex. não se oppunha a essa medida assim concebida.

Quanto a mim particularmente, nenhuma duvida podia ter. Presente, por solicitação dos manifestantes a quasi todas as demonstrações que S. Ex. recebeu, fui encarregado por sua bondade e confiança de responder aos oradores. Recordo-me que, em mais de uma, alludi a esse acto, e naquella, sobretudo,



que foi feita pela colonia rio-grandense, S. Ex. commoveo-se, e al raçou-me, declarando que eu havia bem interpretado seus sentimentos e desejos.

Avalie-se, pois, da minha surpresa e de muitos senadores quando, no dia seguinte, recebemos a visita do ministro do interior e do presidente da Camara dos Deputados, que iam solicitar fosse a emenda remettida á commissão de justiça e legislação para modifical-a no sentido de diversas restricções propostas! Recusei-me a semelhante alvitre: comquanto não tivesse voto naquella casa, era eu o seu presidente, possuia a confiança de grande numero de seus membros, tinha deveres politicos a cumprir, não podia aconselhar uma medida, que era a retracção adiosa de tudo quanto o Senado havia votado, e mais de que tudo envolvia um golpe dado no sentimento geral do paiz, que pedia inteira e completa extinção dos odios e perseguições da guerra. O Senado manteve-se firme: a amnistia ampla foi votada, apesar da apresentação de novas emendas, uma dellas da propria lavra do Dr. Prudente de Moraes, contendo todas, sob fórmas diversas, á idéa da restricção.

Para faciilitar a votação da medida, limitando as discussões nas duas casas, havia eu adoptado o alvitre da sua apresentação como emenda a uma proposição da Camara já em terceira discussão no Senado.

Este procedimento não se inspirara no desejo de coagir a Camara a acceitar ou rejeitar a medida sem poder alteral-a. O meu intuito havia sido outro: o de poupar um debate que eu calculava quanto seria ardente e apaixonado. Não quiz, porem, assim o Dr. Prudente de Moraes, que, por sua hesitação e inconsequencias, creou o tremendo conflicto entre as duas Camaras, no qual seria eu ainda mais sacrificado do que o General Galvão, se não fosse o apoio decidido de que dispunha na maioria do Senado.

Narro o que se passou com a maior fidelidade e exactidão. Ainda hoje, acredito que a amnistia ampla teria sido medida de muito melhor politica para os republicanos.

A restricção perpetuou os odios, e foi o primeiro signal de fraqueza e de receio dos vencedores.



Ou os amnistiados eram uns impenitentes, e melhora-se deixal-os voltar quando o prestigio da victoria era ainda recente, quando a situação republicana era ainda forte, poderosa, compacta, que não se temia do que os irrequietos tentassem; ou entre elles havia bastante patriotismo para bem servir a Republica, e nesse caso não havia momento mais propicio para conquistar a loalidade e o civismo dos mais distinctos e sinceros.

A demonstração deste acerto está no que se passou no Rio Grande: para os amnistiados daquelle Estado, que eram quasi todos civis, não houve restricções; isso não incommodou o seu presidente, e a posse assumida pelos seus adversarios das posições e direitos politicos, em vez de diminuir, augmentou e fortaleceu o seu prestigio e fez crescer o numero dos seus adeptos e dedicações.

Argumentava-se com o facto de que ir-se-hia, ainda recentes os effeitos da revolta, sujeitar os officiaes, que se haviam mantido fieis á lei, ao commando e subordinação dos que della se haviam afastado.

Isto, porém, havia de dar-se inevitavelmente, e no momento seria muito mais accetavel pelos amnistiados qualquer precaução que a administração superior da marinha empregasse para evitar attritos desagradaveis e contrarios á disciplina.

A restricção pela maior somma de privações e sacrificios que impoz aos amnistiados, entreteve os odios, que convinha amortecer, e deu a effectividade aos officiaes que se achavam envolvidos nella, justamente quando as forças republicanas se desperjavam sob a mais brutal e feroz perseguição.

Foi aquella a época em que todos os elementos politicos dominantes empenharam-se em dar ao general Glycerio a maior somma de força e de prestigio, investindo-o da omnipotencia legislativa, contra a qual raras, como eu, ousavam reagir. Não era de boa fé que isso se fazia, e eu tive occasião de advertir desse facto o chefe paulista.

«Não convém diminuir a minima parcella do prestigio e da auctoridade do Glycerio», diziam os chefes de maior valor da Camara.



«Entendão-se com Glycerio, e nada façam sem ouvir-o», repetia o Dr. Prudente de Moraes.

Eram todos á porfia a tecerem os maiores elogios ao tino e sagacidade do infatigavel republicano. Entretanto, o facto real era que as medidas que a Camara acabava de votar tinham uma feição odiosa, cuja responsabilidade convinha que pesasse sómente sobre o chefe paulista; por outro lado, ninguem se julgava ainda bastante forte para romper com o elemento adiantado da Camara, que era o apoio mais leal e vigoroso do *leader* daquela casa.

O apogeo dessa incontrastavel hygemonia, que o general Glycerio exercia sobre as forças republicanas, deu-se no banquete de S. Paulo. Foi um acontecimento politico essa apparatusa demonstração do partido rapublicano federal. Realisou-se na vespera da posse do Sr. Campos Salles, no cargo de presidente do Estado. Estive presente a esta festa. Ha, porém, uma circumstancia que muito poucos conhecem:

Por occasião de minha partida para S. Paulo, escrevi uma carta ao Dr. Prudente de Moraes, assignalando os motivos que alli me levavam, entre os quaes o de dar uma demonstração de apeço a um dos seus mais leaes e dedicados amigos.

Por outro lado, ao chegar áquella cidade uma das minhas primeiras visitas foi ao Dr. Bernardino de Campos, e S. Ex. deve recordar-se, mais de uma hora levei a expor a situação politica como a lucidez dos factos estava a esboçar-me.

A luta entre o Dr. Prudente de Moraes e o general Glycerio mal se podia entrever, e eu, que lhe presentia os perigos annunciava-a ao Dr. Bernardino e pedia-lhe que, concluida a eleição senatorial, se apressasse a vir servir junto ás Camaras de mediador entre os seus dois amigos, evitando uma divergencia, que seria das mais desastrosas consequencias.

Como eu me illudia ácerca do effeito benefico dessa mediação!

No banquete Glycerio deu o Estado de S. Paulo ao prestigioso chefe do partido republicano federal a mais significativa demonstração de apreço a que um homem politico pode aspirar. Saudando o seu illustre centerranio, fizeram alguns dos melhores talentos do jornalismo e da tribuna parlamentear pau-



lista a sua apologia entusiastica, com os applausos ruidosos dos mais notaveis homens politicos, magistrados, commerciantes e pessoas conspicias daquelle capital e de outros pontos.

Nessa festa só houve um homem que dissentisse de S. Ex., não na posse dos sentimentos de apreço, que lhe eram merecidamente tributados, mas em algumas das opiniões que S. Ex. sustentou.

Dando ao seu partido um programma occasional de administração e de politica, o general Glycerio saudou as glorias militares, e bemdisse o benefico influxo que ellas têm tido em todas as nossas revoluções politicas e na conquista de todas as nossas liberdades. Só uma revolução houve neste paiz em que não entrou elemento militar: foi a que fez a maioridade, e esta foi um desastre politico, dizia S. Ex.

Repliquei ao notavel politico, não contestando o valor das glorias militares, mas reinvidicando para as conquistas civis do trabalho, da instrucção e da paz os effeitos mais duradouros e beneficos das revoluções e do progresso politico e social.

Lembro este facto, para que saiba a Nação que, quaesquer que tenham sido as minhas condições politicas, nunca me deixei dominar pelos intuitos, o que aliás tambem não estava no espirito do general Glycerio, dalisonja aos feitos e aos meritos das classes armadas.

Voltando de S. Paulo, tive de assmir a presidencia do Senado. Já então começava-se a tramar contra a reeleição do Dr. Arthur Rios para presidente da Camara: o candidato, que se apontava era o Dr. Thomaz Porciuncula. Dou testemunho pessoal de que nessa occasião me asseverava o general Glycerio, quando, interessado pela reeleição do meu conterraneo, eu o interrogava: «Já mandei dizer ao Arthur que ficasse tranquillo», dizia-me elle.

Do banquete de S. Paulo trouxera o *leader* da Camara para os trabalhos legislativos o seu programma de inteira discriminação dos serviços, cujo custeio cabia aos Estados, e o de largos e profundos côrtes orçamentarios para reduções das dispezas publicas.

Nada de mais patriotico: ninguem mais interessado



nisse do que o governo da Republica, ao qual só a mais inconcebivel inconsciencia poderia permittir não ver os perigos financeiros que já existem e os que se aproximavam. Entretanto, quem menos auxiliou as Camaras nesse empenho foram o presidente da Republica e seu ministros. As mensagens, que se succediam, só pediam augmento de despezas: os empregos ou serviços extinctos em orçamento anteriores subsistem sob qualquer pretexto, e os creditos supplementares ou extraordinarios eram constantemente abertos, ou solicitados.

O Senado deu o exemplo patriotico de recusar alguns desses creditos.

Os ministros opunham-se tenazmente a fazer córtes em seus orçamentos: tudo quanto era redução, que se suggeria, desorganizava-lhe o serviço, diziam elles. O da fazenda não tinha idéa assentada sobre medida alguma: propunha no seu relatorio diversas, mas não se animava a sustentar nenhuma.

Era esta a situação, em que não se entendiam o executivo e o legislativo, quando dois acontecimentos da maior gravidade vieram perturbar seriamente os negocios da Republica. Um delles foi a discussão do protocollo italiano, o outro foi a crise commercial aguda das praças do Rio e de Santos.

Em torno do primeiro fez-se no paiz a mais intensa e assustadora agitação; em torno do segundo fez-se no estrangeiro a mais vasta e exaggerada campanha de descredito para os interesses brasileiros.

Correspondente de jornaes estrangeiros de grande conceito, como o *Times* e o *Financial News*, davam aos seus leitores as noticias as mais assustadoras acerca da situação financeira e commercial do Brazil.

As idéas suggeridas em uma das Camaras, de uma lei de moratoria, e da applicação á garantia da emissão de letras hypothecarias dos depositos das caixas economicas, inda mais aggravaram as nossas condições, motivando verdadeira corrida a alguns dos institutos de credito, assim como aos estabelecimentos officiaes que recolhem aquelles depositos.

Nessa occasião, aggravou-se igualmente o estado de saude do presidente da Republica e os seus medicos decidiram-n'o a ser operado.



Ausentei-me daqui e fui assistir, boa inspiração, ao último aniversário de meus velhos pais.

Telegrammas então enviados para a Bahia diziam que em rodas politicas não se commentava bem a minha partida naquelle momento.

Nada mais respeitavel e delicado do que os meus escrupulos: quem mais havia insistido com S. Ex. para que fizesse examinar a sua bexica, quando o tratavam como a um paludico, havia sido eu; como cirurgião, qualquer que fosse o exito da operação, era mister que o meu juizo não influísse; ao que, talvez não me pudesse esquivar, se aqui estivesse, dada a intimidade cordial das nossas relações.

Na minha ausencia foi o presidente da Republica operado; e quando sahi da Bahia, a 5 de novembro, eram muito satisfatorias as noticias que tinha do exito operatorio e clinico.

Ao chegar aqui, corriam os mais assustadores boatos: os intimos do governo, que foram receber-me a bordo, não me occultaram a gravidade do momento.

O incidente Moreira Cesar, a bordo de um vapor nacional, prendendo aquelle distincto official o commandante do navio, que elle suppunha desviar-o do rumo; o estado do presidente da Republica, que se aggravava, e sobretudo as condições do Thesouro, que o ministro da fazenda não pudera mais occultar, tudo isso annunciava que a crise havia attingido á sua maxima acuidade.

Nestas condições, fui eu, no dia 11 de novembro ás 5 horas da tarde, procurado pelo Dr. Borges Monteiro, secretario do Dr. Prudente de Moraes, trazendo-me uma mensagem de S. Ex., em que me passava o exercicio da presidencia durante o seu impedimento e por determinação dos medicos.

No dia seguinte, logo depois de ter colhido a maior somma de informações acerca do estado do Thesouro, e da urgencia e valor dos seus compromissos dentro e fóra do paiz, fui visitar S. Ex.

Encontrei-o em seu leito de operado: olhos encovados, face decomposta, magreza cadaverica, ventre tympanico, e sobretudo o mais profundo abatimento. Não trocamos, nem era possivel, uma palavra de politica.



Estava S. Ex. cercado pelos cuidados solícitos e carinhosos dos médicos e da família.

No desanimo, que se estampava em sua physionomia, eu quero crer, não era o receio da morte, não, não era a idéa de afastar-se dos entes mais caros o que mais o acabrunhava; faço justiça ao caracter de S. Ex. na solemnidade daquelle momento.

Havia alguma coisa que devia doer-lhe profundamente; era o estado em que S. Ex. deixava a sua Patria! Tive dô de S. Ex., digo-o sinceramente.

Dois annos antes o governo civil havia sido recebido pela Nação inteira com um grito universal de jubilo, e por entre o acenar das mais vivas esperanças.

O que eu havia lido momentos antes nas informações dos ministros, nos papeis do Thesouro, é que nunca haviam sido mais precarias as condições do paiz:

Vinte mil contos de papel-moeda já haviam sido, dias antes, emittidos clandestinamente; quarenta e sete mil saccas de café remettera o governo por sua conta para os mercados inglezes, afim de reduzil-as a dinheiro, que supprisse a escassez dos nossos recursos diante de compromissos urgentes; cerca de quatro mil contos já se haviam dispendido em sustentar artificialmente o cambio, que se obstinava em baixar até á taxa de 7 1/8! No Thesouro havia mil e duzentos contos em dinheiro e quatorze mil em *bonus*.

Na delegacia de Londres oitenta e sete mil libras; em mão dos nossos banqueiros meio milhão, saldo restante do emprestimo feito.

Entretanto, até o fim do anno, estavamos a 11 de novembro, os compromissos no exterior reclamavam um e meio milhão esterlinos, e as nossas despezas internas exigiam mais de trinta mil contos.

E os telegrammas dos nossos grandes credores da *City* já haviam passado da advertencia paternal á insistencia impertinente!

E, além de tudo isso, a ordem politica abalada, as relações com o legislativo na mais deploravel desintelligencia, os canhões do *Piemonte* em face da cidade, a força armada suspeitosa, a ordem social profundamente receiosa e ameaçada!

Eis o que naturalmente passava pelo espirito desalentado S. Ex!



E, quem diria? um anno depois, diante do presidente da Republica desdobra-se um quadro ainda mais lugubre e desanimador!

Contam os chronistas inglezes que a historia não offerce mais sombrio quadro do que o do velho rei Jorge III, cego, surdo e louco, vagando pelos aposentos do seu palacio deserto, falando a parlamentos imaginarios, passando em revista exercitos phantasticos e julgando manter a sua côrte com o brilho do passado:

Fôra no seu reinado que a idéa republicana traxera na America as lutas decisivas.

Raros eram os seus intervallos lucidos.

Em um delles, a rainha surprehendeu-o cantando um hymno religioso, acompanhado dos sons melancolicos de uma harpa.

Ao terminar, ajoelhou-se e orou: nesse balbuciar confuso de uma prece, elle pedia a Deus pela familia, pela nação e por si proprio, afim de que o Senhor lhe afastasse aquelle calice de amarguras ou lhe desse a força necessaria para supportar com resignação a sua sorte!

Os soluços embargaram-lhe finalmente a voz, e um novo accesso de loucura o acommetteu!

No momento doloroso em que eu o vi, nem esse conforto restava ao presidente da Republica! S. Ex. não havia aprendido a orar! O pensamento do seu infortunio e o da Patria, que se abysmava, não lhe suggerira a consciencia da nossa miseria, o que somos nós nas mãos d'aquelle, que levanta, ou abate os imperios e as Republicas, e dá a quem lhe apraz a vida ou a morte, a victoria ou o luto!

E mais tarde, e hoje, levanta-se como um impenitente para vagar pelos aposentos do seu palacio deserto, falando a parlamentos imaginarios e passando em revista exercitos phantasticos.....

## II

E' difficil conceber situação politica mais grave e melindrosa para um homem de governo do que aquella em que me achei ao assumir a presidencia da Republica.

O estado do paiz era o de uma crise agudissima,



em que os interesses financeiros e politicos soffriam o mais profundo abalo, sem uma idéa salvadora, sem um espirito director, em meio do mais sombrio desanimo.

A minha posição pessoal era a de um suspeito, sem o apoio dos amigos do governo, que deixava, os quaes não eram muitos e percebiam a necessidade que eu tinha de procurar novos elementos de força e de prestigio; sem a confiança dos seus adversarios, porque a minha politica fôra sempre contraria aos intuitos e demonstrações dos mais exaltados e ardentes.—Não ficaria oito dias no Itamaraty, affirmava o rumor anonymo dos videntes da turba multa.

Outra circumstancia ainda mais aggravava as minhas contingencias: a minha substituição não tinha prazo fixo, ou definido; podia ser de dias, de mezes ou de annos.

Além disso, eu não podia escolher livremente os meus auxiliares, nem conceber com liberdade a minha politica e os meus planos de governo.

Crear uma politica inteiramente nova seria uma loucura: nem dispunha de elementos para isso, nem me consentiriam os amigos do presidente, que não cessavam de accentuar o character de interinidade de minha permanencia.

Manter o mesmo pogramma, condemnando-me a actos de mero expediente, era suicidar-me, deixando que me estourasse nas mãos a bomba da bancarota que a imprevidencia do meu antecessor havia preparado e de cujos effeitos o acaso providencial da sua molestia opportunamente o afastara.

Comprehendi que outro alvitre não me restava senão convidar todos quantos tinham responsabilidades na proclamação da Republica, na sua direcção nos destinos e na sorte da sua politica, e expor francamente, com os documentos na mão, o estado em que se achava o paiz.

Diante dessa exposição, parecia-me, cessariam todas as divergencias: só haveria uma inspiração— a do patriotismo; um proposito—o de salvar as instituições do profundo descredito que as ameaçava.

Demais, só havia um programma a seguir: cuidar seriamente da administração e realizar no dominio das finanças a liquidação de uma serie de erros suc-



cessivos e desastrosos, creando simultaneamente um regimen de severa e largas economias.

O pleito eleitoral ia em breve realizar-se. O que ia pedir ao meu partido e ao Congresso era o sacrificio de todos os favores e vantagens que as respectivas representações haviam colhido para os seus Estados: o que ia solicitar do poder legislativo da Republica era a renuncia, não só de opiniões já sustentadas, como, ainda mais, a impopularidade de medidas que despojavam a Nação do que se reputava os seus melhores thesouros, as suas mais brilhantes tradições e conquistas no dominio da industria e do trabalho.

Não hesitei: tinham dito ao meu antecessor que o arrendamento das estradas de ferro faria uma revolução: pedi o arrendamento das estradas.

Uma unica força me amparava naquelles dias de cruenta e penosa anciedade, era o sentimento instinctivo, que eu percebia dominar os republicanos; para sustentar as instituições, não havia sacrificios a que elles não se submettessem.

Tambem a não ser para salvar os creditos da Republica, nenhum outro motivo dar-me-hia o direito de por em prova tamanha e tão pesada abnegação.

Convoquei uma grande reunião dos politicos mais salientes das duas casas legislativas, e disse-lhes francamente o que havia e o que eu pretendia fazer.

Devo á politica nacional o testemunho publico do maior reconhecimento:— foi unanime o apoio que me ficou assegurado nessa occasião.

Eu, que, momentos antes, era um interino, sem elementos proprios, sem partido, sem entusiastas, sem adeptos, assumia a direcção politica das forças republicanas e imprimia nos negocios publicos uma orientação tal, que o presidente ou a ella se sujeitaria quando voltasse, ou teria que abrir luta com os seus co-religionarios, ou com a propria Nação, arrasando-a aos mais serios desastres.

Delicada e espinhosa missão era o trabalho de reorganisação ministerial.

Amigos dos mais intimos e dos mais caros, quasi todos, contrariava-me a idéa de afastal-os do governo.

O ministerio, porém, continha homens ácerca dos



quaes a opinião estava fatigada e que evidentemente se achavam cansados, nadã mais sendo possível obter delles.

Neste caso estava o ministro da fazenda: S. Ex. era, diaria e invariavelmente, o homem politico mais atacado deste paiz naquella epoca.

Na reorganização ministerial percebi que era preciso conciliar os interesses de minha politica, isto é, da politica que mais convinha aos negocios do paiz, tão compromettidos, com as attentões e deferencias que eu devia ao Dr. Prudente de Moraes.

Consultei um numero limitado de amigos sobre a indicação de certos només, e preparei-me para levá-los ao enfermo, já melhorado, afim de ouvir o seu conselho.

Ainda achava-me em confabulação com esses amigos, quando se me veiu dizer que não me expuzesse à visita, que havia annunciado, porque os medicos tinham prohibido ao Dr. Prudente de Moraes qualquer conversação sobre assumpto politico, e que eu não seria recebido.

Avaliem os homens educados o pasmo que causou a todos nós reunidos aquelle aviso extravagante dado ao vice-presidente da Republica, que era um medico e não iria commetter a imprudencia de aggravar, se visse que isso se daria, o estado do doente com questões ou assumptos inconvenientes.

Ao Sr. Quintino Bocayuva devi o alvitre judicioso, que me tirou da embaraçosa situação: foi o Dr. Bernardino de Campos encarregado de entender-se com S. Ex. sobre o assumpto.

Nessa mesma noite, ás 10 horas, depois de prolongada conversa com o Dr. Prudente, trazia-me o seu amigo a resposta ácerca das nomeações ministeriaes.

Assim se substituiu o pessoal das primeiras pastas que vagaram, a da fazenda, a da industria e a da marinha.

Coube ao emissario a pasta da fazenda. Era um verdadeiro sacrificio que S. Ex. fazia para ser agradavel aos seus co-religionarios e ao enfermo.

Com a maxima franqueza affirmava o novo ministro que absolutamente nada conhecia das questões



da sua pasta e que excessivo seria o trabalho que ia ter em familiarizar-se com ellas.

Não se dava o mesmo com o ministro da viação. S. Ex. era um homem feito para o cargo, onde a minha feliz inspiração o collocou.

De longa data, conhecia eu os talentos, aptidões e energias de character do illustre brasileiro.

Foi uma campanha conseguir que S. Ex. aceitasse a pasta.

Fez-se mister allegar que o seu nome exprimia no ministerio, mais do que uma idéa, um plano financeiro e economico—o do resgate do papel-moeda e o da emancipação do Estado da exploração dos caminhos de ferro e de outras industrias. Cheguei a declarar ao Dr. Murtinho que, se me fossem recusados os seus serviços, passaria ao meu substituto legal o governo, que em tão laboriosas contingencias me havia sido confiado.

A idéa de applicar ao resgate do papel-moeda o producto do arrendamento das estradas de ferro da União, desde 1891, fôra objecto de um projecto apresentado ao Senado pelo Dr. Ramiro de Barcellos. Havia, porém, visível repugnancia nas duas casas legislativas em dispôr, ainda mesmo sob a forma de arrendamento, das vias-ferreas federaes.

O senador Christiano Ottoni, que, pôde dizer-se, foi o fundador da industria official dos caminhos de ferro, pelos serviços relevantes que prestou na construcção da Central, antiga D. Pedro II, era quem, cioso do valor dessa joia e, mais do que tudo, sinceramente empenhado em manter os creditos de aptidão administrativa dos engenheiros brasileiros, mais se oppunha á idéa do arrendamento. Taes foram, porém, as perturbações que por diversas causas, soffreram os serviços da Central, apontados outr'ora como modelos de boa direcção, que, com a autoridade incontestavel do seu criterio e experiencia, foi o illustrado senador mineiro autor de um parecer dado acerca da proposta Bonjean, opinando pelo arrendamento sobre as bases que o trabalho offerecia.

Dias antes de ser convidado para ministro, o Dr. Murtinho apresentara no Senado brilhante e profundo voto sobre o assumpto, advogando as doutrinas



mais adiantadas e sãs quanto á incapacidade do Estado como administrador e explorador industrial.

A sua escolha exprimia um intuito novo nos governos republicanos—o de dar as pastas aos homens politicos, que encarnam a defesa e sustentação de uma idéa, ou representam uma competencia especial, já demonstrada por factos e trabalhos conhecidos.

O empenho, que eu havia revelado, de aproximar-me dos corpos legislativos, a franqueza leal e sem reservas com que procurara revelar-lhes a situação dos negocios publicos, dera-lhes a noção nitida e perfeita do valor dessa harmonia, a que se refere a Constituição, que, sem tirar-lhes a independencia, nem diminuir-lhes o prestigio das deliberações, assegurava uma uniformidade de vistas e uma firmeza de orientação, até então desconhecidas no Congresso Republicano.

Até a propria opposição, convidada a collaborar na adopção das medidas que o governo solicitava, a isso prestava-se patrioticamente, não obstante as urgencias do pleito eleitoral, que se aproximava, e o interesse que ella tinha de apressar a volta para os Estados, onde era mister apparelhar os elementos da luta.

Por outro lado, o governo não limitava o seu plano á obtenção de medidas legislativas; entrava no dominio pratico de actos significativos da firme resolução em que elle se achava de melhorar a arrecadação das rendas publicas e de cortar sem piedade nas despesas.

O veto opposto ás resoluções legislativas, que revalidavam a concessão Chopim e ampliavam isenções aduaneiras á empresa Marahú, assim como o aviso-circular do ministro da fazenda, mandando suspender, sob pena de responsabilidade, a execução de todas as obras que não fossem de urgente reparo ou conservação e o preenchimento de empregos subalternos que dependessem de portaria, produziram no paiz e no estrangeiro a mais favoravel impressão; e o jornalismo, tanto desta capital como dos Estados, foi unanime no acolhimento auspicioso e enco-miastico dos primeiros actos do governo.

A repercussão favoravel desse juizo estendeu-se á imprensa europea e americana, e o novo ministerio era recebido por entre as demonstrações mais vivas



de confiança, levantando o espirito publico do abatimento em que elle havia caído sob a crise assustadora, que então o dominava.

O indicador destes factos era o cambio, cuja taxa ficticia fora mantida pelo Banco da Republica, de ordem do ministro do meu antecessor, trabalho que eu mandei immediatamente cessar e que, entretanto, seguiu-se da alta, que em poucos dias attingiu a 81½, chegando mais tarde até 93½.

A linguagem entusiastica e festiva com que os jornaes desta capital, sobretudo *O Paiz* e a *Gazeta de Noticias*, applaudiam e animavam o meu governo, causava profundos dissabores nos intimos do Dr. Prudente. Nem a habilidade de dissimular elles tiveram. Como uma prova de delicadeza ao enfermo, eu não havia alterado a casa civil e militar. Esta demonstração attenciosa foi em poucos dias retribuida com um aviso de que S. Ex. não me podia receber, e com um pedido de demissão, sem explicações, do chefe da casa militar, sobrinho do Presidente.

Desde então, era facil prever com que obstaculos eu iria lutar. Não me incommodei, porém, tal era o apoio que recebia da opinião e do Congresso.

Em menos de um mez, votavam ambas as casas legislativas a encampação das emissões bancarias, os meios de instituir o resgate do papel-moeda, a autorização para entrar em accôrdo com o Banco da Republica ácerca do seu debito, e reorganisar este instituto de credito, e a faculdade de arrendar, por concorrência publica, as vias ferreas da União, applicando o producto dessa operação á valorização do meio circulante e ao serviço da divida externa.

Além d'isso, o arçamento da industria e viação, o unico da despeza que ainda pendia de discussão, soffreu reduções no valor de cerca de trinta mil contos.

Era um plano já estudado e de segura execução. Nenhum acrescimo de imposto solicitei então do Congresso. Seria odiosa e improductiva exigencia. Não só os impostos já decretados eram mal arrecadados, cerca de 40 % menos, como não haveria augmento de contribuições, que pudesse cobrir o *deficit*, devido ás diferenças de cambio. De cento e vinte a cento e quarenta mil contos era a quanto



montava essa diferença. A Nação inteira já se achava onerada do mais pesado e peor dos impostos, o qual mais flagellava o pobre do que o rico, a degradação da moeda reduzindo de mais de dois terços, hoje de mais de tres quartos, o valor real do papel e exigindo para aquisição de qualquer objecto, n'um paiz em que quasi tudo se importa, tres ou quatro vezes mais do que o seu verdadeiro custo.

As proprias economias realizadas, apesar de avultadas, tinham mais o valor moral da confiança que inspiravam na boa orientação do governo, do que concurso efficiente para debellar o *deficit*. A diferença de  $1/4$ , de  $1/2$  ponto na taxa das remessas do Thesouro para os compromissos externos absorveria uma ou outra economia feita, este ou aquelle imposto cobrado.

Só havia um meio effcaz de supprimir o *deficit*: era valorizar a moeda. Para conseguir este resultado, os mais notaveis economistas do mundo aconselhavam-nos um grande emprestimo, inda que fosse mister pagar 8 ou 10 % de juros.

Esta taxa era dez, ou mais vezes menor do que as diferenças de cambio, que pagamos.

Ao governo brasileiro, porém, não convinha, nem seria facil obter uma grande operação de credito, applicada exclusivamente ao resgate. As perturbações que traria ao commercio, lavoura e industrias do paiz uma alta rapida seria de incalculaveis e desastrosas consequencias.

O plano traçado era o mais ponderado e o mais util. Assumindo a responsabilidade das emissões feitas pelos bancos, o governo applicava ao resgate o saldo dos depositos que estes mesmos estabelecimentos haviam feitos no Thesouro para garantia das referidas emissões. Era de noventa e um mil titulos de um conto de reis, valor nominal, quasi todos do juro de  $4\%$ , ouro, a somma depositada.

Além desta quantia, o decreto, que regulava a materia, mandava applicar ao mesmo fim as prestações com que entrasse o Banco da Republica por conta do seu debito, que era de duzentos e quatro mil contos, e ainda mais dois terços do producto do arrendamento das vias-ferreas da União.



Para collocar os titulos que possuia o Thesouro, só havia dois meios: ou a venda em pequenos lotes, que não influissem na sua cotação, ou uma grande operação, que os regatasse pelo preço do mercado, applicando o producto dessa venda feita pelo proprio Thesouro á retirada do papel-moeda.

A tentativa de venda em pequenos lotes não encontrou preços vantajosos. Um grande emprestimo esteve mais tarde em via de realisação, não só para a compra destes titulos, como para a acquisição do restante do emprestimo nacional de 1889 e das apolices convertidas de 4 %.

O emprestimo era de dez milhões esterlinos ao typo de 85 e 5 % de juros, recebendo o governo pelo menos um terço em prata. A operação seria realisada nos Estados Unidos, applicando o Thesouro, no caso que fosse exigida esta clausula, dois terços do producto do arrendamento das estradas ao serviço de juros desta divida. Este emprestimo interessava aos grandes productores de prata, cujo consumo diminue relativamente e cujo preço baixa; e aos grandes industriaes e exploradores de caminhos de ferro americanos, que teriam assim um grande mercado para o *stock* já excessivo da sua producção. Quando não fosse directamente lançada nos mercados americanos, os contratadores da operação iam lançal-a por sua conta e responsabilidade nas praças europeas.

O producto deste emprestimo daria para resgatar as apolices convertidas de 4 %, isto é, cento e vinte e cinco mil titulos e a quasi totalidade restante do emprestimo nacional de 1889, isto é, cincoenta e um mil titulos pelo preço maximo do mercado no momento do decreto da operação. O governo depositaria o valor das apolices, cujos portadores não se quizessem conformar, e pediria ao Congresso a confirmação da sua medida.

Além disso, retirava da circulação cerca de cem mil contos de papel-moeda, importancia de setenta e um mil titulos de 1889 e vinte e cinco mil de apolices convertidas, depositadas no Thesouro e applicadas ao resgate, fazendo igualmente com a cunhagem da prata, que já fora iniciada para ser opportunamente posta em circulação, o que Magliani fizera na



Italia—a substituição das notas de menor valor, isto é, de menos de 5\$000.

Eram 176 mil títulos da dívida fundada, do valor nominal de 1.000\$ e juro de 4 o/10 ouro, isto é, com um serviço annual de juros de 700 mil libras, que eu resgatava com um empréstimo de 88.900 títulos do mesmo valor nominal, e com um serviço de juros de 500 mil libras annuaes, ou duzentas mil menos.

Em vez de augmentar com o empréstimo, a dívida fundada diminuia de 87.100 títulos, juros ouro, do valor nominal de 1.000\$; o papel-moeda em circulação seria resgatado no valor de 100.000:000\$, além da substituição pela prata de todas as cédulas miudas em circulação.

A prevenção de alguns financeiros do Thesouro assustou-se, com a idéa de lançar a prata em circulação: entretanto, eu bem sabia que só a cambio de 14 ou 15 a prata comprada pelos velhos preços não daria prejuizo ao governo, cunhada e circulando. Com a baixa, porém, no custo do metal, e com a alta crescente do cambio, em menos de tres mezes a moeda circularia, sem que houvesse absolutamente vantagem nenhuma em fazel-a emigrar.

Quanto ao Banco da Republica, o meu intuito era reorganizar-o, entregando-o em todos os seus negocios á direcção e responsabilidade dos accionistas e reduzindo o mais que fosse possivel o seu debito.

Na liquidação das suas carteiras industrial e hypothecaria, para a qual o banco infallivelmente caminhava, podia o governo obter desse instituto de credito valores, que em suas mãos nada produziam, e pelo contrario traziam-lhe encargos, afim de reduzil-os a dinheiro e applicar o producto ao resgate do papel-moeda.

Entretanto, a aquisição de um ou outro edificio era operação muito secundaria ou limitada. Sempre me oppoz á compra dos frigorificos e a outras transacções, que já se fizeram ou tem se tentado realizar.

O governo pretendia adquirir o Lloyd e a Sorocabana. Com o material que o Loyd possuia, com as subvenções no valor de mais de 2.000 contos annuaes, que lhe estavam garantidas por um contracto de dez annos, com o monopolio da cabotagem, que esse contracto lhe assegura, a empresa valia de um e meio a



dois milhões esterlinos. Quanto a Sorocabana, a sua renda crescente, os seus 1.172 kilometros de linha ferrea e fluvial em trafego, os seus prolongamentos e ramaes em construcção faziam presumir que de tres e meio a quatro milhões poder-se-hia obter por essa estrada.

Qualquer que fosse, porém, a minha opinião, quiz ouvir os estudos e conceitos de homens respeitadas pela autoridade moral elevadissima e incontestavel competencia que possuiam. Uma commissão, composta dos Srs. Affonso Penna, presidente do banco, Martins do Amaral, director eleito pelos accionistas, Dr. Coelho Rodrigues, Dr. Serzedello Correia e Luiz Tarquinio, foi encarregada de estudar a reorganisação do banco e aconselhar o governo sobre os meios de reduzir o debito deste instituto de credito.

Comquanto tivesse sido um vencido no principio, que sustentei, de inteira independencia do banco, não encontraram as minhas opinões relativas á redução do debito senão as objecções do Sr. Luiz Tarquinio, que entendia não ser licito a uma instituição de credito, que não estivesse fallida, pagar os seus compromissos entregando bens e valores; sendo seu parecer que o pagamento se fizesse em dinheiro ou letras.

Adquirindo as duas empresas alludidas, e vendendo-as a capitaes estrangeiros, prestava o governo um grande serviço ao commercio do paiz, em geral, maxime aos interesses da navegação de cabotagem para o norte da Republica. Sujeita essa navegação, como se fosse um prolongamento do longo curso, á direcção, disciplina e regimen dos transatlanticos, preenchidas as formalidades da lei de nacionalização da cabotagem, tudo teria a lucrar o commercio interestadual, tão enervado hoje pela morosidade e embarações de transporte e pelo oneroso custo dos fretes.

Estudei minuciosamente o activo e passivo destas empresas, fixei o maximo pelo qual ficaria o governo com o seus titulos e pagaria as suas dividas e assentei com um dos directores do banco, que me foi enviado em nome da direcção, a proposta, que tenho igualmente em meu poder, e que já uma vez o *Jornal do Commercio* publicou.

33



O banco, que era possuidor de mais da metade das acções e *debentures* das duas companhias, offerecia esses titulos em pagamento da sua divida. O governo fixava o maximo pelo qual recebia esses titulos e estabelecia esse mesmo preço para os restantes que o instituto de credito procuraria adquirir por permuta com outros titulos, encontro de contas, pagamento de dividas ou por compra.

A fixação do preço para aquisição não só dos titulos como das dividas tinha por fim restringir os effectos da especulação.

Para facilitar a compra, ainda o governo garantia aos portadores de titulos uma bonificação, se acaso o producto da venda das emprezas excedesse á somma empregada em adquirir todos os titulos e dividas.

Effectuada essa operação pelo governo, o qual era o mais competente para realizal-a, porque mantinha as concessões e favores e evitava os impostos onerosissimos de transmissão, dois terços de seu producto, pelo menos, seriam applicados ao resgate do papel-moeda e á amortização real da divida do banco; cerca de tres e meio milhões esterlinos teriam esse destino, além do restante, que se punha em circulação em troca de acções e *debentures* desvalorizadas, ou de cotação nulla, que estavam obstruindo a carteira do banco.

Outros recursos ainda pretendia o governo applicar ao serviço do resgate dentre os que o banco offerecia pelo seu debito; como a divida da Companhia Leopoldina, que montava com os juros accumulados a vinte e seis mil contos. Este debito se fizera com garantia do governo, sendo de 5.000:000\$ as ultimas quantias recebidas pela companhia e entregues por escriptura de 12 de Junho de 1895 e carta official do Dr. Rodrigues Alves de 8 de junho, e por escriptura de 10 de outubro do mesmo anno e ordem do referido ministro, sem haver lei que a isso o autorizasse.

Tive uma só conferencia com os representantes dos credores da companhia e que se achavam á frente da sua reorganização. Nessa conferencia, depois de diversos alvitres que suggeri, como o pagamento em letras da nova empreza, lembrei uma emissão de acções preferenciaes, feita pela companhia após a



sua reorganização, no valor de £ 800.000 a juro de 4 o/o, em favor do governo brasileiro.

Estas acções teriam a garantia de toda a empresa cujo capital localizado era de cerca de cinco milhões esterlinos. A dívida do governo, que, pode dizer-se, nenhuma garantia até então possuía, pois as pequenas hypothecas parciaes, que a amparavam, pouco valiam, passou a ser a mais solidamente sustentada. Os representantes dos credores inglezes insistiram pela redução a £ 700.000 e declararam-me que iam consultar seus amigos de Londres.

Ainda mesmo reduzida a £ 700.000, a operação era vantajosissima. Os titulos, garantidos como estavam, podiam ser cotados ao par e o seu producto ao cambio do dia attingia a uma somma quasi igual ao valor do debito.

Ainda esta somma, que podia produzir, entre as taxas de 8 e 7, de vinte e um a vinte e cinco mil contos, seria applicada ao resgate do papel-moeda, como mandava a lei.

Outra fonte de recursos, que o governo obtivera do poder legislativo para o resgate, era o producto do arrendamento das estradas.

A proposta Bonjean, que servira de base aos estudos do Senado, offerecia quatorze e meio milhões esterlinos em grandes e promptas prestações.

Discutindo o assumpto com o Dr. Murinho, consideramos nas difficuldades que teria o proponente, ou outro qualquer, de obter rapidamente tão grande somma e nos inconvenientes que se dariam com a entrada de tal quantidade de ouro, além da possibilidade, attentos os nossos habitos de governo de ser a somma recebida desviada da sua verdadeira e util applicação. Redigimos então o edital de concorrência, estatuindo a prestação inicial de cinco milhões esterlinos e deixando a quota ou contribuição annual aos calculos e vantagens de cada proposta, que não deviam ser inferiores, como era de presumir, ao que pudesse produzir, o que o governo garante ás estradas construidas, isto é, 6 o/o do capital restante da proposta Bonjean, ou nove e meio milhões esterlinos. A quota annual não deveria ser, pois, inferior a seiscentas mil libras, segundo os meus calculos.



Eis o que estava assentado com o fim de pôr em execução as medidas que o Congresso havia votado.

O decreto legislativo n. 2.412, de 28 de dezembro de 1897, art. 3.º, fixou em 10 1/2 do valor total das emissões o mínimo resgatado no anno de 1897; com as operações que o governo pretendia realizar o resgate poderia elevar-se ao triplo. O valor total das emissões, comprehendidas as bancarias e do Thesouro e a que foi feita para conversão dos *bonus*, importava em 752.355:393\$000.

O governo, cuja substituição me fora confiada, nada fizera com o fim de diminuir a grande massa de papel em circulação.

Os dois empréstimos realizados, um externo no valor nominal de £ 7.442.000 e real de £ 6.000.000, isto é, 80 1/2 0/0 liquido, era obrigado por clausula do contrato a ser applicado em parte ao resgate do papel-moeda; o outro, interno, no valor de 100.000.000 fora emitido, dispondo o art. 7.º do decreto da emissão: — «Metade do producto do empréstimo será destinado ao resgate do papel moeda emitido em virtude do decreto n. 1.616 A de 23 de dezembro de 1893».

Apenas trinta mil contos foram resgatados em 1895, sendo em outubro de 1896 emitidos vinte mil clandestinamente.

Ao assumir o governo, um dos meus primeiros cuidados foi mandar resgatar esta somma com o valor equivalente em *bonus*, que, em virtude do decreto legislativo n. 2.405 de 16 de dezembro de 1896, tinham de ser substituídos por notas do Thesouro.

A confiança renascia com a attitude do governo. Não só o cambio subia, como os nossos titulos, que se achavam muito mal cotados em Londres nos ultimos dias da situação anterior, elevaram-se mais sete pontos em cerca de quinze dias.

Entretanto, os nossos apuros em Londres ainda eram serios. A 24 de novembro, escrevia-me o ministro da fazenda:

«Envio a traducção de outro telegramma de Rottschild. Peço dizer-me se posso affirmar que remetteremos os fundos sufficientes.»

A Nação não conhece os bastidores desse scenario de torturas que se chamam as nossas relações



financeiras; é, porém, mister que se lhe diga a verdade inteira; um povo deve ter a coragem de conhecer os seus infortúnios e de procurar conjural-os. Os documentos que possuo dariam, aliás, de um período que não foi meu, a nitida comprehensão do quanto nos affligem sacrificios e humilhações. Devo á minha Patria, porém, o silencio nesta crise angustiosa que ella atravessa.

Urgia uma operação prompta, que me dêsse o necessario para as remessas.

Entre em negociações com os directores da *Banque Française*, que abriram ao governo um credito em conta corrente até um milhão esterlino, pelo prazo de 6 mezes, vencendo o juro de 8.º papel da data das remessas até a da liquidação. Os boatos, que chegaram a Londres, de que o governo pretendia fazer uma operação de credito, motivaram um telegramma daquella procedencia para o *Jornal do Commercio*, em que se dizia:

«Sei de fonte segura que nos circulos financeiros de Londres, e de Paris causaram assombro as noticias d'ahi transmittidas, ácerca do projecto de orçamento do Brazil, autorizando o levantamento de um emprestimo externo.»

E estendia-se em outras considerações, aconselhando economias.

O *Diario Official* do dia seguinte respondeu com estas palavras, escriptas por mim:

«O actual governo da Republica não tentou, nem pretende levantar qualquer emprestimo externo.

«O assombro de que dá noticia o telegramma de Londres publicado em uma das folhas desta capital, é extemporaneo e infundado.

«Fructo natural da campanha de diffamação que contra os creditos do paiz se tem levantado dentro e fóra d'elle, o despacho telegraphico traduz sentimentos que não se justificam diante da pontualidade e escrupulos com que o governo tem satisfeito e satisfará os seus compromissos.

«Quanto ao programma de economias, que a administração publica entrou a realizar com o apoio nacional e o voto do Congresso, quaesquer suggestões e conselhos do exterior, ainda quando sejam para agradecer, tornam-se perfeitamente dispensaveis.»



Ordenando que as cambiaes fossem compradas em outras praças do norte e sul, remetti as sommas seguintes:

Novembro £ 94.934—2.000.000 de francos e 400.000 marcos;

Dezembro £ 155.868—4.000.000 de francos e.....  
1.395.000 marcos;

Janeiro £ 308.812;

Fevereiro £ 318.812.

Até fins de fevereiro, quando deixei o governo, ainda não havia sido utilizado em favor do Thesouro o credito aberto pela *Banque Française*.

Dentre as operações feitas, houve uma realizada com o accôrde e responsabilidade do actual ministro da fazenda e que, entretanto, se tem mandado detrahir em artigos pagos pela verba secreta.

Refiro-me á indemnização dos bancos regionaes.

Votei em ambas as discussões do Senado contra essa disposição. A indemnização, porém, foi decretada aos bancos regionaes na lei de 23 de Setembro de 1893, que lhes cassou o direito de emissão e concentrou-o no Banco da Republica. Para calcular esta indemnização mandava a lei que se convertesse o fundo de emissão ouro em papel ao cambio do dia, e sobre esta somma assim calculada fossem emittidos titulos de 4 % ouro. Os bancos, além de disposição expressa da lei, tinham a seu favor uma sentença dos tribunaes. Quer a lei quer a sentença obrigava o governo ao pagamento de uma somma muito maior do que a que elle pagou. Os bancos emittiram ao par sobre titulos do emprestimo nacional de 1889, capital e juro ouro e sobre apolices convertidas de juro ouro. Depreciado o papel pelas novas emissões feitas pelo governo ou por elle autorisadas a outros bancos, ficaram os bancos regionaes prejudicados, porque os titulos que elles haviam depositado no Thesouro para garantia da emissão valiam muito mais do que as proprias emissões. Além disso, tendo elles ainda a faculdade de emittir, logo que lhe fol cassada diminuíram os recursos de que podiam dispor.

O direito á indemnização ficou reconhecido e firmado pela lei e confirmado pelos tribunaes. O empenho do Vice-Presidente, resolvendo o caso, foi libertar o governo de qualquer relação ou depen-



dencia dos mesmos bancos, liquidando este débito e restituindo a estas instituições a sua vida normal.

O meio mais simples era recolher as emissões, resgatando-as; e restituir os títulos com os respectivos juros desde a data em que foi suspenso o pagamento. Assim, porém, havia menor vantagem, pois os títulos eram ouro e restituídos o governo tinha de effectuar d'ora em diante o pagamento em ouro dos seus juros e amortização.

Além disso, se o governo em vez de restituir esses títulos, procurasse collocar-os no estrangeiro, elles poderiam dar a cotação do empréstimo externo correspondente de 1889, que era na occasião de 67 a 70. Collocados que fossem a 64, elles produziam ao cambio de 9 a quantia de 1:925\$000, emquanto que foram pagos a 1:520\$000, preço corrente da praça. Além disso, o juro de 4 % ouro que o governo teria de pagar, se restituísse os títulos, equivalia a 8 % sobre o preço da praça, 1:520\$000, a que o governo resgatou estes títulos, emquanto que collocados mesmo á taxa baixa de 64 %, o juro não excederia de 6 1/4 %!

O pagamento dos juros devidos desde 1893, em que elles foram suspensos, até 31 de Dezembro de 1896, foram calculados á taxa de 10 pence em lugar do cambio do dia (9 pence), o que trouxe, como é claro, grande vantagem para o Estado.

A oportunidade da operação ainda mais se accentuou com o auxilio que os bancos regionaes, assim desembaraçados do seu litigio com o governo, podiam prestar ás respectivas praças, que, particularmente as de Santos e S. Paulo, se achavam em grande estado de tensão com a baixa do preço do café e do cambio.

O que o governo pagou, pois, foi:

A differença entre o valor dos títulos depositados, calculado pelo minimo (cotação da praça) e o valor das emissões;

Os juros ouro que eram divida desde 1893 até 1896 ao cambio de 10 em lugar de 8 pence.

O que o governo lucrou foi:

A differença entre a cotação do mercado do Rio e a de Londres, do empréstimo correspondente, cerca de 500\$000 por titulo de 1889 ou 3.635 contos ao todo,



sem contar a vantagem de ter resgatado 11.377 títulos convertidos de 4 % ouro ao preço de 1:240\$000 papel;

A diferença entre o cambio do dia e o de 10 pence convencionado para pagamento dos juros.

As indemnizações reclamadas pelos tres bancos, União de S. Paulo, Emissor da Bahia e Emissor do Norte, eram computadas em 1895, no relatorio do ministro da fazenda, em mensagem dirigida ao Presidente da Republica, na somma de 22.479:996\$329, adoptando os calculos mais favoraveis offerecidos pelos reclamantes ao Thesouro. Justificando o indeferimento dado a essa pretensão, dizia o Sr. Rodrigues Alves:

«Acompanhei a discussão do projecto que se converteu na lei de 23 de Setembro e pude conhecer então o pensamento dos que concorreram para a sua adopção.

Em 2.<sup>a</sup> discussão do projecto no Senado, o art. 5.<sup>o</sup> que trata da indemnisação, foi supprimido. Parecia a uns que os bancos, havendo perdido a faculdade de emittir, por terem deixado passar o prazo de dois annos, assignado para esse fim, não tinham direito a indemnisação alguma e á maioria se afigurava que os bancos, approvado aquelle artigo, se mostrariam exigentes na contagem dos juros e viriam reclamar do Thesouro quantia superior a 50.000:000\$000.

Em 3.<sup>a</sup> discussão foi approvado o referido artigo, mas isso deu-se por uma especie de accordo e depois da affirmação—que as indemnizações se conteriam nos limites de seis a dez mil contos.

Foi por essa razão tambem que uma emenda do senador Virgilio Damazio e outros, apresentada em 3.<sup>a</sup> discussão a 5 de Setembro, reconhecendo o direito á indemnisação, comtanto que o *quantum* não excedesse para cada banco a metade do valor representado pelos respectivos lastros», foi rejeitada na sessão do dia immediato.

Posso dizer-vos que eu era do numero dos que entendiam naquella época que as indemnizações não passavam daquelles limites.»

Dois annos depois da data do relatorio, quando o cambio havia descido a taxas muito mais baixas do que as da época em que se havia votado a lei; e os títulos em ouro ou convertidos, tinham adquirido



muito maior cotação e accumulado quatro annos de juros, os bancos recebem 14.630:105\$000.

Com as bases que o meu governo conseguiu para a indemnisação, se ella tivesse sido realisada logo que foi votada a lei, a somma dispendida não attingia aos dez mil contos, a que se refere o ministro, tratando da *especie de accordo* votado em 3.<sup>a</sup> discussão do Senado. Quanto mais se demorava a solução da questão, maior era o valor dos juros em ouro a que o Thesouro ficava obrigado.

Tudo isso é tão claro que a simples leitura dos documentos officiaes ter-me-hia poupado a exposição destes detalhes. Entretanto, como é a unica censura que até hoje puderam fazer ao meu governo os empreiteiros da diffamação official nos ontrelinhados que o ministro do interior manda pagar ao *Jornal do Commercio*, era necessario que eu me detivesse sobre o assumpto.

O que é curioso é que o Dr. Prudente de Moraes depois disso já mandou dar, sem autorisação em lei alguma, sem nenhum direito rezonecido, vinte e um mil contos ao Banco da Republica a titulo de indemnisação.

O presidente desse instituto de credito havia-me escripto, quando discutiamos o accordo, declarando-me que alguns accionistas falavam em obter tal indemnisação, visto o banco ter sido privado do direito de emittir. Nenhum fundamento, porém, assistia ao banco para semelhante reclamação: para dar-lhe o monopolio das emissões havia o poder legislativo cassado ás demais instituições emissoras a faculdade, que possuíam, garantindo-lhes uma indemnisação que o governo fôra obrigado a pagar; para auxiliar o banco com uma medida financeira de grandes responsabilidades, solicitada pelo proprio presidente em assembléa geral de accionistas, votara a encampação; ainda com o mesmo intuito de poupar difficuldades a esse instituto de credito, nunca exigira os juros e amortisação que, por contrato lavrado com o Thesouro em 1893, o banco se obrigara a pagar de uma divida de 204.000:000\$000; como pois. podia haver direito, digo mesmo equidade, nessa indemnisação de vinte e um mil contos?

Outra indemnisação ioi concedida pelo Supremo



Tribunal Federal ao Banco Emissor de Pernambuco, que sempre me pareceu não ter direito a ella, pois havia emitido 15.558.200\$000 sobre o lastro real de lb. 475.077. Entretanto, a sentença contra o Thesouro dá-lhe muito maiores vantagens do que tiveram os bancos regionaes indemnizados anteriormente.

Quanto á probidade pessoal e eserupulos havidos na operação que eu fiz, eram taes a justiça e direitos reconhecidos, que o ministro da fazenda, Dr. Bernardino de Campos, apesar de ter feito outr'ora parte da direcção do Banco União, não hesitou em referendar o decreto e assumir a responsabilidade moral e legal desse acto do governo.

Pagando estas indemnisações, assim como as que no ministerio da viação liquidaram, em virtude de disposição orçamentaria, contractos de obras no valor de cerca de trinta mil contos, com o dispendio apenas de dois mil e novecentos contos, obedecia a alta administração a um plano estudado e harmonico, no qual entrava como um grande factor desembaraçar o Thesouro dos seus enormes compromissos, muitos dos quaes haviam sido accumulados pelo regimen dilatorio da impvidencia e da morosidade, que havia caracterisado o governo do meu antecessor.

A União via augmentar dia a dia o seu descredito é a lentidão ou falta de pagamento das suas divida custava-lhe mais do dobro do valor real dos objectos que lhes eram fornecidos.

Só na praça do Rio o Thesouro devia a particulares mais de dez mil contos, de contas a pagar por fornecimentos feitos. A Estrada Central tinha mais de cinco mil contos em grande atrazo. Havia casa commercial nesta cidade que seria forçada a suspender pagamentos, se o governo não lhe satisfizesse pelo menos uma parte do seu debito. Foi nessa occasião que eu suggeri ao Banco da Republica o concurso que elle prestaria ao governo pagando os credores da União por debitos de fornecimentos competentemente legalizados, e para os quaes tivessem o Congresso de occorrer com o respectivo credito.

A actividade sollicita com que a administração superior acudia a tudo isto, o empenho pratico e notorio que empregava para levantar o credito publico dentro e fóra do paiz retorquia o espirito na-



cional do abatimento em que cairá, e tudo visivelmente se animava, animando igualmente o governo.

A subida rápida e duradoura dos nossos títulos nos mercados de Londres e Paris era a prova evidente da confiança que renascia.

As diferenças de cambio entre a taxa que eu havia recebido e a media do meu governo davam, só nas remessas do Thesouro—avalie-se a quanto não atingiram com os particulares—o lucro de sete mil e duzentos contos, não calculando a cessação dos prejuizos causados pela alta artificial entretida por ordem do meu antecessor.

Desse periodo, diziam louvores orgãos do jornalismo, que não podem ser suspeitos ao presidente da Republica.

Interpellando o partido republicano federal, assim se exprimiam as *Coisas politicas* :

«Dos dois annos de governo do Sr. Dr. Prudente de Moraes um acto principalmente se destaca; a pacificação do Rio Grande do Sul e a subsequente amnistia dos revoltosos.

«Ora, esse foi praticado evidentemente contra a vontade do partido. No entanto, este gaba-se de fazer tudo, o que autoriza a que se lhe pergunte do que mais se vangloria: se desses trinta e tantos dias de governo do Sr. Dr. Manoel Victorino, em que evidentemente a vida nacional tomou um aspecto novo, ou *dos dois annos de inercia, que desalentaram a Nação?*»

A phrase que ahi fica em italico é d'*O Paiz*, diz o articulista.

A *Noticia* publicava com apreciações encomiasticas os telegrammas dos seus correspondentes, reproduzindo o que dizia a imprensa franceza, que pela voz do *Figaro*, annunciava no governo do vice-presidente o inicio da idade de ouro da Republica.

O *Jornal do Commercio* publicava nas suas columnas os seguintes trechos do seu correspondente de Paris :

«Embora as graves questões de politica interna não sejam da minha alçada, não posso deixar de consignar aqui a excellente impressão causada neste paiz pelos actos governativos, com que já se illustrou a interinidade presidencial de S. Ex. o Sr. Manoel



Victorino Pereira. A circular do Sr. vice-presidente da Republica aos governadores e presidentes dos Estados da União foi traduzida e commentada em numerosos jornaes.

«A doutrina expandida nesse notavel documento obteve o applauso unanime de quantos aqui se interessam e aneiam pela reconstrucção financeira e economica do Brazil.

.....  
«Oxalá não esmoreça o Dr. Victorino Pereira na empreza, a que metteu hombros. A Europa, cujas sympathias e cuja admiração soube conquistar de golpe, tem os olhos postos nelle e espera tudo do seu character e do seu patriotismo. Pela impressão que a sua feliz estréa suscitou nos mais importantes circulos politicos, e de que a voz unanime da imprensa se fez echo fiel, pode elle desde já avaliar o quinhão de gloria que lhe reverterá um dia, se levar a cabo a sua grandiosa tarefa.»

Não era diversa a linguagem dos jornaes europeus.

O *Financial News*, que tanto mal havia feito pouco tempo antes ao credito brasileiro, assim se exprimia:

«A confirmação do nosso telegramma de 7 do corrente completa o meio que tivemos para informar ao publico inglez da mudança significativa que se deu no espirito da administração financeira do Brazil.

«O Dr. Manoel Victorino, o novo chefe do governo, está resolvido a não ser *um rei fainéant*, mas quer deixar marcada a sua passagem nos annaes até agora bem vulgares da Republica Brazileira.

«A sua actividade e enthusiasmo parece já haver influenciado os ministros e pela primeira vez, estes inspiram confiança aos obrigacionistas. Isto é em verdade um symptoma esperançoso, e nós o recebemos com tanto maior fervor, quanto condemnamos a anterior politica da mystificação nas finanças.»

Nas *Questões do dia* dizia o *Matin*:

«No momento em que a campanha movida pelo *Times* e outros jornaes financeiros da Inglaterra provocava uma sensivel baixa dos fundos brasileiros, emittimos nós algumas duvidas ácerca da gravidade da situação economica e financeira. Baseados em informações particulares, que haviamos recebido,



dissemos então que, praticando-se economias e adoptando-se medidas tendentes a obviar ás difficuldades creadas pelas differenças de cambio, chegar-se-hia facilmente a um serio resultado.

«Os acontecimentos justificaram plenamente a nossa asserção, e o publico parece que o comprehendeu tão bem, que o 4 % brasileiro que, no momento em que faziamos essas observações, era cotado a 62,50, subiu hoje a 67,85. Por sua vez, o 5 % elevou-se de 69 1/4 a 76 3/8.

«Sabe-se em que circumstancias o Dr. Manoel Victorino, vice-presidente da Republica, teve de assumir o poder. S. Ex. não tardou em adoptar um programma de reformas economicas, contrastando com a politica do *laissez-faire*, que até então prevalecia. Esse programma foi immediatamente posto em pratica: estabelece a responsabilidade directa do Estado em todas as emissões de papel; reduz as despesas administrativas; suspende certas obras publicas e encomendas, que se podem adiar sem inconveniente; estipula, finalmente, o pagamento de 40 % em ouro dos direitos aduaneiros, devendo esta proporção ser gradualmente elevada quanto possivel.

«Este plano financeiro destinado a operar a reconstituição do credito nacional brasileiro, terá como base principal o arrendamento das estradas de ferro da União, arrendamento cujos beneficios serão applicados á regularização da circulação monetaria e á amortização gradual da divida externa.»

A *Independence Belge* emittia estes conceitos:

«Foi recebido com uma satisfação notavel o energico programma de economias adoptado pelo Sr. Manoel Victorino, e por elle seguido com tenacidade.

«O vice-presidente, actualmente encarregado da alta direcção do governo, exerce-a com pulso firme e seguro. Posto que ainda novo, a sua grande experiencia dos negocios publicos designou-o como o homem mais competente para semelhante tarefa. Desde a sua estréa, o Sr. Manoel Victorino collocou-se em frente ao perigo financeiro, que atacou com vigor, secundado por ministros de character e valia.

«Ninguem duvida de que elle triumphará, e toda a gente faz votos para que assim aconteça.»



De mais de oitenta jornaes de diversas procedencias, européas e americanas, que me foram enviados, poderia fazer extractos semelhantes.

Toda a imprensa do meu paiz secundou-me com igual animação e applauso.

Devo dizer, para honra da imprensa culta e honesta do mundo, e para honra do governo brasileiro, que toda essa apologia não custou um real do erario publico, nem do meu bolso particular. Ainda mais, a minha influencia pessoal, a dos meus amigos, a do elemento official, no paiz e fóra d'elle, não contribuiu absolutamente para ella. Foi toda espontanea e deduzida dos factos.

O ministro do interior, se quizer, póde mandar abrir um inquerito na sua secretaria e na da policia, relativo ao periodo em que S. Ex. não exerceu o cargo, porque do restante sobra-lhe a certeza, afim de verificar se durante o meu governo distraiu-se a minima quantia da verba secreta para pagar elogios e entrelinhados.

Estes factos têm o seu valor como elemento de estudo e de criterio para a opinião nacional

Ha dias, dava o *Jornal do Commercio* a noticia de que o governo mandara traduzir o inquerito policial sobre o attentado de 5 de novembro em duas linguas, ingleza e franceza.

Por maiores que sejam o odio e a incapacidade dos homens que dirigem este paiz, ninguem poderá suppor que elles considerem aquelle trabalho como uma obra prima de estylo, um producto de elevada capacidade juridica, ou um monumento de perspicacia policial. Não ha quem possa acreditar que o governo supponha que aquella infamia honra a Nação, Quem se lembrou da versão foi o Dr. Prudente de Moraes: era preciso mandar a calumnia e o insulto a todos os pontos de onde viera o elogio.

Veja, porém, S. Ex. a differença de conducta; quem pode referil-a é o seu proprio secretario Dr. Borges Monteiro:

Ao chegar diariamente ao meu gabinete de trabalho, quando exerci a presidencia, abria toda a correspondencia que me era dirigida, lendo rapidamente jornaes e cartas que interessavam. Quando havia alguma transcripção ou traducção de valor



para a gazetilha, ou noticiario dos orgãos de publicidade desta capital, que as solicitavam, o Dr. Borges Monteiro encarregava-se desse trabalho. Certo dia, entre os jornaes que eu lhe dera, havia um, escripto em francez, que trazia, em meio de longo artigo encomiastico ao meu governo, um periodo, que não era muito favoravel á honestidade pessoal do Dr. Prudente de Moraes. O secretario dahi a momentos dirigiu-se a mim, mostrou-me o trecho, que eu não havia lido, e perguntou-me se devia traduzir o artigo;

—Absolutamente, não; foi a minha resposta.

Ao iniciar a minha administração, procurei estreitar relações com o corpo diplomatico, de quem já havia recebido mais de uma vez as mais delicadas e honrosas demonstração de apreço a distincção. Com alguns dos dignos representantes dos povos amigos entretinha affeição pessoal e particular estima, tendo tido mais de uma oportunidade de apreciar-lhes o merecimento e o cavalheirismo.

As relações internacionaes do paiz eram, no momento, de relativa serenidade. A questão italiana fôra immediatamente resolvida: a sua solução não era uma victoria diplomatica, consistira apenas em um accordo sobre o valor das indemnisações reclamadas, sem envolver nenhum principio de direito, e nem resolver nenhum dos assumptos, que a discussão do primitivo protocollo tanto agitara. Tudo isso prudentemente se afastara do litigio.

O ministro e o secretario do exterior adquirira com a facilidade e rapidez desse caso, certo optimismo, que o levava a querer proseguir com alguma sofreguidão na marcha de questões muito mais graves da sua pasta. Nestas condições achava-se a do Amapá. O nosso ministro em Paris, o Sr. Piza, e o barão do Rio Branco, que lá se achava a serviço da mesma causa, sentiam-se embaraçados para proseguir em negociações, como me foi communicado, e eu pudeprehender dos officios e documentos que li.

Conversando com o ministro do exterior sobre o assumpto, combinamos em convidar o Dr. Ruy Barbosa para, em missão extraordinaria, negociar o tra-



tado de arbitramento e representar o Brasil junto ao árbitro. Nesse sentido, S. Ex. convidou o notavel brasileiro para uma conferencia, em carta que lhe foi transmittida para Friburgo e entregue em mão propria por um seu parente.

Accedendo o Dr. Ruy Barbosa ao convite, veio á cidade e foi, com surpresa, como é natural, recebido pelo cunhado do ministro, seu companheiro de escriptorio, e não por S. Ex., tratando-se aliás de um assumpto de tamanha relevancia. Como consequencia presumivel desse facto, julgo eu, communicava-me á secreteria do exterior que o Dr. Ruy Barbosa não accetava a missão.

Fiz reiterar o convite para uma conferencia com o Vice-Presidente da Republica, no palacio Itamaraty. Na vespera dessa conferencia, pedi ao ministro que me remettesse os papeis e documentos mais importantes trocados entre a legação de Paris e a secretaria, afim de que eu, directamente, expuzesse a questão ao Dr. Ruy Barbosa e dissesse o pensamento do governo!

Nessa mesma tarde, recebi alguns papeis com a carta seguinte:

«Exm. Sr. Vice-Presidente da Republica.—Em 28 de Janeiro de 1897.—Tenho a honra de enviar a V. Ex. parte da minha correspondencia com os Srs. Piza e Rio Branco, nestes ultimos tempos, sobre as negociações da Guyana.

«Vai tambem uma nota que recebi do Sr. Pichon.

«Parec-me agora extremamente difficil não acce-dermos aos reiterados pedidos do governo francez, que se tem desculpado conosco, quando interpellado, ainda que sem razão.

«Apezar das difficuldades que teria esta chancelaria, julgo preferivel negociar-se agora aqui, para aproveitar a boa vontade do Sr. Pichon e evitar a má do chanceller da Republica Franceza. V. Ex. resolverá, entretanto, como julgar melhor.

«Com a maior estima, etc.—*Dionysio E. de Castro Cerqueira*»

A leitura da carta, textualmente reproduzida, ainda mais me convenceu da necessidade de recorrer aos serviços do Dr. Ruy Barbosa e, immediatamente, dei ordem ao official de gabinete para que



fosse buscal-o em carro de palacio, não só nessa noite ao chegar de Friburgo, como no dia seguinte, á hora aprezada para a conferencia.

A's 10 horas da manhã, estavam reunidos. Apellei para o patriotismo do Dr. Ruy Barbosa e, sobretudo, fiz-lhe ver a confiança que a Nação depositava em sua elevada competencia e qualidades exceptionaes para tão delicada missão. Disse-lhe que a minha insistencia tinha um duplo fim: não só isentar o governo da responsabilidade de ter deixado de nomear quem melhor pudesse servir aos interesses nacionaes, como o de poupar a S. Ex. o remorso de ter recusado os seus serviços ao paiz, quando elles podiam ser extremamente uteis.

Disse mais que as negociações com o Sr. Pichon pareciam-me um recurso dilatorio da questão. Ou o representante da França nos daria mais do que até então queria conceder-nos a chancellaria de Paris e isso eu não acreditava que fosse por ella approvedo, ou nos concederia o mesmo, o que nós não podiamos aceitar. Uma vantagem descobria eu nesse trabalho, pelo qual tanto se interessava o Sr. Pichon: é que a superioridade diplomatica presumia-se nossa, comparada com a da situação em que nos achavamos tratando em Paris. La os nossos representantes tinham que lutar com a incontestavel habilidade e universal reputação do Sr. Hannotaux, tendo ao seu serviço os recursos tradicionalmente conhecidos da chancellaria franceza, enquanto que aqui, por mais intelligente e sagaz que fosse o Sr. Pichon, o conhecimento muito mais profundo da questão e experiencia da nossa secretaria deviam dar a esta incontestaveis vantagens. Parecia-me, pois, que não seria approvedo o que negociassemos com o Sr. Pichon, se chegassemos a este resultado; uma coisa, porém, conseguirmos: negociado ou não o tratado de arbitramento, aceito ou não pela chancellaria franceza, nenhum pretexto restaria á França para a occupação militar com que ella nos andava ameaçando.

A missão Ruy parecia-me coisa necessaria e que devia ficar assentada, S. Ex. acompanharia a questão aqui e iria lá concluil-a, ou realizando o tratado de arbitramento, caso elle não fosse feito com o Sr. Pichon e depois representando o Brazil junto ao arbi-



tro ou desempenhando simplesmente esse encargo, se o tratado aqui se terminasse. O que eu não acreditava em hypothese nenhuma é que, por maior que fosse a *bóá vontade* do Sr. Pichon, elle pudesse desfazer a *má vontade* da chancellaria franceza.

O Sr. Ruy procurou esquivar-se, allegando, com excessiva modestia, a sua incompetencia; porém concluiu não recusando os seus serviços ao governo da Republica, em uma questão que evidentemente punha em jogo os mais graves e importantes interesses nacionaes. Eis o que se passou.

Iniciadas as negociações, só nos ultimos dias do meu governo, em fins de fevereiro, mostrou-me o ministro do exterior uma especie de minuta ou rascunho do tratado, que ainda se achava em estudo. Ahi já se consignava a clausula terceira suggestiva de uma solução intermedia. Oppuz-me formalmente a este alvitre.

Disse a S. Ex. que esse artigo enfraquecia a nossa causa, era uma cessão de direito, equivalia a um accôrdo amigavel e não a um arbitramento. Se ao arbitro acudisse este recurso, ficaria ás partes litigantes o direito livre de aceitar-o ou não. Mencionai-o, porém expressamente era apontar a solução mais facil, que poderia espoliar-nos de territorio já nacionalisado. Inda me recordo que, tomando um lapis, quiz escrever a seguinte emenda a margem substitutiva:

«O arbitro decidirá qual é o rio Yapoc a que se refere a clausula 7.<sup>a</sup> do tratado de Utrecht! S. Ex. disse-me: «não é preciso, o seu pensamento está bem claro».

Nada mais soube do tratado senão depois de sua publicação.

Em tudo quanto se deu durante o meu governo ácerca da questão da Guyana o que mais incomodou o Dr. Prudente de Moraes foi ter o vice-presidente da Republica mandado buscar o Dr. Ruy Barbosa em carro de palacio. «De tudo podem censurar-me», dizia elle, «essa leviandade, porém, é que eu não pratiquei»: estas palavras foram ouvidas por amigos de S. Ex., que não mentem.

Menos de um anno depois, S. Ex. mandava buscar em carro de palacio o commandante da brigada policial, para, depois de uma conferencia de 41½ horas,



obter desse militar que retirasse um seu pedido de demissão.

Não preciso fazer commentarios.

---

Para melhor assegurar o exito dos meus planos de governo, e cercar a administração de maior somma de autoridade e de prestigio, comprehendi que devia afastar-me o mais que fosse possivel das lutas e interesses partidarios, sem alienar, entretanto, a confiança dos que me haviam eleito; e que devia empenhar-me em congraçar as classes armadas, estreitando em mutuo respeito e identidade de vistas a solidariedade que deve unil-as na defesa da Republica.

As desafeições, que um passado ainda recente creara, iam desaparecendo, não só pela acção reparadora do tempo, como por effeitos da indole e sentimentos generosos da grande maioria daquelles que a fatalidade afastara em momento infeliz. Era sobretudo para a marinha que convergiam os meus cuidados com a preocupação affirmada desde o primeiro dia de unil-a, sem divergencias nem resentimentos, em um todo, que revivesse as vezes as velhas e gloriosas tradições dessa grande força nacional.

Senti extremamente ver-me privado da cooperação do honrado almirante que então exercia o cargo de ministro. Desde a infancia, habituara-me a respeitar a elevação e inteireza daquelle character, que tanto ennobrecia a sua classe, quanto a terra que lhe fôra o berço.

A substituição foi difficil: lutei com embaraços para encontrar quem pudesse desempenhar a missão conciliadora e reconstituente, que eu tantó me preocupava de ver realizada. A indicação do contra-almirante Alves Barbosa foi-me feita pelo senador Quintino Bocayuva. Não eram estreitas as minhas relações com esse official; sabia, entretanto, que elle era um homem de trabalho e que adquirira, por seus estudos e viagens ao estrangeiro, uma educação e competencia profissionaes reconhecidas. Logo que lhe communiquei o decreto de sua nomeação, deve recordar-se o Sr. Alves Barbosa do que lhe declarei ácerca dos meus intuitos quanto á administração da marinha:—apro-



veitar com justiça os mais distinctos e zelosos, e absolutamente não perseguir ninguém; em ambas as hypotheses com inteiro esquecimento do passado. S. Ex. affirmou-me que outro não seria o seu programma.

Tem-se feito crer que nem sempre procurei agir deste modo, e allega-se, para provar este asserto o que occorreu com a decisão do Supremo Tribunal Federal ácerca da amnistia. Nenhum governo procurou cercar de maior respeito as decisões do poder judiciario do que o meu. Sabem todos a minha resposta quando ameaçaram esse poder de actos de desrespeito e desobediencia ás decisões de *habeas-corporis* dadas por juizes e tribunaes federaes:—«Ainda quando fosse mister mover até o ultimo dos soldados das guarnições militares da União, a ordem havia de ser cumprida.»

Nada solicitei jámais de juizes; a minha intervenção se teve logar, foi simplesmente no exercicio de uma função constitucional, completando o tribunal e nomeando tres juizes para as vagas existentes. Se havia ulguem que se pudesse queixar da minha attitude, eram os que se oppunham á solução favorável da causa intentada pelos amnistiados. A opinião da maioria dos nomeados sobre o assumpto já era conhecida, desde que elle foi discutido no Senado.

Ao ministro da marinha, em longa conferencia que tivemos, communiquei o pensamento do governo, que era apparelharmo-nos para cumprir a decisão do tribunal, qualquer que ella fosse, não nos causando o minimo receio que a solução favoravel pudesse ser mal acolhida pela quasi totalidade da classe.

Procurei dar á briosa officialidade da armada elementos de actividade, de trabalho e de estimulo. As viagens de instrucção, os exercicios e manobras, o interesse solicito pelos progressos e glorias da profissão e pela acquisição de moderno e poderoso material de guerra, tudo isso despertaria o gosto amovido e reviveria os talentos e aptidões dessa brilhante pleiade de brasileiros, que foram sempre o nosso orgulho e ufania quando sulcavam aguas estrangeiras ou pisavam territorio amigo.

Fizeram-me tambem propostas para acquisição dos navios que se construiam por ordem do governo



brazileiro. Recusei-as: eram cerca de seiscentas mil libras que se poupavam, para serem dispendidas em outra qualquer coisa, alterando o plano que eminente brasileiro havia esboçado, após uma luta, em que elle tivera a triste e dolorosa experiencia da situação indefeza das nossas costas e da accessibilidade sem resistencia dos nossos portos. Tive, entretanto, sempre a preocupação de que fosse bem fiscalizadas essas construcções, taes eram os receios que eu nutria de que ellas não correspondessem ao que de mais adiantado pudessem exigir a arte e a sciencia da guerra.

Não absorvia menos a minha attenção o que occorria no exercito. Quando vagou a pasta da guerra o primeiro nome que me acudiu para preencher-a foi o do marechal Frota, que eu aprendera a conhecer no Senado como o typo da correcção militar e do maior civismo e austeridade de character, que se pôde exigir de um homem publico. S. Ex. declarou-me que serviria commigo, porém que não ficaria no posto, logo que eu tivesse de deixar o governo. Respeitei os motivos, que assim o constringiam, e nomeei o general Argollo, que havia sido, até então, ajudante-general.

Antes de assumir a pasta, S. Ex. disse-me que o seu ajudante-general seria o general Costallat; declarei-lhe immediatamente que confiava inteiramente na lealdade e patriotismo do illustre militar.

Dizem os intimos do presidente da Republica que foi essa a nomeação que mais feriu os seus melindres, e que mais accentuou a divergencia da minha politica. O nomeado era a tradição viva da politica do marechal no seio das escolas e no seio do exercito.

E' mister que a nação conheça bem o valor deste facto. Nunca fui militarista, nem conheci ainda o militarismo em minha Patria. Sei, porém, que, quaesquer que sejam as phases por que tenha de passar a evolução de um povo, há um periodo em que a acção militar é tão necessaria, quanto a acção civil em phases mais adiantadas.

Os exercitos não se cream nem se supprimem ao arbitrio e sabor dos que governam.

Factor necessario de ordem e de civilisação, a força armada tem de agir por uma imposição fatal



em certas e determinadas condições, que os acontecimentos definem. A sabedoria dos que governam está em dirigir essa força, e não serem dirigidos por ella; em não crear pela fraqueza, pela incompetencia, pela desconfiança a situação inversa da ordem, em que o poder publico é o que mais concorre para derrocal-a.

Com que direito podem atacar o exercito os que foram buscar nos quartéis os elementos com que fizeram a grande revolução de 15 de novembro, e os factores poderosos com que transformaram a ordem politica dos Estados depois de 23 de novembro?

Após a proclamação da Republica, o unico homem de governo que ensinou ao soldado o seu dever foi o marechal Floriano, inculcando-lhe o sentimento de obediencia ao poder constituido e de amor á legalidade.

Que vantagem pôde haver para o paiz em aniquillar essa tradição? A força armada ainda é o unico elemento effizaz para manter a ordem: quando é mister debellar revoltas ou sedições, combater fanaticos, ou rechazar inimigos das instituições, a ella é que se recorre. A força armada ainda é o unico vinculo que pôde manter a unidade nacional e a integridade do territorio: religião, magistratura, interesses politicos e de commercio, tudo a actual federação desfez; e o desmembramento ou a separação é uma ameaça que echoa lugubrememente até nas casas legislativas. As forças militares da União constituem a mais forte das resistencias a esse trabalho de funesta desagregação. Quem será o insensato que, conhecendo um pouco as leis historicas a que está sujeita a vida dos povos, supponha que o Brazil pôde prescindir da força e da acção dos elementos armados, quando a anarchia surge espontanea de todos os pontos e vai collocar a sua melhor tenda de combate dentro do proprio poder constituido?

Flagrante contradicção! Os que não querem que a Nação tenha um exercito, desejam, entretanto, ter um para seu uso e para defesa de sua pessoa!

Interessei-me vivamente pela instrucção e bem estar do soldado. Visitando as fortificações, os quartéis e estabelecimentos de instrucção, assistindo ás experiencias do material de guerra, nunca tive a preten-



ção de lisonjear o soldado, levava-lhe apenas a certeza de que o governo confiava nas forças militares e queria fazel-as, pela aptidão e pelo civismo, dignas de um povo livre e culto, cioso de sua honra e das suas glórias.

Jamais fui importunado por pedidos ou tive que fazer concessões de qualquer natureza aos membros desta classe. Nas promoções cingi-me sempre as propostas, consultando as respectivas fés de officio.

O que me fez, porém, conhecer, com maior evidencia, a dedicação, a lealdade, a obediencia resignada, sem hesitações do exercito, e o seu profundo amor ás instituições foi a luta de Canudos.

Quando fui investido da presidencia já as forças federaes estavam empenhadas na acção, por ordem do meu antecessor.

Todas as informações que o governo procurou colher davam pouca importancia e valor áquelle grupo de fanaticos, como se dizia, que seriam facilmente dispersos. Avisado, entretanto, do que occorrera em Uauá com a expedição Pires Ferreira, pedi ao ministro interino da guerra que declarasse ao commandante do districto militar que o governo o fazia responsável por qualquer desastre que soffressem as forças federaes, as quaes só deveriam entrar em fogo quando estivessem assegurados todos os elementos de victoria.

Esta ordem do governo federal deu logar a que o governador do Estado escrevesse ao vice-presidente da Republica a seguinte carta :

«Bahia, 14 de dezembro de 1896—Ilm. Exm. amigo Dr. Manoel Victorino—Sempre meus respeitosos cumprimentos a V. Ex. Telegraphiei a V. Ex. dando parte do que aqui se passava, em relação á força federal. Julgo do meu dever explanar-me nesta, para melhor sciencia de V. Ex.

«Sempre recusei qualquer auxilio de força federal, pois reconheço as exigencias de seus commandantes, além da extrema susceptibilidade. Não obstante isto, attendendo á urgencia da diligencia contra o fanatico Antonio Conselheiro e o estar na pasta da guerra um filho da Bahia e o modo por que exprimia-se o commandante do districto a respeito das boas rela-



ções com meu governo, requisitei 100 praças que daqui partiram. Surprehendidas por gente do referido conselheiro em Uauá, travaram combate, destruindo os fanaticos.

«Logo que tive sciencia do facto, remetti para auxiliar a força expedicionaria duzentas praças, sendo cem de policia e cem de linha. Quando achava-se esta força em Queimadas, soube do regresso da primeira para Joazeiro e d'ahi para esta capital. Se bem que estranhasse o facto, dissimulei-o, apressando a partida da nova expedição.

«Innumeras foram as exigencias desarrazoadas, as quaes satisfiz para evitar qualquer attrito. Até que, depois de grandes contrariedades, partiu a força, composta de 360 praças e 1 canhão Krupp. Esta força era mais que sufficiente para destroçar o grupo; entretanto, constou-me que estava estacionada mais adiante, sem apressar sua marcha.

«Dias depois, se me apresentou o coronel Ferreira Tamarindo e o capitão Salvador Pires com officio do general; para que o governo fornecesse os recursos para nova expedição, a qual constava de vinte e tantos officiaes com força correspondente, cinco canhões, etc., etc. Recusei, allegando ser sufficiente a força que estava em marcha, não sendo preciso mandar aquella, que traria um dispendio para os cofres do Estado de mais de cem contos

«Concordei, porém, que seguisse o coronel Tamarindo com cem praças e alguns officiaes a se collocar em ponto proximo a Canudos, para prestar qualquer auxilio que fosse necessario, no caso de ser preciso. Isto foi motivo para que o commandante do districto mandasse regressar a força em diligencia, allegando que S. Ex. e o Sr. ministro da guerra o fizera arbitro das operações, mostrando-me telegramma que a isto induzia um espirito prevenido. Do modo por que entendia o Sr. commandante do districto o governo do estado, principal responsavel pela ordem publica, ficava sem acção, vendo-se na necessidade de ouvir justas queixas, sem poder remedial-as.

«Nestas condições, o auxilio do governo federal importava uma intervenção e eu não podia acceder a isto—senti que em tal emergencia S. Ex. o Sr. ministro da guerra mostrasse esposar a opinião do



commandante do districto, em vista de considerações que me fez em telegramma. Estou convencido que a nova expedição projectada era inteiramente desnecessaria e talvez mais perigosa á ordem publica e ao bem estar da zona que acudia do que o proprio Antonio Conselheiro. Basta dizer a V. Ex. que a força que combateu em Uauá, ao partir d'ahi, saqueou todo o povoado, havendo soldados que chegaram ao Joazeiro com um e mais contos de réis e não contentes com isto incendiaram o povoado.

«Sinto que nesta emergencia me falte o apoio do governo federal, que não posso aceitar sob as condições que entende S. Ex. o Sr. ministro da guerra, isto é, fazendo o Sr. general arbitro do modo de manter a ordem naquella região.

«Devo ainda dizer a V. Ex. que, nas condições actuaes, não deixa de ser prejudicial á Bahia a continuação aqui do illustre general commandante do districto, tal a prevenção do seu espirito nos negocios locais. Desculpe-me V. Ex. estas considerações—De V. Ex. patricio, amigo muito affectuoso—*Luis Vianna.*»

De accôrdo com os desejos manifestados nessa carta e em telegrammas recebidos, mandei retirar a força federal.

O ministro interino da guerra insistiu pela demissão do commandante do districto militar, allegando que o general Solon havia excedido as suas ordens e consentido na publicação de planos do ataque a Canudos.

Exonerado o general Solon, o governo do Estado requisitou de novo a força, que foi autorizada a seguir.

A retirada do major Febronio com as suas tropas, após uma luta renhida, produziu no espirito publico a mais profunda e desagradavel impressão. Todo o paiz entrou a interessar-se vivamente por essa campanha, que assumia character grave, accentuando a imprensa republicana que se tratava de um movimento de agitação monarchica, explorando o fanatismo e a ignorancia de milhares de sertanejos. Tratei de organizar immediatamente a terceira expedição.

Já era então ministro da guerra o general Argollo. Em menos de seis dias, estavam embarcados cerca



de mil e quinhentos homens das tres armas com uma bateria Krupp, devidamente aparelhada e muni-ciada, sob o commando intelligente e bravo do Co-ronel Moreira Cesar.

Ainda receioso de que fosse insufficiente essa força telegraphiei ao governador do Estado, annunciando o que seguia e pedindo-lhe que me informasse se tinha esclarecimentos ácerca do pessoal e dos recursos de Antonio Conselheiro, afim de que eu dêsse novas pro-videncias, se fossem necessarias.

Foi esta a resposta telegraphica do governador :

« Janeiro, 29, 1897—Ao Sr. Manoel Victorino, vice-presidente da Republica.

Recebi vosso telegramma. Noticias para ahi trans-mittidas sobre situação força federal exaggeradas. Força soffreu dez mortes, sessenta feridos, sendo sómente tres gravemente. Retirada foi feita já meia legua distante Canudos, quando não havia mais diffi-culdade a vencer, depois de destroçados os fanaticos. Isto vê-se communição major Frebonio. Noticias particulares combinam. Triumpho infallivel, querendó utilizar reforço 500 praças existente em boas condi-ções. Questão de exito será sómente de commando. Melhor informado, fareis o que julgardes conveniente. —*Luiz Vianna.*

Apezar desse telegramma, todas as guarnições do norte foram avisadas, afim de terem os seus bata-lhões preparados para acudir ao primeiro signal e o coronel Moreira Cesar autorizado a mobilizar essa força auxiliar, se julgasse preciso.

A expedição chegou a Monte Santo, sem lhe faltar absolutamente nada, em menos de um mez.

No mesmo dia em que deixava o governo, recebi a seguinte communição :

« Março 3 de 1897.—Sr. vice-presidente da Repu-blica—Segundo communição coronel Cesar, no dia 1.º estava cinco leguas distante Canudos. Combate devia dar-se no dia 4 ou 5. Força nas melhores con-dições, apezar marcha penosa por areas sem agua. Coronel conta exito não será duvidoso. Saúdo-vos—*Luiz Vianna.*»

Da tribuna do Senado affirmou-se que o governa-dor da Bahia nenhuma parte havia tido na organi-



zação da expedição Moreira Cesar e na demissão do general Solon.

Ficam entregues á publicidade estes documentos, que constituem uma contribuição valiosa para a historia da campanha fatal de Canudos, em que o paiz perdeu tantos filhos illustres e valentes e onde o exercito em troca da abnegação e do sacrificio, só encontrou a desconfiança e a injustiça.

Os maiores dissabores que soffri durante o exercicio da presidencia provieram dos casos de Aracajú e Campos.

O peor defeito dos governos no Brazil tem sido sempre a excessiva preocupação partidaria, collocando as conveniencias das agremiações politicas dominantes acima dos cuidados e interesses da administração. Quando iniciei o governo disse aos meus amigos politicos e aos homens que tinham responsabilidades na direcção do partido que me havia eleito e cuja confiança eu não podia dispensar: «deixem-me administrar, tudo quanto puder dar-lhes de prestigio e de força não lhes recusarei, dentro da lei e das attribuições justas do poder que exerço; peço-lhes, porém, que não embarquem a acção administrativa prompta e energica.»

Diversas influencias politicas das duas casas legislativas, mormente da Bahia e de Sergipe, haviam feito votar, nos ultimos dias da sessão, uma lei applicavel, na maior parte, somente á eleição que se ia realizar, em dois ou tres Estados, onde a politica dos governadores era contraria á das representações.

Tratava-se evidentemente de uma lei de excepção, que, entretanto, continha algumas disposições salutaes relativas ao processo geral das eleições federaes.

O meu dever era sancional-a e publical-a a tempo de ser executada,

Os mais interessados nessa execução estavam impacientes e, diversas vezes, não só por cartas e telegrammas, que possuo, como verbalmente, attribuiram á secretaria do interior o proposito de demorar a divulgação da lei.



Fui por isso constrangido a mandar transmittil-a pela estação telegraphica de palacio.

Devo dizer francamente que este e outros factos occorridos na politica do Districto Federal fizeram-me redigir a declaração que deu o *Diario Official* de que o governo não tinha candidatos, não interviria no pleito e não permittiria que qualquer funcionario ou agente seu o fizesse.

Quando a concessão de *habeas-corporis* dada pelo juiz seccional de Sergipe provocou a minha resolução de pôr ás suar ordens a força federal da guarnição para fazer respeitar essa decisão, que, notoria e publicamente, estava ameaçada pelos editaes da policia local, não me pareceu que se tratasse de qualquer hypothese de intervenção. O caso era de serviço federal, feito por lei federal e por individuos que estavam exercendo igualmente função federal.

Não era pois, negocio peculiar á economia do Estado, que é somente quando se dá a intervenção.

Ainda mesmo nesta hypothese, a lei permittia-me intervir, porque se tratava, como diz claramente a Constituição, de «*execuções de leis e sentenças federaes.*»

Interessaram-se vivamente para que fosse attendido o pedido do juiz seccional de Sergipe as maiores influencias politicas da Bahia e dellas recebi por esse acto os mais significativos applausos; entretanto, quando, por motivo analogo aquelle pelo qual o governo attendera á requisição de Sergipe, tive de acudir aos mesarios eleitoraes de Campos, o unico protesto que acompanhou o do presidente do Estado do Rio foi o do governador do meu Estado. Todos estes factos eram consequencia da lei da excepção que aquelles amigos haviam feito votar rapidamente e cuja publicação tanto os preoccupou; no emtanto, partiu delles o unico apoio a uma opposição que os acontecimentos me haviam creado por esse motivo.

Doeu-me muito ter perdido naquella occasião um dos mais habeis, mais integros e mais correctos dos ministros que tem tido a Republica. Relutei sinceramente em aceitar o seu pedido de demissão e procurei immediatamente demonstrar-lhe o apreço em que o tinha, escolhendo para o seu sbbstituto o Dr. Xavier da Silveira, que reunia a distinctas e notorias



qualidades moraes e politicas o facto de ser seu cunhado.

Apezar de todo o ruido que se fez em torno do caso de Campos e do tom desabridamente aggressivo com que fui tratado, tiveram os meus ministros instrucções para não alterar uma linha do programma até então seguido com a politica do Estado do Rio, e assim procederam.

A recusa do Dr. Xavier da Silveira determinou alguma demora no preenchimento da pasta. Convidei o Dr. Cesario Motta: a arterio-sclerose que tão desgraçadamente para a Republica, roubou-o aos serviços della, já não lhe permittia trabalho algum. Documento inestimavel de elevação e de affecto é a carta com que justifica a sua impossibilidade de aceitar esse cargo de confiança que tanto o honrava, dizia-me elle.

Ao receber tão desagradavel communicação, mostrei-a a diversos amigos presentes.

O senador João Cordeiro que, então, se achava, seggeriu o nome do Dr. Amaro Cavalcanti. Conhecia o Dr. Amaro como um homem de talento e de actividade, mais fui sempre contrario ás suas idéas no Senado, que em fianças pregavam o *inflationismo* ou a apolôgia das emissões e em administração amparavam todas as pretenções do emprego publico. Tivemos sempre vivido em completo desaccôrdo.

No dia seguinte, o Dr. Murtinho falava-me de novo no Dr. Amaro. S. Ex. tinha razões para affirmar que elle seria um excellente auxiliar, conformando-se com o programma que havíamos adoptado. «Se é assim, não tenho duvida em nomeal-o», disse eu.

«Elle, porem, receia, acudiu meu interlocutor, que o Dr. Prudente não o acolha bem, tantas vezes já o seu nome tem sido indicado para diversos cargos e nunca o presidente o escolheu».

Para tranquillizar-o, e ainda no proposito que havia adoptado de consultar o Dr. Prudente de Moraes sobre a escolha dos ministros, encarreguei os Drs. Murtinho e Bernardino de se entenderem com elle, sobre o assumpto.

No dia seguinte, me communicava o Dr. Bernardino, em carta que ainda possuo, que o Dr. Prudente



de Moraes nada tinha que oppor á nomeação do Dr. Amaro Cavalcanti.

E assim S. Ex. foi ministro.

Accusam-me os amigos do presidente de ter o meu governo animado o jacobinismo e de haver a minha politica procurado apoiar-se nos elementos intransigentes ou radicaes.

A primeira accusação é absolutamente destituida de fundamento: o jacobinismo foi sempre um producto das agitações revolucionarias, quando as reacções se preparam ou se exercem, ou quando a suspeita ou a desconfiança da traição assalta os espiritos mais exaltados e intolerantes. A' proporção que a vida das instituições novas vai se aproximando da sua estabilidade normal, tende o jacobinismo a desaparecer espontaneamente, nem é preciso outro esforço para extinguil-o.

Qual foi o meu empenho assumindo o governo? Conquistar a confiança do paiz inteiro e assegurar a ordem politica e a ordem financeira com o apoio de todas as classes, mormente daquellas cujos interesses conservadores estavam em perigo, no momento em que o presidente enfermo legava ao seu substituto uma das mais tremendas crises que o paiz tem atravessado.

Se houve alguém que concorresse para extinguir o jacobinismo, depois que o golpe de Estado de 3 de novembro e a revolta o crearam, fui eu, supprimindo as causas que na historia de todas as revoluções explicam a apparição desse elemento ephemero.

A prova disso está nos factos decorridos durante o periodo da minha presidencia. Qual foi a mais leve demonstração, o mais ligeiro symptoma de intolerancia ou de violencia praticado nesse tempo? O Dr. Prudente de Moraes já registrou em sua administração o empastelamento de seis typographias, com incendio ou destruição, as scenas selvagens de perseguição politica de 7 de Março e de 6 de novembro, tudo quanto podia produzir o mais feroz jacobinismo; entretanto, qual foi o desacato que soffreu o mais obscuro cidadão, por motivo politico,



durante o meu governo? Editavam-se nesta cidade três órgãos de publicidade francamente monarchistas, dois diários—o *Liberdade* e a *Gazeta da Tarde*—e um periodico—*O Apostolo*.

Constantemente, eram os homens politicos mais notaveis da Republica e as proprias instituições, cruel e vehementemente atacados; jamais, porém, soffreram estes jornaes a mais ligeira affronta e tanto sentiam a sua liberdade assegurada que um delles, o *Liberdade*, chamou aos tribunaes, por delicto de imprensa, o redactor principal do órgão mais importante do partido que se achava no poder e esse processo se instaurou com todas as garantias da mais elevada justiça.

Outro facto é caracterisco: os monarchistas de S. Paulo requereram, por intermedio de dois dos seus mais distinctos co-religionarios, uma concessão de *habeas corpus*, para se garantirem contra as perseguições que estavam soffrendo em S. Paulo. Essa petição, levada ao Supremo Tribunal Federal, foi discutida com grande elevação e independencia, e um dos advogados, o visconde de Ouro Preto, pronunciou um discurso politico vehemente, que foi, no emtanto, ouvido com o mais religioso silencio, sem que as suas opiniões e muito menos a sua pessoa soffressem o mais leve desrespeito.

Onde estava, pois, o jacobinismo? Nos actos do governo ainda menos, estes só podiam ser nomeações ou demonstrações publicas. Nenhuma das minhas nomeações aproveitou a um jacobino, salvo se isso se deu com as dos ministros, que hoje se dizem os seus mais ferozes o desapiedados adversarios.

As indicações para o Supremo Tribunal recairam em pessoas suspeitas aos jacobinos e que na maioria haviam votado pela pacificação e pela amnistia.

Um dos meus actos, sobretudo, revelou do modo o mais evidente que eu nunca me preoccupei com a possibilidade de desagradar aos elementos exaltados.

Foi o caso da escolha do Dr. Ruy Barbosa para representar o Brazil na questão da Guyana Franceza. Teria o Sr. Prudente de Moraes a coragem civica de assignal-a, arrostando os odios e as prevenções que aquelle nome desperta entre os exaltados?

As minhas demonstrações publicas eram as da



mais solicita attenção para com as classes conservadoras e igualmente para com os estrangeiros. Quer quanto ao corpo diplomatico, quer quanto ao commercio, manteve as mais dignas e cordiaes relações, que jámais denunciaram o minimo vestigio de *chauvinismo*, o qual, entretanto, observa-se em nações muito curtas. A prova evidente da confiança e do apreço que eu havia conquistado no seio daquelles elementos foi a idéa que delicada e reconhecida-mente, afastei de me offerecerem um grande banquete.

Se, porém, querem qualificar de jacobinismo a feição francamente republicana e eminentemente nacional que dei á politica do meu governo, disto podem accusar-me que eu não me penitencio. Este é que é o facto: ou somos realmente uma raça, uma nacionalidade, um povo que deve constituir-se com o seu character proprio, com as suas energias physicas e moraes definidas, com os seus elementos de cohesão ethnica bem accentuados, ou então abandonemos a esperança de manter uma unidade que fatalmente se dissolverá.

Os povos que possuem aquellas qualidades bem distinctas e assimiladas mantêm a sua personalidade, onde quer que se façam representar; o brasileiro não o é nem no Brazil.

Quanto á forma republicana, é preciso igualmente que nos enganemos; ou somos aptos para usar esse mecanismo delicado e complexo, com que nos dotou a Constituição de 24 de fevereiro e, então, é mister que a pratiquemos, sincera e lealmente, ou então infallivelmente cairemos, se a restauração fôr impotente, no dominio de novas e successivas dictaduras.

O que eu fiz em relação ao jacobinismo foi o que faz todo homem sensato junto a um paiol de polvora— não lhe cheguei um facho. Não o persegui, não lhe injuriei os intuitos, nem procurei irrital-o.

Dentre os homens que se diziam jacobinos, muitos havia que tinham prestado reaes serviços á defesa das instituições durante a revolta; bastava este facto para eu não envolvel-os todos em um anathema injusto e impolitico.

Procurou-se, como recurso de tactica eleitoral e



parlamentar, confundir sob a denominação geral de jacobinos, elementos diversos pela cultura e pelos processos políticos. Entraram a qualificar como taes os republicanos intransigentes ou radicaes. Censuraram-me ter tido o apoio desse elemento. Louco seria eu nas condições em que assumi o governo se não houvesse procurado conquistar a confiança e dedicação desses homens, que, realmente, amam a Republica e são aquelles com os quaes ella contará com segurança nos perigos e sacrificios que a sua defeza possa reclamar.

Esse apoio não custou o minimo sacrificio de minha coherencia e do meu passado. Apenas pratiquei o que era o mais rudimentar dever de lealdade politica : entreguei aos republicanos o governo da Republica.

O traço mais caracteristico daquelle periodo e que conquistou a confiança geral do paiz, foi o empenho em administrar, afastando as questões partidarias e deixando ás aggremações politicas o cuidado e o interesse em resolvel-as.

Se um ou outro acto pratiquei que pudesse ter significação partidaria, como os casos de *habeas-corpus* eleitoraes, elles tanto aproveitaram aos republicanos adiantados de Campos, quanto aos que são ainda hoje amigos do governo, como os de Sergipe e que representam o elemento ultra-conservador da Republica.

Tenho a convicção de ter adiado a scisão, que já era francamente aggressiva em alguns Estados, como Pernambuco, Rio de Janeiro, Espirito Santo e Piauhý. Ondê foi possivel, mantive a maior neutralidade, não envolvendo o governo da União nas dissensões que os interesses locaes haviam provocado.

---

No dia 24 de fevereiro, o anno passado, recebia eu a mais entusiastica e ruidosa ovação que já se fez a um chefe de Nação durante a Republica. Desvanço-me em lembrar essa esplendida manifestação popular, que foi una significativa homenagem de todas as classes da sociedade fluminense ás instituições republicanas representadas no seu governo.



Essa consagração boa e generosa com que a opinião largamente galardoava os meus serviços, fez-me entrever a realidade da aspiração a mais ardente de meu coração de patriota, a Republica feliz, amada e applaudida pelo povo!

Os echos dos vivas ruidosos chegaram a Therezopolis e fizeram transbordar o fel do despeito e do ciume com que alli se commentava os actos do meu governo.

Em uma das suas «varias», noticiou o *Jornal do Commercio* a volta do presidente. Interroguei o Sr. Bernardino de Campos sobre o assumpto, afim de que o governo nada mais tentasse iniciar, e foi esta a resposta recebida:

«Não creio que o Prudente tenha marcado tempo certo, como a «varia» do *Jornal do Commercio* indica, para voltar ao governo, sem ter prevenido disso os amigos. Se não o fizesse oficialmente, fal-o-ia ao menos particularmente.

Ora, nós nada temos a tal respeito; e nenhum amigo ha, que eu saiba, que tenha recebido comunicação d'elle. Não creio, pois. Tentei falar com o Prudente pelo telephone e não o consegui. Escrevi-lhe hoje.»

O Dr. Prudente de Moraes, sem responder a essa interrogação que lhe havia feito o seu amigo, e sem comunicação de natureza alguma a qualquer dos ministros ou ao vice-presidente, desceu de Therezopolis no dia 3 e na manhã de 4 reassumiu a presidencia. Tive noticia do facto na Tijuca, onde me achava enojado, pelo fallecimento de meu prezado pai, no dia anterior, e recebi a comunicação em officio que me dirigiu o presidente por intermedio de um cabo de ordens.

Até hoje, ainda é mysterio para a Nação, que muito mal recebeu a descortezia e surpresa deste procedimento, o motivo de tão inqualificavel omissão dos mais triviaes preceitos de decoro do poder publico.

Occupando-se deste incidente, escrevia *A Noticia* pela penna de um dos seus mais habéis redactores:

«O facto de haver fallecido ante-hentem o pai do Sr. vice-presidente da Republica parece que era motivo



bastante para que o mais inferior dos empregados publicos esperasse que o prazo normal do nojo houvesse decorrido para então occupar S. Ex. com qualquer negocio.

«Quando, entretanto, oito dias parecesse á sofreguidão dos que inspiraram o Sr. presidente da Republica demora excessiva, que ao menos S. Ex. esperasse o tempo bastante entre a ida da sua mensagem e a volta da resposta. Mas como este jornal hontem publicou e hoje o nosso collega d'*O País* teve occasião de corroborar, da mensagem enviada nem houve tempo de esperar resposta.

«A remessa foi feita em condições ridiculas:—um filho do Sr. Dr. Prudente precisou explicar a um cabo qual a sua alta gerarchia, que o autorizava a dar-lhes ordens . . .

«Os papeis abandonados sobre a mesa de trabalho do Sr. Dr. Manoel Victorino, que della se levantou ferido por um golpe dolorosissimo, nem esses, no desalinho em que estavam, foram poupados á curiosidade, aos commentarios.

«A' tal sofreguidão de mando succederam ainda factos mais graves.

«Os commentarios imprudentes, de uma leviandade que chega á grosseria, feitos por parentes de S. Ex. que exercem a seu lado cargos de confiança—commentarios hoje referidos na imprensa—são de uma tão extrema falta de polidez que os continuos do palacio devem ter ficado envergonhados.

«Sentimos muito fazer-nos echo deste sentimento geral de estupefacção indignada que anda em todas as pessoas simplesmente bem educadas. Mas ha tão justos motivos para esse assombro que elle deve ficar bem claramente registrado.»

Os familiares e domesticos de S. Ex. diziam em meias palavras, recurso de que se serve sempre a maledicencia dos reposteiros, que o Dr. Prudente viera obstar á realização de umas transacções ou negocios, que muito prejudicavam os interesses publicos. Houve até quem fizesse constar em Londres que além de outros titulos de benemerencia, possuia o Dr. Prudente mais este: chegar a tempo de obstar a taes desmandos.



Tal foi a impressão que no espirito publico produziu a vinda subita do presidente, que da primeira reunião ministerial, havida, deram os jornaes os extractos com a maior publicidade, facto que, como se vê, foi reputado necessario pelo proprio governo.

De um delles transcrevemos os trechos mais notaveis dessa memoravel conferencia, unica, pela sua fôrma e alcance, das que podem rezar as chronicas da alta administração no Brazil.

«O Dr. Murтинho, ministro da industria e viação, foi quem, ao tomar a palavra, falou com mais decisão e franqueza, expondo sem *ambages* ao honrado Dr. Prudente de Moraes a difficil situação politica e moral em que o collocara, e talvez a mais algum, senão a todos os seus companheiros de ministerio, o modo realmente brusco por que S. Ex. reassumiu o poder.

«O regresso do digno chefe do Estado, pelas circumstancias especiaes em que se effectuara, parecendo que se tinha procurado evitar até a sua publicidade, surprehendera em geral o publico e a elle ministro naturalmente melindrara, como um symptoma apparente de pouca confiança nos auxiliares do poder executivo.

«Se o Dr. Prudente de Moraes considerasse em grave risco a dignidade da Republica pela ameaça imminente de negociatas escandalosas e na sua consciencia de patriota entendesse dever oppor-lhe com toda a presteza a muralha da sua fiscalização e do seu protesto, certamente não teria procedido com mais precipitação e com menos deferencia para com os encarregados da administração do paiz.

«Bem sabia o Dr. Joaquim Murтинho que semelhante idéa sobre o character dos secretarios de Estado não podia ter passado pelo cerebro esclarecido do Dr. Prudente de Moraes; mas o publico via na reserva com que S. Ex. descera de Therezopolis e no açodamento com que voltara a assumir o poder, sem as formalidades e as atenções habituaes, uma demonstração dessa suspeita e era isto o que profundamente o incommodava, tanto mais quanto elle e os seus collegas só procuravam merecer pelo seu esforço a estima da Nação.

«Por sentir precisamente que a opinião publica



encarava a conducta do Dr. Prudente de Moraes como desprestijosa para a sua dignidade de homem publico, é que o Dr. Murtinho insistia pela sua demissão. Diante da franqueza do honrado ministro da viação, que nitidamente, expuzera a magua natural de que se achava possuido, por saber que o povo emprestava á secura do acto do Dr. Prudente uma significação menos digna para o seu character, outros ministros manifestaram igual melindre, lastimando que o subito regresso do chefe do Estado fundamentasse, até certo ponto, essa desagradavel opinião.

O illustre Dr. Prudente de Moraes apressou-se então a affirmar que os Srs. ministros faziam justiça aos seus sentimentos, reputando-o incapaz de desconsiderar a tão distinctos servidores da Nação.

«Ao seu temperamento, pouco affeito a cerimoniaes e a apparatus, se devia exclusivamente attribuir a simplicidade com que regressava á capital da União sem o intento, aliás, de immediatamente reassumir o poder, o que só levou a effeito, por motivo do doloroso golpe que alanceara o coração do Sr. vice-presidente da Republica. Quanto ao pogramma politico que, em sua ausencia, fôra posto em pratica, o Dr. Prudente de Moraes só tinha a declarar que elle o approvava completamente, desejando que, a bem da Patria, os dignos ministros, que haviam iniciado sua applicação, o levassem dedicadamente a cabo. De resto, na opinião do Dr. Prudente de Moraes, a direcção politica dada aos negocios publicos pelo seu substituto estava de accordo com o programma do partido federal, a que tanto S. Ex. como o seu substituto tinham a honra de pertencer e que, nessas condições, se pequeno desaccôrdo podia haver quanto aos detalhes, a uniformidade de vista era completa, quando á solução dada aos problemas politicos e economicos da Nação.

«Por este motivo, o Dr. Prudente de Moraes reiterava aos seus ministros o pedido que já lhes fizera para permanecerem nos seus cargos.

«De novo, falou o Dr. Murtinho, confessando-se agradecido ás delicadas palavras do Sr. presidente da Republica e ao elevado conceito que formava da dedicação dos seus secretarios. O digno ministro da viação entendia, porém, ser absolutamente necessa-



rio varrer do espirito publico qualquer desconfiança sobre o proposito com que o Dr. Prudente reassumira o seu alto posto e assim julgava que o illustre chefe da Nação nenhum meio melhor encontraria para dissipar essas duvidas do que a externalização em documento publico da completa solidariedade com a politica honrada do Dr. Manoel Victorino, que se desempenhara do seu difficil cargo com alta competencia e profunda abnegação patriótica. Com uma manifestação desta ordem a Republica só teria a ganhar e muito, porque ella reforçaria a cohesão republicana evitando a organização de partidos politicos pessoases sempre funestos á estabilidade e á fortuna da Republica.

«O honrado Dr. Prudente de Moraes, de pleno accôrdo com os seus secretarios, prometteu para breve uma declaração bem significativa do alto apreço em que tem os serviços do Dr. Manoel Victorino.»

Foi esta a resposta que dei ao officio em que S. Ex. me communicou o facto de ter reassumido a presidencia:

«Sr. Dr. Prudente de Moraes—Tijuca, em 4 de março de 1897—Agradeço-vos a communicação, neste momento recebida, de vosso regresso á capital e do desejo que tendes de reassumir immediatamente a presidencia da Republica. Felicitando-vos por ter cessado o motivo, que privou o paiz durante cerca de quatro mezes do vosso patriótico e sabio governo, peço desculpa por não ir pessoalmente receber-vos e restituir-vos a direcção dos negocios publicos, visto como profundo e doloroso golpe acaba de ferir-me em meus mais preciosos e sensiveis affectos, o que me inibe de cumprir esse dever de merecida e respeitosa cortezia—Vosso admirador e obrigado—*Manoel Victorino Pereira.*»

Nesse mesmo dia assim exprimia-se o orgão mais autorizado dos sentimentos e interesses republicanos, *O Paiz*:

«O illustre Dr. Manoel Victorino deve estar satisfeito consigo mesmo, pela feicidade do seu esforço, pelo resultado significativo do seu trabalho na suprema magistratura da Nação. O paiz inteiro comprehendeu os seus serviços, aquilatou-os devidamente e recompensou-os com as mais effusivas e justas de



monstrações de apreço. No exterior ha muito tempo que o Brazil não é alvo de tantas apreciações lisonjeiras, como o foi durante a administração sabia, energica, nobremente republicana daquelle illustre brasileiro.

«O Dr. Manoel Victorino encontrou o paiz agitado de sobresaltos, dando todos os prenuncios de uma crise—deixa-o forte, com o seu credito levantado, inspirando ao estrangeiro confiança e admiração. Queira a boa estrella da nossa Patria que essa obra pujante perdure como perdurará no espirito dos republicanos, na estima e na gratidão ao seu autor.»

A demonstração que o Dr. Prudente de Moraes declarara que ser-me-hia dada dias depois a imprensa a annunciou—S. Ex. iria á missa de meu pranteado pai. Comprehendem todos quanto têm essa delicadeza de sentimentos que dá a mais modesta educação, como se amesquinhava essa prova de dolorosa homenagem á piedade filial do segundo magistrado da Republica, tirando-lhe toda a espontaneidade, que era o que podia tornal-a sincera, para convertel-a em instrumento politico de uma reparação realizada á custa do que pudesse merecer a memoria do morto.

---

Tres dias depois da descida de Therezopolis, vagos rumores corriam de uma enorme desgraça. Fôra totalmente destroçada a força que seguira para Canudos, sob o commando do valente coronel Moreira Cesar, e este brioso militar, como muitos outros dos seus mais ousados companheiros, havia sido barbaramente trucidado pelos fanaticos. A principio o sentimento da incredulidade acolheu esse tristissimo boato, tal era a confiança que tinham todos nos elementos de victoria que se havia preparado.

Não tardou, porém, a confirmar-se, apesar dos esforços do governo em occultal-a, a infausta e dolorosa noticia.

Do retiro onde o luto me collocara, acompanhei os transe angustiosos e deploraveis da minha Patria, nesse momento, um dos mais lugubres e sinistros que tem obscurecido a civilisação brasileira. Aquillo que de bocca em bocca se repetia era pavoroso; o



que, porém, ainda mais augmentava esse pavor era a agitação crescente, rugidora, impetuosa, da massa popular entregue aos impulsos da colera e da vingança, e privada inteiramente do influxo, das energias e do dominio do poder publico, responsavel pela ordem e pelos sentimentos de humanidade e de cordura do povo brasileiro.

Typographias destruidas, prélos e jornaes queimados em grandes fogueiras na praça publica, casas particulares invadidas, moveis atirados á rua, a vida ameaçada a centenas de suspeitos e a violencia allucinada indo até ao assassinato em publica e frequentada estrada de ferro!

A policia, de braços cruzados diante desses actos de selvageria, ou acoroçoando com a galhofa e o escarneo, em ignobil troça, aquellas scenas degradantes, era a unica representação official do governo que, dias antes, viera salvar os interesses compromettidos do paiz.

Os jornaes noticiaram, sem contestações, que o Dr. Prudente de Moraes dera carta branca aos ministros da guerra e da marinha para agirem como entendessem. E por isso a turba exaltada e enfurecida encaminhava-se para o quartel-general, afim de pedir o sitio!

Os tons negros e a lividez das chammas desse quadro assustador eram os mesmos que se desenhavam sempre nas noites medonhas que as perseguições politicas deixam como cruel pesadelo na historia e na imaginação dos povos. Nem mesmo a expressão symbolica da fraqueza e do pavor dos que governam faltava a esse scenario de horrores.

Em vez de um rei, que empunhasse, como Carlos IX, a carabina, atirando da janella do seu palacio sobre as victimas perseguidas, havia a sombra amedrontada de um chefe de Estado, a quem os seus serviçaes queriam poupar qualquer desacato, deixando que a populaça se entretivesse com taes desatinos bem longe dos seus ouvidos!

Referindo-se a estes acontecimentos, dizia o Dr. Prudente de Moraes em sua mensagem ao Congresso Nacional:

«A exaltação propria desses momentos em que a angustia parece dominar a sociedade inteira, deu em



resultado a pratica de excessos lamentaveis, tendo a autoridade de intervir para restabelecimento da ordem publica alterada e para protecção dos direitos individuaes violados ou ameaçados.»

O que, porém, a historia infallivelmente dirá é que S. Ex. que, dias antes, curvava-se submisso diante da severa lição que lhe dera a digna altivez e nobre energia de um ministro, abdicou totalmente, no momento a que allude a sua mensagem, a suprema autoridade moral e politica de que o investira a Nação, elegendo-o presidente da Republica.

### III

As desgraçadas occurrencias que se deram nesta capital, muito mais do que o desastre de Canudos, concorreram, como primeiro factor, para derrocar tudo quanto fizera o meu governo, com o fim de firmar a confiança dentro e fóra do paiz e restaurar o credito publico tão profundamente abalado.

A baixa do cambio e dos titulos, a paralyzação de todas as transacções e o retrahimento dos capitães denunciaram immediatamente a influencia exercida por aquelles phenomenos de ordem moral e politica.

Entretanto, uma attitude firme e energica do governo teria evitado tudo. Aquella explosão não se teria dado se a policia agisse habil, prudente e opportunamente. Se aos primeiros disturbios a acção das autoridades fosse devidamente applicada, as demonstrações populares não assumiriam o caracter que tiveram. Os factos infelizmente succedidos amedrontaram o espirito conservador da Nação e levaram igualmente o temor ao capital estrangeiro: era o dominio da anarchia, sem o freio de um governo que pudesse dominal-a.

Foi assim que iniciou a nova administração o seu segundo periodo.

Pedi aos meus amigos politicos que me deixassem no mais absoluto retrahimento.

Assim conservei-me, evitando ir a todos as festas e demonstrações publicas e preparando-me para passar com a familia na Bahia algum tempo de repouso. Um facto, porém, veiu forçar-me a modificar inteiramente essa attitude.



Dentre as festas offerecidas aos nossos sympathicos hospedes, os chilenos, duas houve a que não pude deixar de comparecer, a do Club de Engenharia, onde se ia discutir a grandiosa e fecunda aspiração de uma via-ferrea transandina, e a da Escola Militar, para a qual viera pessoalmente convidar-me uma commissão de alumnos e professores.

O motivo que particularmente me levou a *matinée* dos distinctos moços foi um dever rigoroso de republicano. Quando, em 1889, aqui estiveram os chilenos, naquella instituição é que elles ouviram o primeiro brado da revolução de 15 de novembro, no memoravel discurso então proferido por Benjamin Constant. Tendo de saudar, a pedido do general Costallat, o exercito e a marinha do povo amigo, lembrei esse facto e assignalei a influencia benefica daquelle glorioso espirito, mantendo na mocidade das escolas a tradição heroica da maior dedicação e de abnegados sacrificios pela causa da Republica. Enthusiasticos e estrepitosos, como são sempre os applausos dessa idade, foram os que eu recebi na bellissima festa. Nenhuma incorrecção por mais ligeira que fosse praticaram os moços na occasião: podem dar testemunho disso os milhares de pessoas presentes.

Dias depois mandava-se desarmar a Escola Militar. Esta ordem motivou os disturbios que se deram no estabelecimento e a immediata e prompta repressão por parte do governo.

Seguiram-se os incidentes parlamentares que determinaram a scisão do partido. Nenhuma coparticipação tive absolutamente nessa luta, a não ser para evitar que ella repercutisse no Senado. Ahi, com o apoio unanime da corporação, aparei o golpe, afastando das deliberações da casa as moções politicas e partidarias de confiança, mediante censura ou elogio aos actos de exclusiva responsabilidade da administração. Na Camara, porém, collocou-se a questão no terreno da confinça ao governo, por meio da eleição do seu presidente. Era uma evidente e incontestavel transgressão do systema, o primeiro ataque ás attribuições do Congresso, que mais tarde teria no sitio a sua dissolução moral e juridica e a sua completa annullação politica.



O que mais dominou nesse desgraçado momento critico da historia da Republica foi o sentimento pessoal. O *leader* da Camara não se conformara com os desejos do Dr. Prudente de Moraes; era preciso apael-o, diziam os intimos de palacio.

Eis o facto. Delle se aproveitaram oe elementos divergentes que minavam, ha muitos mezes, a influencia outr'ora tão festejada do chefe paulista. Chegara a oportunidade de dar-lhe combate: a luta se empenhou.

De sorte que todos esses homens esqueceram-se de que a tranquillidade e a ordem publica eram as condições mais necessarias ao governo nacional, quando elle lutava com uma crise financeira temerosa; esqueceram-se de que, alienando as forças mais energicas, poderosas e militantes da acção republicana, não seria possivel crear uma situação estavel e duradoura; esqueceram-se de que, atirando na opposição a parte mais habil, mais applicada, mais convicta e mais audaz da Camara, seria tremenda a luta que se ia travar; esqueceram-se de tudo isso para só se lembrarem de que era mister satisfazer aos caprichos de uma politica pessoal, depondo um *leader* e sustentando um presidente da Camara, cuja indicação viera do Cattete.

Não era necessario grande perspicacia, larga intuição dos acontecimentos futuros para augurar a uma situação destas a maior somma de difficuldades e de perigos.

Que eloquente contraste offerece o estudo comparado da attitude do Dr. Prudente de Moraes com o procedimento do marechal Floriano, quando, em caso muito mais serio, o Congresso recusou-lhe o adiamento que os seus amigos haviam collocado no terreno da confiança politica!

O illustre soldado não procurou intervir em deliberações das casas legislativas, conformou-se com a decisão do Congresso, não tentou apoiar este ou aquelle *leader* e sustentar este ou aquelle presidente de Camara, tendo sido aliás contrariado pelos que então funcçionavam.

O presidente actual, porém, esquecera a responsabilidade que lhe cabia na interpretação e execução do regimen presidencial que a Constituição adoptara,



esquecera que na luta que ia travar com a opposição republicana, S. Ex. trahia todos os seus antigos compromissos e creava uma crise politica tão grave quanto a financeira e que necessariamente ia augmentar as difficuldades e embaraços desta.

Que devia importar a administração publica que fosse *leader* o Sr. Glycerio ou o Sr. Belisario, que fosse presidente da Camara o Sr. Arthur Rios ou outro qualquer deputado, comtanto que não lhe faltassem os votos necessarios, que, aliás nunca lhe foram negados para todas as medidas de governo?

A um dos intimos da situação arguia eu sobre a inconveniencia dessa attitude e perguntava-lhe qual havia sido o movel principal da luta. Elle respondeu-me francamente—«a eleição de março; o Glycerio era candidato e nós não podiamos aceitar essa candidatura». Mas ainda nessa hypothese, resolvesse o partido a questão; ao Dr. Prudente de Moraes é que não cabia absolutamente a iniciativa em assumpto de tal ordem.

Ainda nisso, o exemplo do seu antecessor é a sua mais severa condemnação.

Se o marechal Floriano quizesse indicar candidatos, intervir nas eleições, S. Ex. teria sido eleito? Absolutamente, não. Se vingar a pratica de influirem os presidentes em exercicio na escolha dos seus successores está morto o regimen republicano.

Descera o presidente á arena das lutas eleitoraes, empenhara-se caprichosamente em uma campanha de votos; estava sacrificada totalmente a administração do paiz.

O que me cumpria fazer em tal emergencia? Calar-me? Assumir uma posição de neutralidade? Era impossivel. Os meus deveres politicos para com a Nação e o partido que me elegeram, as minhas convicções de republicano, o conhecimento das necessidades da administração que adquirira no governo, o desinteresse e o patriotismo com que havia sido apoiado pelos elementos que o Dr. Prudente repellia e a propria attitude de S. Ex. para commigo só me impunham um alvitre—o de ligar-me á opposição.

A politica de administração conciliadora e efficaz que eu havia iniciado S. Ex. desprezara; os planos financeiros que, com tanto esforço, procurava execu-



tar S. Ex. destruiria; o meu proprio prestigio pessoal, que me havia custado tanto a conquistar, S. Ex. atacava, mandando pagar os artigos que me insultavam; como queria o Dr. Prudente de Moraes que eu me arregimentasse entre os seus defensores?

Além disso, digam o que quizerem os odios e os desmandos politicos, na luta que se travara, a razão, o interesse e a moral da causa republicana estavam com a opposição e não com o governo.

Consciente ou inconsciente, o plano do governo era desagregar as forças republicanas, e qual é o partido que ineptamente prepara assim o seu suicidio? Por mais respeitaveis que pudessem ser os intuitos e desejos dos que querem auxiliar o governo, deviam elles prescindir da actividade sincera, leal e dedicada de grande parte do paiz que apoia os republicanos das duas casas legislativas? E' possivel contestar que nos momentos mais criticos que as instituições têm atravessado é com esta parte da Nação que ellas têm conseguido organizar e entreter a sua defesa?

Como se ha de fazer a Republica sem os republicanos?

Os homens politicos que cercam o Dr. Prudente de Moraes, ainda quando tivessem muito bons intuitos faltava-lhes uma condição essencial para amar as instituições novas—era tel-as comprehendido e possuir temperamento, habitos e educação que a ella se affeioassem.

Quizeram sustentar, a proposito da minha attitude, uma doutrina original—que o vice-presidente da Republica, exercendo eventualmente funcções do executivo, não podia ser um elemento de opposição ao governo. De sorte que, se assim fosse, nunca poderiam ser eleitos para os dois mais altos cargos da Republica cidadãos que pertencem a partidos oppositos, como diversas vezes se tem dado na União Americana.

Declarei, como me cumpria, com a maxima franqueza e lealdade e quando tive oportunidade, que não apoiava a politica e a administração do presidente.

Isto se deu na recepção feita ao general Glycerio, quando elle voltava de S. Paulo. Instado pelo povo e convicto de que a janella de um orgão da imprensa



não é uma tribuna menos nobre do que a de qualquer das Camaras ou de que as varandas dos palacios presidenciaes, disse aos meus concidadãos o que pensava e o que sentia. Nesse momento, fiz o protesto formal, para dar á minha opposição um character insuspeito, que em hypothese alguma aceitaria a substituição do Dr. Prudente de Moraes, se elle fosse o producto de uma violencia. Esta declaração consta dos jornaes do dia.

Travara-se entretanto a campanha parlamentar e jornalística, vibrante, energica, tormentosa, absorvendo os talentos admiraveis de uma numerosa phalange de homens politicos, que sejam quaes forem os seus erros, honram a sua Patria, como honrariam qualquer paiz culto.

O partido do governo e o jornalismo que lhe era affeiçãoado qualificaram essa opposição de violenta, revolucionaria, anarchica. Seria preciso não conhecer o que têm sido as opposições politicas no Brazil e em geral nos povos da raça latina para achar differença sensivel entre a que foi feita ao Dr. Prudente de Moraes e as que têm sido creadas aos demais governos.

O actual presidente da Republica já esteve á frente de uma destas campanhas, a que foi movida contra o marechal Deodoro.

Poderá S. Ex. melhor do que ninguem dizer qual é a opposição mais revolucionaria, mais anarchica, a que limita-se a fazer discursos mais ou menos aggressivos e não passa disso, concedendo tudo quanto o governo pede, até um sitio que veio garroteal-o; ou uma outra que, além de identica eloquencia, começa introduzindo na Constituição disposições pessoaes contra o chefe do governo provisorio e seus ministros e acaba mutilando os orçamentos, para tornar a vida da administração impossivel, e votando uma lei de responsabilidade com o fim especial e immediato de destituir o presidente!

Os amigos mais intimos do governo podem ainda dizer se ha ou houve paridade entre a opposição do governo actual e a que se levantou contra o marechal Floriano dentro e fóra do Congresso, lançando mão de todos os recursos, os mais subversivos e violentos que não só lhe ameaçaram a vida, o poder, como



chegaram a fazer perigar a sorte das instituições!

Quem já contestou em paiz culto algum o direito de fazer opposição nos limites em que se manteve a que foi feita á administração actual?

Para o Dr. Prudente de Moraes as funcções dos partidos só se exercem com vantagem para a Republica, achando-se um no poder e o outro no carcere.

Emquanto a opposição lutava o que fazia o governo?

Não suggeriu uma idéa que não fosse uma extravagancia em administração, nada decidiu em finanças que não estragasse tudo quanto se lhe havia preparado. Em vão, os adversarios pediam-lhe um plano de governo, a iniciativa de medidas orçamentarias, propondo o adiamento das discussões até que alguma coisa apparecesse; nada surgiu dessa esterilidade invencível. A decretação de novos impostos suggerida por alguns amigos do governo foi a idéa infelicissima, porque revestia fórmas condemnadas e irrealisaveis. Os impostos de capitação e de renda positivamente incobráveis, o primeiro pelo odioso de sua igualdade o segundo pela falta completa de estudos e de elementos para o lançamento e arrecadação.

Além disso, com que direito ia o governo pedir novos sacrificios ao povo, quando havia malbaratado os recursos extraordinarios que lhe havia sido confiados?

O inventario dos erros da administração actual em assumptos de finanças é a sua irrevogavel condemnação.

Ao iniciar o governo, o Dr. Prudente de Moraes, todo o paiz persuadiu-se de que os recursos notaveis do vasto territorio nacional, a actividade intelligente de dezoito milhões de habitantes, tantas vezes perturbada pelas agitações politicas anteriores, iam ter prompta e fecunda expansão. Recordavam-se os que conhecem nossa historia financeira de um exemplo frisante: já uma vez se observara a reacção que se opera após as guerras ou lutas intestinas, quando não esmagam uma nação; em menos de um anno, depois da guerra do Paraguay, o cambio subiu a 24.

Vencida a revolta, firmado o dominio da legalidade o novo governo só encontrava uma difficuldade séria



—resolver o problema da pacificação do Rio Grande, o que em poucos mezes conseguiu.

O paiz entrava em plena paz, um governo habilitaria, não só perpetuado este estado que a Nação reclamava, cansada de lutas, como conseguiria tirar delle todas as vantagens para reconstruir o regimen financeiro e economico tão compromettido.

Longe disso, o que se observou foi o contrario. O novo governo, sem ter que lutar com revoltas, deposições, perturbações generalizadas pelos Estados, elevou, entretanto, suas despesas a mais de 60 % sobre as do seu antecessor. Alem da medida annual de 350.000:000\$ de receita arrecadada, a administração do Dr. Prudente de Moraes tem consumido, em pouco mais de tres annos, 9.442.000 libras esterlinas de dois empréstimos externos, e 160.000:000\$ de apolices emittidas dentro do paiz; tudo isto, calculado o ouro ao cambio de 7, attinge á somma de 416.338:590\$

O primeiro empréstimo externo de £ 7.442.000, valor nominal, e £ 6.000.000 producto liquido, já havia sido uma operação infeliz, nas condições em que foi feita, não podendo tirar o governo um real desta somma depositada em mão dos banqueiros para satisfazer nossos compromissos; o segundo foi a prova mais brutal de descredito que podia soffrer o paiz. Contrahido para ser resgatado no prazo de dois annos, foi por este modo annuciado no *Times* de 27 de novembro do anno proximo passado

« Sabemos que o governo brasileiro dirigiu-se aos Srs. Rottschild para lhe adiantarem £ 2.000.000, ao juro de 5%, dando bilhetes do Thesouro, resgataveis em 2 annos.

« Estes bilhetes devem ser especialmente garantidos por «um direito de retenção» sobre *as rendas da Alfandega do Rio de Janeiro*.

« Esta operação é devida á demora que tem havido na realização do arrendamento da Estrada de Ferro Central, designio que aliás o governo não abandonou.

« Estes bilhetes, que têm mais a natureza de *debentures* a curto prazo e são acompanhados de *coupõs* estão sendo offerecidos a 98.

« Sem duvida, esta operação é a causa da melhora



da taxa do cambio do Rio, que, nesta semana, subiu de  $6\frac{7}{8}$  a  $7\frac{3}{16}$ .»

Esta noticia não soffreu nem podia soffrer contestação em Londres, onde a operação realizou-se.

Tão infelizes quanto os empréstimos externos foram os que se lançaram no paiz. O primeiro, de 100.000:000\$, para resgatar 83.000.000\$ de papel-moeda e que apenas resgatou 30.000.000\$, ficou, em mais da terça parte, na carteira dos bancos que por elles se responsabilizaram, absorvendo grande somma de recursos destinados aos descontos e que deviam servir ao commercio e ás industrias, particularmente a lavoura.

O segundo, de 60.000.000\$, é a operação financeira mais desastrada que se tem realizado no Brazil. Resgatavel em dez annos, este empréstimo foi lançado á taxa de 6%, alterando o typo dos anteriores com o accrescimento de 1% de juros e produzindo nos titulos destes ultimos uma baixa consideravel, maior de 15%, e que deu aos portadores o prejuizo de mais de 44.000:000\$ sobre o valor total da divida interna fundada.

Outras pequenas operações igualmente feitas resentem-se do mesmo desaso.

As £ 700.000 de acções preferenciaes da Leopoldina, já reorganizada e de juro de 4% ouro, com a garantia do capital localizado da empresa no valor de cinco milhões esterlinos, resultado da transacção feita por mim, para cobrar o debito que a antiga companhia contrahira com o Banco da Republica, sob a responsabilidade do governo, foram vendidas com 20% de abatimento.

De sorte que, quando acções de outras estradas, como a Rio Claro, estão dando agi, o vende-se com a baixa de 20% a primeira e unica emissão de *debentures* no valor de £ 700.000, de uma empresa que tem o capital de cinco milhões esterlinos e mais de dois mil kilometros de via-ferrea, largamente trafegados!

Das medidas legislativas votadas pelo Congresso, com applausos geraes do paiz e do estrangeiro, nenhuma dellas se poz em execução. Titulos depositados no Thesouro, prestações pagas pelo banco, producto do arrendamento, tudo quanto devia ser applicado ao resgate do papel-moeda, deixou de o ser.

57



Ao reassumir a presidencia, disse o Dr. Prudente de Moraes que adoptava os planos financeiros, cuja execução eu havia iniciado, e que nessa execução proseguiria; entretanto, nada mais fez, senão destruir tudo quanto se havia preparado. A sua dubiedade no apoio ás medidas votadas, a desconfiança propria do seu temperamento e, mais do que isso, da completa ignorancia que tem S. Ex. de assumptos financeiros, a impossibilidade em que se achava o unico ministro habil e competente em taes questões que o governo possuia, o Dr. Murinho, de iniciar ou executar, sem a responsabilidade definida do Presidente, qualquer medida, tornaram não só inexequível o programma anterior, como annullaram totalmente a capacidade que devia ter a administração de organizar outro.

Demais, desde os desgraçados acontecimentos de Março, aqui na capital, paralyzaram-se as operações que no estrangeiro se faziam para o Brasil. Tudo quanto o governo tem feito depois, com o intuito de assegurar a ordem e grantir e elevar o dominio da auctoridade, está longe de conseguir este resultado.

Áquellas desordens passageiras das ruas succedeu mais tarde agitação muito mais profunda e difficil de debelar. O governo do Dr. Prudente de Moraes, que é evidentemente um governo fraco, assim o asseveram os seus proprios amigos, abriu uma luta violenta e de implacaveis perseguições contra os elementos republicanos, que dominavam em onze Estados. Além disso, irritou a susceptibilidade e os brios das classes armadas, que, não obstante, deram as mais louvaveis provas de disciplina e de patriotismo. Ora, estes factos poderiam, porventura, tranquillisar o espirito timerato do capitalista europeu, melhorar a situação do nosso credito? Absolutamente, não, por mais que o queiram sustentar os exploradores de negocios ruinsos para o Brazil na *Lombard Street*.

Cesse a crise politica tão desastradamente creada pelo governo, não precise o Presidente da Republica de manter diariamente de promptidão as forças militares, tenha confiança em si proprio, o que parece lhe faltar, e não escassearão credito e capitaes para os negocios brasileiros.

Não teve, porém, o Dr. Prudente de Moraes este



elementar criterio: afastar as lutas politicas ou resolvel-as com moderação.

Ao simples bom senso sempre se afigurou inconcebível que um governo que tem já enormes difficuldades diante de si, sem possuir a capacidade e o vigor de superal-as, se lembre de provocar e crear novas e embaraçosas, que mais aggravam a sua situação; causa surpresa, mas foi o que se deu com o actual.

A opposição do Congresso não lhe impossibilitou, porém, a adopção de tudo quanto pareceu conveniente aos ministros.

Os orçamentos passaram quasi que em silencio, e apenas os impostos de capitação e de renda cairam com os votos dos proprios amigos.

O que ahí está, pois, é de iniciativa e responsabilidade do governo. O augmento na tarifa e no preço das passagens da Estrada Central, affectando as classes menos favorecidas e as industrias mais carecedoras dessa protecção indirecta, o frete barato, tinha produzido, como era de prever, effeito contrario ao motivo que determinou a medida, de sorte que, além do odioso della, trouxe a diminuição da renda dessa importante via-ferrea.

As modificações feitas nas taxas aduaneiras deram identico resultado: nos dois mezes já decorridos é de 25 % o decrescimento observado.

A quanto montam as economias que o governo procurou realizar e o producto do imposto lançado sobre os vencimentos? Não attingem a 15:000\$000, isto é, não pagam as differenças de cambio das remessas que temos de fazer em dois mezes de exercicio.

E que autoridade moral podia ter o governo para propor e executar estas medidas que atiram na miseria mais de mil operarios dos dois arsenaes, que roubam o pão que dava o trabalho da costura a centenas de familias, quando despende mensalmente dezenas de contos em entrelinhados de diffamação e de calumnia a 3\$000 a linha e manda pagar a mais de conto de réis a empreitada de verter para lingua estranha os pasquins policiaes encommendados á verba secreta e aos agentes officiaes da embriaguez, do jogo e da crapula!

Cobrados, entretanto, esses vexatorios impostos,



feitas com autoridade ou não essas odiosas e inúteis economias, estará conjurada a crise? Absolutamente, não. O governo só tem recursos em Londres até Abril, dahi por diante precisará de recorrer a novos expedientes com a circumstancia de ter augmentado os nossos encargos, porque aos compromissos anteriores addicionou as prestações e os juros do empréstimo recente de dois milhões esterlinos. O que fará então? Nem o governo sabe.

Quanto a situação commercial do paiz, não podia a politica presidencial crear condições mais afflictivas.

«Quando o Dr. Manuel Victorino assumiu o governo, escreveu no *Jornal do Commercio* um dos seus mais habéis collaboradores, os capitaes que existiam em grandes depositos nos bancos e em mãos particulares, tinham chegado a tal retrahimento, que a situação era quasi a do panico. A direcção inconveniente das finanças do paiz e, mais do que isso, os artificios e expedientes dilatorios com que as instituições de credito tinham adiado a liquidação dos prejuizos que o jogo da Bolsa havia produzido na vida economica e commercial das praças do Rio de Janeiro e de S. Paulo, concorreram para esse estado muito tenso que se avisinhava de verdadeiro *Crack*.»

Hoje, ainda é mais grave o perigo; nem mais existem os grandes depositos nos bancos, desde que o governo, depois de expolial-os com esprestimos e saques successivos, dos seus saldos em caixa, obrigou-os a consolidar sua divida fluctuante com uma emissão de apolices, por não ter outro meio de amortizal-a e muito menos de resgatal-a.

Fala-se na emissão de 50 mil contos de papel-moeda a titulo de auxilio aos bancos, de accordo com as leis de 1885 e 1893. A faculdade conferida por essas leis esgotou-se desde 1893. Na divida do Banco da Republica figuram 75 mil contos, que foram emittidos em virtude daquellas leis. Sem que estas emissões sejam resgatadas, parcial ou totalmente, o governo não poderá fazer novas.

Em caso de resgate parcial, é preciso que a somma em circulação seja inferior a 50 mil contos, para que



o governo tenha a faculdade de emittir o que faltar para completal-a.

Se o Dr. Prudente de Moraes autorizar mais alguma emissão, o cambio irá a 4 e, a essa taxa, ou 60\$ a libra, o nosso *deficit* subirá a mais de .....  
200.000:000\$000!

Eis a situação a que os seus erros arrastaram a Nação!

Ao cabo de pouco mais de tres annos de governo, S. Ex., que encontrou uma revolta dominada, a ordem restabelecida, o paiz tranquillo, a autoridade prestigiada, acha-se n'uma posição insustentavel, que precisa do sitio para se manter, da mudez da imprensa para governar, do garrote da opinião para resistir e que, apesar de tudo isso, augmenta de mais de 400 mil contos a divida nacional interna e externa, baixa o cambio de 12 1|2 que recebeu a 6 5|8, eleva a libra esterlina de 19\$500 a 36\$500, desvalorizando em mais de 75 % o papel-moeda!

E queriam que eu adherisse a este descabro! E queriam que eu deixasse sem o protesto de minha opposição, franca e sem mysterios, essa marcha fatal para banca-rotta que S. Ex. fatalmente ha de decretar! Era preciso que eu não tivesse passado pelo governo, conhecido as suas difficuldades e perigos, e sobretudo não fosse brasileiro nem republicano!

No inquerito figura como documento contra mim uma carta em que estas desgraças se annunciam.

Não teria sido necessario incommodar o possuidor desta carta, se o governo quizesse interrogar o seu telegrapho, que é no Brazil um serviço curioso que o individuo paga, sempre na duvida que o executem.

Em junho, quando se deu o incidente da espionagem á minha casa, o que impressionou a familia, no meu Estado, transmitti a meu irmão, pensador austero e viva representação do honrado velho a quem tanto amei, o seguinte telegramma, que o ministro do interior poderá requerer que se junte aos autos:

«Dr. Pacifico Pereira—Bahia—Acabo de saber por pessoas recém-chegadas os boatos e intrigas que ahí têm circulado em torno do meu nome. Não me preocuparia com tão absurdas e extravagantes noticias, se ellas não tivessem levado a inquietação ao



espírito da familia e dos amigos. Nenhum desacato soffri, e força e prestigio bastantes teria para repellil-o. Denunciei ao Sr. ministro do interior e á imprensa o caso da espionagem, afim de poupar aos que me visitavam um vexame, e ao governo o uso de recurso indigno e ridiculo. Nenhuma co-participação tive em todos os factos e incidentes que se deram na scisão do partido.

«Durante tres mezes e meio de governo, procurei evital-a. Não negam os que a fizeram que desde o anno passado ella estava preparada. Esforcei-me e consegui comquistar a confiança e os applausos dos elementos adiantados e das classes conservadoras da Republica. Encontrei o Thesouro sem recursos e esgotada toda sorte de expedientes, a legislatura finda, a sessão a encerrar-se e o governo sem planos e sem idéas votadas. Obtive como umvoto de confiança do Congresso a encampação das emissões, o resgate do papel-moeda e o arrendamento das estradas, além de mais de trinta mil contos de economias no unico orçamento que ainda se discutia, o da industria. Nessa occasião, apezar das opiniões em contrario, que até então haviam sustentado, deram-me o seu apoio, com o maior desinteresse e patriotismo, o Sr. Glycerio e os seus amigos, para os quaes eu era aliás um suspeito, pelos meus esforços na pacificação e na amnistia. Entretanto, dos meus antigos amigos é que veiu a unica opposição, que chegou até á ameaça de obstrucção, para que não fossem votadas as medidas financeiras propostas por mim.

«Apezar disto attendi a todas as reclamações e pedidos razoaveis que me dirigiram os meus co-religionarios para satisfazer os interesses locaes. Das classes armadas tive sempre a mais respeitosa obediencia, sem que lhes fizesse ou me fosse solicitado o minimo favor.

«Vivi sempre em minha casa particular, sem ter um soldado que me guardasse a porta. Não exerci nem permitti o terror. Durante o meu governo, dois órgãos monarchistas, o *Liberdade* e a *Gazeta da Tarde*, vibraram os mais atrevidos ataques, que têm soffrido as instituições e os homens da Republica.



«Tão seguros elles se sentiam da sua liberdade, que chamaram aos tribunaes o redactor do *Republica*, o Sr. Alcindo Guanabara, por delictos de imprensa. Perante o Supremo Tribunal Federal, o Sr. Affonso Celso advogava, cercado do maior respeito, uma requisição de *habeas-corporis* para os seus co-religionarios de S. Paulo.

«O Dr. Prudente foi consultado sobre todas as nomeações de ministros durante a sua ausencia, e o Dr. Bernardino, que entrou no ministerio como pessoa sua, foi por diversas vezes encarregado de indagar quando S. Ex. pretendia voltar.

«Não posso nem devo desejar a successão do Dr. Prudente. Durante tres mezes e meio de governo, do qual sahi cercado de respeito e de estima no paiz e no estrangeiro, tive tempo de sobra para tocar e sentir as chagas vivas da administração nacional.

«E nesse periodo havia apenas a conjurar uma crise financeira, verdade é que séria e grave. Sobreveio a isso a crise economica da baixa do café, e os homens politicos, directores da situação, entenderam crear mais uma crise militar, provocando e irritando as classes armadas, e uma crise politica, scindindo a quasi unanimidade das casas do Congresso em duas fracções iguaes e oppostas cujas forças em luta annullavam a acção legislativa em agitações suggestivas e perigosas. Accresce a tudo isso que a Nação não conhece um homem politico, que tenha capacidade e prestigio para salvar-a de tão graves emergencias.

«Quanto á minha pessoa, nada receiem.

«Tranquillize minha velha e santa Mãe e todos os amigos—*Manoel Viotoino*, vice-presidente da Republica.»

Duas tristes previsões palpitavam naquella expansão de affecto e de receio—a molestia de minha Mãe e a ruina da minha Patria!

Os meus presagios infelizmente realizaram-se! Veja a Nação como eu conspirava!

O maior capitulo de accusação que se me faz, como



homem político, é o de ter, no momento da scisão, feito alliança com o general Glycerio.

E' digno de nota que os mais insistentes nessa censura sejam os que outr'ora mais se irritavam quando eu contrariava a direcção politica do illustre paulista.

O que se está passando no Brazil em relação ao modo pelo qual se formam os partidos e se constituem os governos é a expressão a mais característica de uma enorme degradação moral e politica dos sentimentos e do caracter nacional.

Durante a monarchia, apesar dos seus erros e vicios, os partidos politicos, quando muitas vezes não se distinguiram pelas idéas, ao menos distinguiram-se pelas pessoas. Havia um elemento fluctuante, massa adventicia, que acompanhava todas as situações e que servindo quaesquer governos a nenhum inspirava confiança real. O que, porém, o paiz inteiro conhecia eram duas phalanges, dois punhados de homens politicos possuidores de maior ou menor influencia nas zonas onde viviam, e, que quaesquer que fossem as condições de fortuna ou de adversidade, ficavam nos logares onde as suas idéas, as suas ligações e o seu partido os haviam collocado. Quando mudavam as situações politicas, podia haver transfugas, porem, elles eram tão raros que o paiz inteiro os ficava conhecendo. Hoje, porém, não: ou ainda não ha partidos, ou os homens politicos não se podem mais conformar com a vida e os sacrificios das opposições. A empigem do adhesismo lastrou pela superficie da Republica e absorve toda a actividade da organização nascente, consumindo-lhe os esforços e matando-lhe as debeis energias.

A minha alliança não se fez com o general Glycerio, fez-se com a opposição, que era a politica de onze Estados, a politica republicana anti-reaccionaria, contraria aos actos e orientação de um governo que infallivelmente nos conduzia a novas agitações no interior do paiz e a grandes desastres financeiros que trariam o total descredito no estrangeiro. Nessa opposição figurava a quasi totalidade do antigo pessoal da propaganda, o elemento que defendera a Republica nos seus momentos difficeis. Quintino Bo-



cayuva, Pinheiro Machado, Lauro Sodré, Pedro Velho, Fernando Lobo, e tantos outros, cuja autoridade e cujos serviços á Republica ninguem poderia contestar, foram outros tantos aliados como eu.

Além disso, o general Glycerio até o momento da scisão era o homem politico mais poderoso deste paiz; o partido que elle dirigia só lhe descobria virtudes e merito, dedicação e lealdade, actividade e serviços: ninguem lhe creasse a minima difficuldade ou fizesse a mais ligeira objecção ás suas inspirações e desejos. No dia seguinte ao da scisão, os seus co-religionarios da vespera telegraphavam para os Estados que elle estava liquidado, era um cadaver cuja aproximação poderia infectar. De sorte que, quando elle começava a expiar os seus erros na adversidade, combatendo uma politica impatriotica, oppondo-se aos desmandos e erros de uma administração sem talento, sem capacidade, sem energias, que, dia a dia, precipitava o paiz nas mais sérias difficuldades e perigos, quando, por amor ás tradições republicanas e aos interesses mais elevados da Nação, ia procurar a situação incommoda, desagradavel, cheia de sacrificios, de fazer opposição a um seu antigo companheiro de lutas, cuja eleição elle promovera, quando os acontecimentos o forçaram e a seus amigos a assumir essa attitude, que inconstestavelmente tem muito mais superioridade moral do que a dos eternos adoradores do poder, é que se me accusa de tel-o acompanhado, eu que anteriormente nunca me achara entre os seus entusiastas!

Triste realidade! Para conhecer dos meritos e valor de um homem de Estado o criterio unico é dar-lhe ou tirar-lhe o poder! Na vespera era um prodigio de tino e de sagacidade; no dia seguinte é um condemnado, sobre o qual não ha brutalidade villã que não se julgue com direito de atirar uma pedra.

Se subtrahido á administração do paiz o influxo politico do general Glycerio, ella tivesse melhorado, comprehendia eu os motivos desse côro de imprecações com que perseguem o eminente republicano. Ha, porém, quem possa affirmar de boa fé semelhante coisa, ha quem tenha a coragem de sustentar tamanho absurdo? Em que foi que melhorou a



situação do paiz depois da scisão? Na ordem politica, na ordem financeira, na ordem economica, na ordem moral, o que foi que se corrigiu, que se aperfeiçoou, o que se adiantou? Ao contrario, está tudo muito peor do que dantes, e ninguem ha que possa contestar este asserto. Se o presidente da Republica, procurando ostensivamente romper com a direcção politica do seu antigo camarada, o chefe paulista, quizesse emancipar-se de qualquer influencia ou suggestão que lhe parecesse menos toleravel para um chefe de Nação, a scisão, ainda quando fosse um erro, teria essa attenuante, de certa elevação; S. Ex. assim não fez: o paiz inteiro sabe quaes são os directores da politica nacional, e é por um sentimento de pejo que eu procuro calar os seus nomes. Diante do que se está observando, diga a opinião justa dos homens honestos, entre a influencia do general Glycerio e a dos homens que ditam hoje as vinganças e perseguições ao Dr. Prudente de Moraes, e exercem sobre seu espirito enfermo as perniciosas suggestões que deshonram o seu governo, quem é que hesitaria?

Julgo que ninguem; foi o que fiz forçado a decidir-me entre os que apoiam e os que combatem a politica nefasta da primeira presidencia civil.

---

Assim como não havia concorrido para a scisão do partido, tambem não collaborei para a escolha de candidatos á eleição presidencial. Desde meiado de setembro achava-me enfermo, e conservava-me no leito quando deram-se as reuniões previa e definitiva da Convenção. Acredito que d'ahi vieram todos os factores dissolventes dessa força poderosa, activa, brilhante da opposição constitucional que o sentimento republicano havia creado. Na minha convalescença, empreguei todos os esforços afim de ver se seria possivel dissipar qualquer divergencia e resentimento e se em torno das candidaturas escolhidas congregavam-se com firmeza e cohesão todos os elementos de que, até a vespera da Convenção, tão leal e entusiasticamente dispunhamos.



Os meus amigos politicos pediram-me para escrever o manifesto de apresentação dos candidatos : desempenhei-me com o melhor intuito de bem servir-os e a Republica da incumbencia que me fôra confiada.

Neste empenho proseguia de animar os amigos politicos, de congregal-os, de evitar qualquer dispersão, afim de que elles disputassem o pleito de março, com todas as forças de que dispunha a opposição, quando se deu a catastrophe de 5 de novembro.

Poucos dias antes, havia eu escripto, conjunctamente com o general Glycerio e com o senador Pedro Velho, uma longa carta ao Dr. Julio de Castilhos, digno presidente do Rio Grande do Sul, invocando todo o seu prestigio, toda a sua autoridade, todo o seu amor á causa republicana, afim de que cessassem as divergencias e unidos pudessem ir ás urnas os mais fortes elementos de resistencia á politica reactiva do governo. «Uma palavra que dirigirdes aos vossos co-religionarios é um grito de animação e um brado de conforto», dizia eu.»

Ainda no dia do desgraçado facto, conversavamos todos nós, senadores e deputados, que nos reunimos para ir ao desembarque das forças victoriosas que voltavam de Canudos, ácerca dos recursos e meios de preparar a campanha da opposição.

Apezar de não sentir-me completamente restabelecido dos meus incommodos, compareci a essa recepção, não só por ser amigo pessoal do general Barbosa, que com a minha familia tivera na Bahia, durante a sua estada, as mais delicadas atenções, como porque, tendo a representação do meu Estado decidido apresentar-se toda nessa festa, não me parecia licito que a ella me esquivasse.

Annunciaram a chegada do vapor no dia 4, e nesse dia fui encontrar-me com o senador Pinheiro Machado, a quem convidei para irmos juntos a bordo. S. Ex. aceitou o convite, e em caminho encontramos, no largo da Lapa, o Dr. Arthur Rios, que nos communicou ter o Lloyd lhe avisado que o vapor chegava ás 2 horas. Era muito cedo e o senador Pinheiro Machado insistiu para que fossemos passar o tempo que faltava no Senado, onde eu não comparecia ha quasi dois mezes. Ahi estive e dahi nos dirigimos para a guarda-moria, local escolhido



para o nosso embarque. Ao chegarmos a esta repartição, soubemos, depois de pequena demora, que o vapor nacional não chegava nesse dia.

No dia seguinte, depois de nos termos reunido, mais ou menos os mesmos senadores e deputados da vespera, e conversado abertamente, sem reserva, sobre diversos assumptos, entre os quaes a convocação do *meeting* do dia 9, embarcamos na lancha da Alfandega para ir a bordo do *Espirito Santo*.

Ahi chegamos entre vivas ruidosos e reciprocos de saudação e de affecto. Conversava-se com a maior despreoccupação sobre a luta de Canudos e seus incidentes, quando as fortalezas e navios de guerra annunciaram a vinda do presidente. S. Ex. foi recebido com as continencias devidas, porém, diga-se a verdade, sem um viva. Afastei-me discretamente e puz-me a examinar uns miseros mutilados da campanha, outros cegos e afinal um febricitante que, estendido num banco do tombadilho, pareceu-me atacado de variola. Quando terminei esse exame S. Ex. já se havia retirado, e falava o Dr. Barbosa Lima.

De tudo quanto ouvi do discurso desse illustre deputado só havia expansões entusiasticas ao exercito e honrosas referencias á memoria do marechal Floriano. Em seguida, o general Barbosa avisou-me de que ia desembarcar e offereceu-me um logar em sua lancha. Viemos juntos e ao chegar á pequena doca do Arsenal de Guerra convidou-nos o general Argollo para passarmos para o seu escaler. Quando ahi estavamos foi que recebemos a noticia do que se havia dado. Não acreditamos, tal era a brutalidade da surpresa. Saltando, recebemos a confirmação pelos officiaes que nos vieram receber. Os vivas que saudaram os recém-chegados e que envolveram, entre os nomes de Arthur Oscar e Silva Barbosa, o meu, partiram de todo o povo que enchia as lanchas, o cáes e as circumvizinhanças. Eram populares, parentes, amigos e curiosos que aguardavam a volta das tropas. Aquella gente nada tinha absolutamente com o attentado, que já havia occorrido certamente ha mais do meia hora.

O primeiro cuidado que tivemos, eu e os generaes



Costallat e Argollo, logo que nos foi communicada a noticia, foi aconselhar ao general Barbosa que agradecesse as manifestações e tirasse qualquer character festivo á recepção. Elle assim o fez, pedindo para acompanhar-me ao portão, onde nos despedimos eu e meu irmão, o coronel Victorino, saindo juntos, a pé até o bond proximo.

Eis o que se passou: censuram-me não ter prestado cuidados cirurgicos aos feridos. Esta censura, porém, não tem fundamento: o marechal já estava morto, e o coronel Mendes de Moraes estava sendo medicado. A prova mais cabal de que os meus cuidados não eram necessarios, evidencia-se do facto de que, ao saltar, uma das primeiras pessoas que nós vimos, no alto da escada, aguardando os heroicos officiaes que voltavam, era o Dr. Paula Guimarães, deputado e cirurgião do exercito, que ali não estaria se houvesse doentes a tratar.

Recolhi-me á casa, tristemente impressionado, e disposto a escrever ao Sr. presidente da Republica, condemnando, como era do meu dever, o attentado e apresentando, com as minhas congratulações por ter S. Ex. escapado desse crime selvagem, os sentidos pezames pela morte do leal e valente marechal Machado Bittencourt.

Não ia pessoalmente, porque S. Ex. havia me fechado as portas do palacio com a descortezia do seu procedimento, e com a suspeita de sua espionagem.

Não se me tardou, porém, a communicar que S. Ex. entrara em palacio, pallido, desvairado, e á vista de reporters de jornaes, de curiosos, de pessoas diversas que affluam, attribuia á opposição esse acto de estúpida fereza a que S. Ex. escapara!

No dia seguinte, publicavam os jornaes de S. Paulo telegrammas reproduzindo as palavras proferidas por S. Ex.: «estava tudo preparado, o fim era a eleição de 1.º de Março, o Manuel Victorino faria tudo quanto elles quizessem, tendo ido a bordo para se fazer acclamar.»

Imputação de um louco ou de um perverso, S. Ex. não o faria se um momento de reflexão tivesse acalmado o seu espirito!

O Dr. Prudente de Moraes sabe perfeitamente que



eu não sou homem de governo que faça o que os outros querem, e bem comprehende que o vice-presidente da Republica não tem necessidade de se fazer acclamar para substituil-o ou succeder-lhe quando se faça mister.

Sem a mais rudimentar compostura e gravidade, esquecido dos mais elementares deveres de um homem educado, totalmente dominado pelo odio e pela vingança, S. Ex. não reflectiu que era um chefe de Nação; suppoz que podia atirar-se ás coleras do seu desabafo, injuriando, calumniando, infamando homens que S. Ex. perfeitamente sabia ou devia saber que eram incapazes, physica, moral e politicamente, de tão revoltante brutalidade. Sem que o minimo indicio lhe tivesse sido ministrado, nem de leve fôra interrogado o criminoso, já S. Ex. emittia, perante homens que o presidente da Republica via talvez pela primeira vez, tão abjectos conceitos ácerca dos personagens mais salientes da opposição.

Este misero e indigno exemplo fructificou; estava dada a senha da perseguição; no dia seguinte, os jornaes governistas iniciavam a campanha diffamatoria e os agentes policiaes recebiam as instrucções secretas para agirem no sentido dessa hedionda empreza.

E' impossivel que os homens politicos de maior ponderação dentre os que apoiam o governo já não se tenham arrependido desse tristissimo papel que representaram. Se o senso moral não se acha de todo abolido entre os amigos da situação que exerceram a função delatora na imprensa e no Congresso, devem elles estar envergonhados do que escreveram e do que disseram.

Estava reservado ao partido politico que o Dr. Prudente de Moraes creou, para o seu uso pessoal, esta singular affirmação, attestado o mais vehemente da degradação moral do paiz e que constitue factu unico na historia dos povos cultos: atirar sobre uma opposição constitucional que representava onze Estados da União a cumplicidade na tentativa de um assassinato commum.

Até onde vai a barbaria de costumes politicos, e a baixa politicagem que transporta para a alta admi-



nistração do paiz os recursos empregados na carreira sem escrúpulos de alguns mandões de aldeia? Não ha quem deixe de ter noticias destes factos: nas vespervas de uma eleição é preciso envolver em algum processo a opposição que possa prejudical-a. Eis o que promptemente acudiu ao espirito dos que se podem qualificar, com justiça, de mais physica e moralmente monstruosos. E assim se fez.

Os assassinatos da Irlanda em que uma das victimas foi o vice-rei, quando o parnellismo havia adquirido a sua maior culminancia e agitação, não permittiu a nenhmm dos membros da Camara dos Communs ou dos Lords que attribuisse ao partido do *home rule* a cumplicidade daquelles negros attentados.

A morte do Sadi Carnot, victima do punhal de Caserio Santo, que soube, habilidade conhecida, envolvel-o em flores, dias depois da repressão cruel das greves de Carmaux, em que o ministro Périer não poupara velhos, mulheres e crianças, nunca foi attribuida aos socialistas da Camara. No entanto, nada de mais suggestivo se podia produzir nessa assembléa do que levarém aquelles representantes as roupas ensanguentadas e crivadas de balas dos mortos e feridos da repressão deshumana e as apresentarem, com vibrantes imprecações, ás galerias attonitas!

Ninguem disse que Idiarte Borda havia sido assassinado pelo partido blanco.

O partido liberal da Hespanha pôde com dignidade e nobreza aproximar-se do tumulto de Canovas del Castillo e lá depor o testemunho da dolorosa admiração que o grande morto lhe inspirava!

Os soberanos não se fazem pelo accidente das eleições, elevam-se pela magestade e grandeza dos sentimentos que os distinguem. Ninguem pediu nem pede a S. Ex. clemencia, muito menos misericordia; o que não é absolutamente digno de um homem que representa a soberania, mais do que isso, a grandeza moral de um povo, é esse attentado desprezível de quem manda confabular com os assassinos para preparar a deshonra de seu successor!

Só ha uma hypothese de descer um soberano de tão alto para olhar e tratar a miseria dos que o offendem — é quando vai como a regente da Hes-



panha levar a bondade dos carinhos de mãe á filha do conspirador Villacampa. Se S. Ex. não sabe ser generoso, seja ao menos honesto.

Se nem todos sabem ser soberanos, sejam ao menos homens!

A regente da Hespanha acabou os pronunciamentos na patria heroica de seu filho; o Dr. Prudente de Moraes creou o assassinato commum como arma politica dos partidos no Brazil!

A natureza prodigiosamente variavel na multiplicidade dos seus phenomenos é, entretanto, muito simples e semelhante nas leis que os regem. Quem já uma vez tiver observado a evolução de uma dessas affecções monstruosas que, como o cancer da face, tornam hediondo um infeliz, dirá como é ligeiro e innocente o primeiro vestigio do mal. Pequena erosão que apenas esfolia a epiderme, pouco á pouco, estende-se e penetra como um estygma indelevel, que não ha cauterio que apague: mais tarde ulcera profunda que deforma; destruição extensa, que invade os tecidos; infecção rapida, que não conhece limites nem respeita orgãos, até os centros mais essenciaes á cerebração e á vida, onde a explosão terrivel dos mais graves symptomas denuncia a crise medonha da loucura ou da morte: eis a marcha igualmente descripta para o despeito e para o ciúme.

Auxiliar solicito da sua politica, o merito que os factos me pudessem dar, mal tocava a sua sensibilidade egoista, a saliencia que os acontecimentos foram gradualmente conferindo-me cavavam, dia a dia, a destruição de todos os affectos, de todos os laços, de todas as attenções; o meu governo, applaudido pelo paiz e pelo estrangeiro, minou-lhe profundamente os orgãos moraes dos mais altos sentimentos do justo, do bom, do honesto, e a explosão terrivel desse delirio que o grande tragico inglez tão admiravelmente descreve, irrompeu no momento fatal em que o terror da morte violenta mostrou-lhe o contraste que o seu antecessor lhe havia creado!

Estava dada a senha da perseguição. Havia um



homem que era preciso moralmente eliminar, se o suicidio não se encarregasse igualmente de supprimir. Ao despeito e ao crime juntaram-se as frias e calculadas conveniências politicas. Um deputado teve a ingenuidade de declarar que era um grande mal o modo constitucional de produzir-se a successão da presidencia, permittindo a substituição dos partidos. Para esse representante do paiz só havia um meio correcto de funcionar o regimen, com a perpetuidade dos partidos no poder: era dispensar o Vice-Presidente, quando elle fosse de politica adversa.

As inspirações do odio e do despeito combinavam-se com os interesses partidarios. A successão seria o terror para os elementos que se haviam congregado: era preciso a todo o custo evital-a.

O presidente já andava enfermo, o abalo que acabara de soffrer muito o prostrara; fazia-se mister ir buscar fóra da Vice-Presidente quem púdesse substituil-o.

E' curioso ir acompanhando nas publicações da imprensa, nos actos da presidencia e da policia o desenvolvimento dessa trama que o proprio inquerito claramente revela.

Como documento de alto valor no estudo de tão abominavel machinação figuram em primeiro lugar os discursos e expansões do Presidente, respondendo ás corporações que o foram cumprimentar e dirigindo-se até aos membros do corpo diplomatico. Nenhum interrogatorio estava feito, nada se havia colhido, como se vê cotejando as datas, e já o Dr. Prudente de Moraes assim se dirigia á officialidade da guarda nacional que o fóra felicitar:

«O povo brasileiro, disse S. Ex., viu com indifferença a propaganda que na tribuna, na imprensa e na praça publica se fazia, indo-se nessa propaganda até o ponto de eliminar o chefe do Estado para chegar-se ao poder. Aquelle misero assassino, que tentou contra a vida do primeiro magistrado da Nação e matou o illustre marechal Bittencourt, não agio por si; o seu nefando crime foi a consequencia dessa impatrioca propaganda, desse trama tão contrario aos sentimentos da nossa nacionalidade, que viu assim o seu nome tão indignamente conspurcado. Ambicionavam este palacio dourado e a elle queriam chegar



pelo sangue. Aquelles, porém, que assim tramaram, podem ter a certeza, sejam quaes forem as suas condições, seja qual fôr a sua posição, serão castigados.

É preciso lavar do nome brasileiro a nodosa sobre elle lançada pelo hediondo attentado.»

Era a imputação leviana e calumniosa envolvendo a ameaça descréitoria e irreflectida. Seria, porventura, S. Ex. algum órgão da justiça publica para qualificar criminosos e conjurar-lhes a applicação de penas severas? O decoro de seu proprio cargo, as reservas que lhe impunha o factó de ser parte em tão grave questão, o respeito que S. Ex. devia ás funcções que exerciam essas pessoas eminentes a que o seu discurso parecia referir-se e ás corporações de que ellas faziam parte, não o obrigavam a calar aquellas injurias e ameaças?

Eram o odio e o sentimento de perseguição que o dominava.

S. Ex. só os calou, quando não teve mais manifestações a responder e quando entrou a dirigir o inquerito e a campanha diffamatoria da imprensa.

Vê-se pelos artigos das folhas paulistas, transcriptos diariamente no *Jornal do Commercio*, o que se passou no espirito do Presidente, cujos parentes e serviços remetiam para a capital do Estado visinho o reflexo das suas impressões e dos seus desejos. A principio, descobre-se nos editoriaes do *Correio Paulistano* e de algumas publicações assignadas, creio que com um pseudonymo, o receio do governo de assumir a iniciativa e responsabilidade da abjecta calumnia do inquerito. A minha co-participação era apenas moral, como politico director do partido em opposição. As minhas ligações com o general Glycerio e os perseguidos do sitio obrigavam-me a resignar o meu cargo. Citava-se-me o exemplo do prefeito do Districto Federal.

A estas suggestões da imprensa juntava-se, de vez em quando, uma ou outra ameaça de prisão, um ou outro conselho de evitar qualquer desacato, em summa, o uso de recursos que me pudesse aterrar. Nada disso me demoyia do firme proposito de conservar-me em minha casa e de manter-me no cargo para o qual havia sido eleito pela Nação.

Quando se esgotaram todos estes processos, come-



eram os mesmos órgãos de publicidade e os amigos do governo a annunciar que os presos haviam feito revelações. A alguns dos mais intímitos, ma's de uma vez, escapou esta phrase, acompanhada de um sorriso singular: *o inquerito está sendo feito com muita habilidade*. Estas palavras são textuaes de um senador.

Já a minha responsabilidade começou a ser directa, já se affirmava que o assassino se correspondera commigo e com o general Glycerio.

Em doses fraccionadas, sahia do Cattete o veneno com que o Presidente mandava torturar-me, atacando a minha reputação e a minha honra e privando-me absolutamente de qualquer defeza. O inquerito fazia-se em segredo de justiça; mas o que convinha que fosse, pouco a pouco, publicado, para explorar a opinião ou preparar-a, de modo a que ella recebesse, sem maior repulsa, o monstruoso desfecho, rompeu esse segredo e foi discretamente confiado á reportagem dos jornaes amigos.

As conferencias entre o Dr. Prudente de Moraes e o chefe de policia e o delegado, e entre estes e o ministro succediam-se frequentemente. O Presidente da Republica investiu-se das funcções de agente policial e em pessoa presidia e guiava o inquerito.

Tudo se lhe communicava e em tudo elle intervinha com o seu conselho.

Assim, preparou-se essa obra: a mais torpe e brutal perseguição que têm soffrido no Brasil homens politicos.

Visando todos os effeitos de enorme escandalo, publicou-se o inquerito com o maior aparato e a mais extensa vulgarisação. Passada a primeira impressão, o espirito publico foi-se possuindo da indignidade e baixeza desse documento, que coisa alguma provava, a não ser a falta de criterio ou, autes, de senso moral de um governo, que buscava deshorrar a propria Republica, infamando alguns dos seus homens mais eminentes pela posição politica ou official que occupavam.

A reacção operava-se e o governo sentia-se mal. Era mister sustentar e fazer vingar as deducções da monstruosa peça.

Iniciou-se, então, essa campanha em torno dos juizes — injuria atirada pelo governo aos repre-



sentantes de um poder independente e respeitavel.

A qualificação do delicto foi o pretexto para esse assedio em que os escrupulos do presidente da Republica foram tão poucos que mandava-se annunciar pela imprensa as conferencias que tinha tido o ministro do interior com o juiz que fôra incumbido de relatar sobre o conflicto de competencia.

A causa segue hoje seus turnos no tribunal. Não accedi ao convite do digno juiz e dei-lhe, em officio e protesto que lhe enviei, os motivos do meu acto.

Respeito a autoridade e a funcção que elle nobremente exerce; mas sou forçado a sustentar a dignidade do meu cargo, que não pôde ficar a mercê da primeira calumnia que me assacarem e de qualquer denuncia que contra mim queiram intentar o despeito e o odio.

Toda a minha vida publica e particular; todos os meus actos e sentimentos politicos seriam a minha melhor defesa, se por acaso devesse um homem, que sempre mereceu a estima dos seus concidadãos e que hoje representa, como o Presidente da Republica, a confiança da maioria da Nação, aceitar como elemento sério de accusação a declaração calumniosa suggerida a um infeliz com o fim claro e evidente de, manchando o conceito moral do funcionario, annular-o para a funcção que elle exerce como um dever que lhe impoz a soberania nacional.

Se o interesse ou a ambição pudesse subitamente perverter o caracter de um homem e dar-lhe sentimento ou instinctos, que elle jamais revelou, quando era muito menor a sua responsabilidade moral e social, ainda assim este movel não teria existido no meu caso.

A 14 de Julho do anno findo, dizia eu aos meus concidadãos, como um compromisso formal tomado perante elles—as seguintes palavras proferidas na recepção do general Glycerio, e que o *Paiz* publicou:

«Termina agradecendo as provas de apreço e se declarando solidario com a opposição constitucional, e só com esta, porque não accitaria o legado de um governo que lhe fosse ás mãos por meio de uma violencia, mesmo porque considera este legado uma mortalha, um sudario, em virtude das graves diffi-



culdades que a incapacidade creou e que a perfidia alimenta.»

Que interesse podia ter o Vice-Presidente de crear uma situação que, ou não lhe aproveitaria, se elle cumprisse o seu compromisso, ou, se faltasse a essa declaração, condemnal-o-hia á situação moral a mais desprezível e abominavel de ficar sujeito á influencia deprimente e vil de uma cumplicidade que seria a tortura implacavel de todos os seus actos? Eu, que havia feito um governo que se cercara do maior prestigio e elevação, que conquistara a confiança inteira do paiz, ia collocar o poder publico á discreção da leviandade e da perversidade de um ente, cujos antecedentes são de um desequilibrado, que tem a obsessão politica das idéas e dos planos os mais extravagantes e tresloucados?

Era preciso que eu foss' um imbecil, e isto, até agora, o mais implacavel e cruel dos meus detractores não póde attribuir-me.

Além disso, esse homem, cuja co-autoria do crime o inquerito assignala, viveu sempre em região anti-poda em relação áquella onde vivi. O seu jornal nunca poupou-me—tal era o odio que elle me votava pela minha affeição e sympathia á nacionalidade portugueza, á qual pertencia o honrado operario a quem devo a vida e a educação.

Como seria possivel uma aproximação que jamais fóra precedida de qualquer acto de confiança e solidariiedade?

Até o ultimo momento que precedeu o facto, todos os meus actos provam que a minha preocupação era auxiliar os amigos e co-religionarios para a campanha eleitoral de Março, com os elementos de opposição; como podia eu, pois, ter tido conhecimento de que se premeditava tal attentado?

Não entro na analyse do inquerito: esse trabalho, que não cabe em manifesto desta natureza, já foi e será ainda magistral e detidamente analysado. O que se encontra em tão inepto e torpe documento é apenas uma delação sem nenhum valor juridico, e uma carta, que só poderá provar contra os meus intuitos e sentimentos, presumindo a estupidez dos que a lerem.

Não ha quem possa ignorar hoje, taes são as revelações que se vão dando: a policia preparou e suggeriu



as referencias que são attribuidas a declarações dos indiciados, envolvendo no processo homens politicos e particularmente o Vice-Presidência da Republica.

Pouco tempo antes de ser publicado o inquerito, promoveu o delegado que o fazia, uma acareação, a que assistiram diversos representantes da imprensa. Quando um dos indiciados como co-auctor do crime referia-se a homens qualificados e politicos, um official do exercito, tambem preso, e confidente seu, interrompeu-o irritado, «protestando contra aquella indignidade que procurava envolver no attentado homens que nada tinham com elle».

O delegado mandou-o calar, e disse-lhe que só respondesse quando fosse interrogado.

Dessa acareação, de que podem dar testemunho diversos representantes de jornaes, o inquerito não se occupou por não lhe convir.

Os indiciados presos affirmam aos seus advogados que têm sido ameaçados até de solitaria, tendo sido um delles physicamente maltratado, se não confirmarem o que o inquerito lhes attribuiu, mormente contra o vice-presidente da Republica.

Nada mais digo ácerca de tão inconcebivel e repelente machinação. A justiça melhor dirá quem são os verdadeiros culpados, e o governo do Dr. Prudente de Moraes sentirá em toda a sua austeridade o juizo dos homens rectos.

Entretanto, pôde S. Ex. conseguir uma coisa: ferir profundamente a sensibilidade moral do homem, desrespeitar perversa e cruelmente a autoridade politica do vice-presidente da Republica. Ambos estes attentados, qualquer que seja a reparação que possam ter, deixaram no coração do chefe de familia, na alma do patriota, funda e dolorosa magua.

Quero que S. Ex. saiba, isso pôde alegrar-o: tem meio dos grandes soffrimentos, que me compungiram, o meu maior empenho, a minha mais cuidadosa preocupação era subtrahir os jornaes á leitura curiosa e inquieta dos meus filhos e á solicitude enferma e incessante da santa e meiga velhinha, que não quiz conservar-me.

Nada ha mais implacavel e cruel do que a bondade e a innocencia. No quadro mais celebre de Leonardo de Vinci, *A Ceia*, o que surprehende e



commove a todos é o meigo olhar de Jesus, coando-se por entre as palpebras semicerradas e humidas, e caindo como um raio de luz sobre o discípulo traidor!

Peça S. Ex. a Deus, se nelle acredita, que lhe poupe a angustia do misero transfuga, e que a luz do eterno Ideal, da justiça, do bem, do amor, não lhe caia na consciencia, como se projectou na face do desgraçado o olhar do Senhor!

Póde o Dr. Prudente de Moraes ficar tranquillo; não ha mais possibilidade de uma luta entre nós: S. Ex. não tem escrupulos na escolha das armas, não é um adversario, não é um inimigo, nem é um cavalleiro.

Antes, porém, de nos separarmos, é mister que eu o empraize para um tribunal a que ambos nós devemos comparecer.

E' diante da opinião nacional e do juizo das nações cultas que eu e S. Ex. teremos de responder.

Para accusar-me, o Dr. Prudente de Moraes só encontrou a delação calumniosa attribuida a um infeliz no seu inquerito policial.

O seu libello, porém, eu delxei escripto na longa e penosa exposição dos males que affligem a minha Patria. De todas as desventuras que, sincera e fielmente, referi, o culpado é o presidente da Republica, é a sua politica sem elevação, sem talento, sem competencia, e somente dominada pela inveja e pelo odio.

S. Ex. é réo perante o seu partido, perante a Nação e perante o mundo civilisado.

« *Sucia de cannibaes* »! bradava, n'um momento de sublime indignação, o defensor do sentimento universal da justiça, o esforçado lutador que não trepidou arcar com a maioria de um povo para salvar um direito opprimido!

Que maior cannibalismo do que este, de que deixaste o mais triste exemplo, vesga e disforme personificação da soberania de um povo?

A miseria e o odio no interior, o descredito e a degradação moral no exterior, a infamia atirada aos



mais altos magistrados do paiz, o sitio, a fome, a banca-rotta, de quem essa obra de formidavel destruição?

Respondam todos os humilhados e offendidos, todos os que sentem a desgraça e a perseguição.

Eu, porem, desde já, desafio a S. Ex. para que venha, aos olhos de Deus, perante a Nação que nos ouve, com as mãos no fundo da consciencia, repetir o que eu digo, e com a mesma serenidade e altivez:

—Juro que nunca deshonrei a minha Patria!

Rio, 24 de Fevereiro de 1898.

Manceb Victorino Pereira,

VICE-PRESIDENTE DA REPUBLICA.







